

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS**

MARIA CLARA PEREIRA SOARES

**CORDELISTAS:
TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO CORDEL**

**SANTO ANDRÉ - SP
2018**

MARIA CLARA PEREIRA SOARES

**CORDELISTAS:
TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO CORDEL**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Federal do ABC como parte
dos requisitos para obtenção do título de
mestre em Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Professora Marilda Aparecida
de Menezes

Co-orientadora: Professora Mariana
Thibes

**SANTO ANDRÉ - SP
2018**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do ABC
Elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFABC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Soares, Maria Clara Pereira
CORDELISTAS : TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO CORDEL / Maria Clara Pereira
Soares. — 2018.

135 fls. : il.

Orientadora: Marilda Aparecida de Menezes
Coorientadora: Mariana Zanata Thibes

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do ABC, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Santo André, 2018.

1. Cordel. 2. Transformações. 3. Cordelistas. 4. Cordel Brasileiro. 5.
Trajetórias. I. Menezes, Marilda Aparecida de. II. Thibes, Mariana Zanata. III.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, 2018. IV. Título.

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações levantadas pela banca no dia da defesa, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

Santo André, 09 de Outubro de 2018.

Assinatura do autor: Yara Clara Ben

Assinatura do orientador: Mallena



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais
Avenida dos Estados, 5001 – Bairro Santa Terezinha – Santo André – SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996-0017
ppg.chs@ufabc.edu.br

FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Maria Clara Pereira Soares, realizada em 9 de agosto de 2018:

Prof.(a) Dr.(a) **Marilda Aparecida de Menezes** (Universidade Federal do ABC) – Presidente

Prof.(a) Dr.(a) **Maria Livia de Tommasi** (Universidade Federal do ABC) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Jaime Santos Júnior** (Universidade Federal do ABC) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Jurani Oliveira Clementino** (Faculdade Maurício de Nassau) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Adriana Capuano de Oliveira** (Universidade Federal do ABC) – Membro Suplente

Prof.(a) Dr.(a) **Aderaldo Luciano dos Santos** (Ensino Editora) – Membro Suplente

Prof.(a) Dr.(a) **Francisca Pereira dos Santos** (Universidade Federal do Cariri) – Membro Suplente

*Dedico a todos cordelistas,
homens e mulheres,
que fazem dessa arte um
instrumento mobilizador
da cultura brasileira.*

AGRADECIMENTOS

Quero utilizar esse espaço para agradecer algumas pessoas importantes que fizeram parte dessa construção, que não é nada fácil, entrar e conseguir sair da universidade, com todos os obstáculos que encontramos para realizar essa empreitada. Primeiramente, aos meus pais que muito fizeram para eu poder entrar nesse espaço, ter condições de entrar em uma universidade pública, com eles por grande parte garantindo minhas condições objetivas, além do imenso incentivo de permanecer estudando com diversos outros motivos nos puxando para fora. Sem esse incentivo e criação, de entender a importância dos estudos e da formação para sobrevivermos nesta sociedade capitalista, que infelizmente nos exige demais, para além do necessário, e de não me deixarem desistir. Agradeço sem barreiras a Rosi Pereira e Nando Poeta por fazerem parte deste produto. Obrigada minha tia Cleia que sempre me deu suporte e apoio em todo esse período, minha segunda mãe. Em consequência meus irmãos Nanda Psoa e Viny Psoa por sempre acreditarem no meu potencial e transbordarem carinho por sua caçulinha!

Agradeço aos meus colegas de turma, Ana, Amanda, Jéssica, Hillen, Noel, Viny e todos os demais, por segurarem a outra mão e me puxarem para finalização desse período na UFABC. Foram muito importantes para eu entender o meu papel dentro de uma universidade pública, enquanto cotista, classe trabalhadora, nordestina migrante e mulher! Vocês não sabem o quanto foram fundamentais para eu estar escrevendo esse relato aqui. Obrigada também, às minhas orientadoras Marilda e Mariana, obtive aprendizados importantes para a evolução deste trabalho, agradeço principalmente pela paciência que tiveram comigo durante todo esse tempo.

E por último, nem um pouco menos importante, quero agradecer o meu companheiro de longa vida, quem eu entreguei todos meus sentimentos, que me acompanhou em todas as minhas dificuldades neste trabalho e nas minhas maiores alegrias quando finalizava essa dissertação. Quem ficou ao meu lado nos domingos enquanto escrevia, fazendo comida, relendo os parágrafos, dialogando comigo as teorias. Quem filmou as entrevistas dos cordelistas, me ajudou nas transcrições, que falou se alguma coisa que escrevia não fazia sentido. Quem leu esse trabalho finalizado mais de uma vez, junto comigo, para ver se tinha algo errado e quem também brigava comigo para me dedicar a escrever e sentar na cadeira para tal.

Bruno Raphael, meu amor, te agradeço por todo incentivo, dedicação e paciência que teve nesse momento tão crucial e difícil, mas muito gratificante em minha vida!

Para finalizar quero deixar aqui minha indignação de quanto é difícil concluir uma universidade, no mestrado, graduação, se ao mesmo tempo trabalhamos. Infelizmente as universidades públicas do Brasil estão cada vez em uma piora, não garantindo permanência estudantil, por muitas vezes pensei em desistir por não conseguir cumprir os prazos ou por me achar incapacitada de realizar esse mestrado. A universidade tem que servir de apoio e dar condições para aqueles mais necessitados para conseguirem concluir seus estudos e não de forma contrária, criar mecanismos e normas que cada vez mais afasta os trabalhadores, pobres periféricos do sonho de virar Doutor! Pensemos nisso!

“Quem lhe deu a verdade absoluta?
Não há nada absoluto.
Tudo se transforma, tudo se move,
tudo revoluciona, tudo voa e vai...”
Frida Kahlo.

RESUMO

Cordelistas: trajetórias e transformações do cordel é uma análise sobre os caminhos que o cordel percorreu até os dias de hoje. Pesquisamos sua história, em que contexto histórico, econômico e político o país vivia quando o cordel foi evidenciado no Brasil. Além disso, lançamos luz sobre o berço do cordel, sobre os principais impulsionadores desse gênero poético literário e como ele foi se desenvolvendo ao longo do tempo até chegar no dias de hoje, uma cultura produzida e reconhecida, por todo o país. Trabalhamos alguns aspectos que caracterizam esse desenvolvimento: avaliamos algumas organizações, o movimento *Caravana do Cordel* em São Paulo/SP e a *Associação Cultural Estação do Cordel* em Natal/RN, buscando outras experiências existentes no *mundo* do cordel que foram fundamentais para que hoje os poetas populares contemporâneos tenham mais possibilidade de êxito em suas trajetórias. Trazemos as experiências dos cordelistas que nelas se organizam, produzem e movimentam o cordel. Finalizando com as trajetórias individuais que compõem esses movimentos, como se construíram enquanto poetas, como contribuem para a construção do cordel no Brasil, seus sucessos e dificuldades, encontrados ao longo do percurso da produção do cordel em seus locais de vivência.

Palavras-chave: Cordel. Transformações. Cordelistas. Cordel brasileiro. Trajetórias.

ABSTRACT

Cordelistas: cordel's trajectories and transformation it is an analysis about the way of the cordel's route to the presents days. We searched it's histories, in wich context historic, economic and politic the country was living when the cordel was evidenced in Brazil. Besides that, we shed light on the the cradle of the cordel, about the main drives of this literature And poetic gender and How it was developing as the time passed to the presents days, some culture made and recognized in all of the country. We worked in some aspects that characterize this developing: we evaluated some organizationsl, the Caravana Cordel's movement in São Paulo/SP and the Cultural Association Estation of the Cordel in Natal/RN, searching for others experiencies that exist in the Cordel's world that was fundamental, in this time, to the contemporanies and popular poets have more possibilities of success in his trajectories. We broght the cordelistas' experiencies in wich that organize, produce and moviment the cordel. Finishing with the personal's trajectories that makes up this movement, How they were made like poets, How they contribute to the construction of the Cordel in Brazil, their success and dificuldades founded along the course of the production of the Cordel in their experiencies' places.

Keywords: Cordel, transformation, cordelistas, Brazilian cordel, trajectories.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O CORDEL BRASILEIRO: SUA FORMAÇÃO E SEU SIGNIFICADO	17
2.1. Definições históricas do Cordel	17
2.2. O berço do Cordel Brasileiro.....	22
3. RIMAS, FORMAS E PRODUÇÃO DO CORDEL BRASILEIRO	31
a) A escrita do Cordel.....	31
b) Cordel não é Repente	35
c) A temática do Cordel.....	37
4. A TRAJETÓRIA DOS CORDELISTAS NAS TRANSFORMAÇÕES DO CORDEL	55
4.1. A contribuição das organizações cordelistas.....	55
4.1.1. Caravana do Cordel	65
4.1.2. Estação do Cordel.....	72
4.2. Trajetórias dos cordelistas entrevistados.....	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	108

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomaremos contato com o tema do cordel na perspectiva de sua transformação constante como um gênero literário, a partir das experiências da organização dos cordelistas e suas trajetórias. Esses homens e mulheres são agentes sociais, políticos e propagadores de ideias para leitores da literatura, da qual faz parte o cordel.

As trajetórias dos cordelistas motivaram o meu interesse em desenvolver esse trabalho. Vivenciei a proximidade com a literatura de cordel dentro de casa. Meu pai, Nando Poeta, é cordelista e poeta. A sua atuação cotidiana, seu desejo e paixão pela escrita do cordel são as principais influências para o desenvolvimento deste trabalho.

Ele sempre incentivou a leitura e esteve presente em meus estudos. Mesmo que seu contato com o cordel tenha ocorrido desde a sua infância, que tenha escrito poesias durante toda a vida, faz dez anos que entrou no mundo do cordel como escritor. O mais interessante é ver a ligação que faz entre a arte de escrever rimas com o seu principal projeto de vida, o engajamento político na perspectiva de uma mudança social no mundo.

Ele dedica sua vida à transformação da sociedade e utiliza a cultura para impulsionar esse objetivo, uma vez que escrevem de forma crítica os acontecimentos da realidade. Por também estar envolvida nos movimentos sociais, nas críticas aos problemas sociais, umas das formas que encontrei para entender esse método de luta foi o estudo da cultura, mais especificamente, do cordel.

A princípio, na elaboração do projeto dessa dissertação, meu intuito era abordar o cordel como um instrumento cultural que determina uma identidade nordestina e como essa expressão literária poderia mostrar as imagens do Nordeste fora desse território. Trazendo à baila a migração.

Avaliamos por diversas vezes que estabelecer a relação entre cordel e identidade, ou seja, o cordel como uma expressão da identidade nordestina, exigiria uma problematização maior da própria ideia de "identidade nordestina". Uma cultura não é só pertencente a um grupo ou lugar, mas está em constante mutação, a partir da dinâmica das relações sociais.

O Cordel, com suas influências e mutações, disseminou-se por todo o país, trazendo temas e formas diversas, mas permanece com suas características

intrínsecas de uma literatura brasileira, com suas rimas, métricas e orações. Contudo, o meio em que é produzido influencia diversos aspectos, como a temática, o trabalho com os folhetos, a venda e a divulgação.

Optamos, então, por mudar a questão que norteia o trabalho analisando como os cordelistas se organizam em coletivos para a produção, divulgação e articulação desses cordéis. Pudemos observar essas características nos grupos *Caravana do Cordel*, coletivo fundado em 2009, em São Paulo-SP, por cordelistas moradores da região, hoje já extinto e *A Estação do Cordel*, coletivo fundado em 2017, em Natal-RN, através de um evento organizado por alguns cordelistas, a saber, o *Círculo do Cordel* (2016), do qual pude participar.

Após o exame de qualificação, ao qual essa pesquisa foi submetida, observamos que poderíamos abordar esses aspectos anteriores entendendo o cordel como um todo, em constante transformação, e como parte da literatura brasileira. Portanto, aproveitamos não somente os levantamentos acerca dos aspectos históricos, mas também aqueles relacionados às suas formas de organização. Perpassando, ainda pelas trajetórias individuais dos cordelistas entrevistados no Sudeste e Nordeste, para perceber que são vários os elementos que constituem o cordel no Brasil. A partir daí, observamos as suas mudanças e transformações, ao longo do tempo, no contexto histórico brasileiro.

Como também a ressignificação dos próprios autores de cordel, o seu processo de criação, o meio e a realidade em que escrevem a sua memória. O cordel traz a tona lembranças da vivência de um cordelista que viveu em suas terras e migrou à procura de oportunidades, vamos perceber que o cordel é um elemento de fortalecimento em sua nova vida.

Diante desses dois últimos aspectos, fizemos uma mescla da história do cordel como elemento cultural no Brasil e os aspectos subjetivos que tem por trás desse processo histórico, que são os cordelistas e suas trajetórias, tentando relacionar a migração do nordeste para o sudeste com a vida dos cordelistas migrantes que foram fiéis ao cordel. Também mostrando a realidade de um cordelista que vive no nordeste contemporâneo e a todo custo não deixa essa literatura morrer.

Portanto, dividimos este texto da seguinte forma:

O primeiro capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira, trataremos do significado do Cordel, como surgiu, de onde veio, sua formação e as diferenças

entre autores desde o seu surgimento no Brasil. Encontramos diversas obras que tratam da origem do cordel como derivada da Literatura de Cordel de Portugal do século XVII ou como sendo genuinamente brasileiro, com aspectos diferentes dos europeus. Em consequência dessa discussão, o tema de cultura popular e erudita foi tocado de forma a elucidar algumas diferenciações no tratamento que a sociedade confere a uma cultura produzida por trabalhadores.

Na segunda parte deste primeiro capítulo, tratamos de uma contextualização histórica do Brasil no período do desenvolvimento dessa literatura. Assim discorremos um pouco sobre o berço do cordel, em que local foi evidenciado o primeiro cordelista e sua primeira obra. Produzimos uma análise sobre o Nordeste e sobre como os processos econômicos e sociais se relacionam com a produção cordeliana.

No segundo capítulo, trazemos as formas e técnicas de se fazer o cordel. Suas rimas, métricas, bem como os temas mais abordados pelos cordelistas. As diferenças entre o cordel e o repente, o mito de sua oralidade e os diversos gêneros textuais na escrita do cordel, também é abordado. Além disso, tratamos dos aspectos históricos de sua produção, seu suporte e, no que diz respeito a este último, particularmente, as capas, o tipo de papel utilizado e a venda.

No terceiro capítulo, realizamos uma análise sobre os coletivos com os quais estamos trabalhando. Sua história, forma de organização e objetivos são relacionados ao dos dois capítulos anteriores, de cunho teórico e bibliográfico. Acrescente-se ainda as entrevistas realizadas com os nove cordelistas, cinco moradores do Rio Grande do Norte e pertencentes a Estação do Cordel e outros quatro moradores de São Paulo, ex-integrantes da *Caravana do Cordel*. O objetivo deste capítulo é mostrar, na prática, a abordagem do cordel e a construção da realidade de um cordelista que vive no nordeste e no sudeste brasileiro, propagando o cordel e evidenciando o desenvolvimento dessa literatura nos espaços em que atuam.

Portanto, o que pretendemos elucidar neste trabalho, é entender as transformações ao longo do tempo que aconteceram com o cordel brasileiro, tanto em sua forma técnica, histórica e de produção, quanto em sua prática. Quem, como e por que fazem o cordel, abordando a subjetividade dos cordelistas e a

necessidade de uma possível organização entre eles, com o intuito da propagação do cordel na história do Brasil.

2. O CORDEL BRASILEIRO: SUA FORMAÇÃO E SEU SIGNIFICADO

2.1. Definições históricas do Cordel

O Cordel é um gênero da literatura brasileira constituído pela poesia rimada, metrificada, com estrofes costumeiramente compostas por seis versos (sextilhas), que podem ser escritas em septilhas, sete versos e décima, dez versos¹.

Originado em Portugal, através de “folhas volantes” ou folhas “soltas”, o gênero cordel chega ao Brasil por meio da influência de colonizadores. No entanto, na perspectiva de Luyten (1981), a estrutura deste gênero se transforma quando passa a ser produzido em território brasileiro, adquirindo novas características formais. Ao passo que o cordel brasileiro é composto por sextilhas, septilhas e décimas, o cordel português é constituído substancialmente por quadras (LUYTEN, 1981, p. 16).

Na atualidade, há estudos que confrontam essa perspectiva e que sustentam a influência ibérica do cordel brasileiro, uma vez que suas métricas e formas são amplamente distintas. É o caso de Luciano (2012) que refuta a gênese ibérica do cordel produzido no Brasil. Segundo ele, existe certo envaidecimento em se vincular o cordel a essa origem europeia, sem que nenhum estudo aprofundado acerca de tal vinculação tenha sido realizado. Além disso, este autor defende que o cordel brasileiro é um gênero autônomo, dotado de profunda originalidade (LUCIANO, 2012, p. 7).

Polêmicas sobre a vinculação ou não do cordel brasileiro com as matrizes ibéricas à parte, este gênero surgiu e desenvolveu-se nas primeiras décadas do século XX, a partir dos esforços de quatro poetas: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Silvino Pirauá. Juntos, eles foram os responsáveis pela criação de uma literatura popular brasileira, com modelos estéticos, textuais e os estilos da poesia oral improvisada.

Na história, o cotejo entre a literatura de cordel portuguesa e a brasileira é interpretado de várias formas. No presente trabalho, seguiremos a perspectiva de Luciano (2012) para quem é polêmica e mal resolvida a vinculação do cordel às folhas volantes portuguesas. Este autor se atenta mais especificamente ao

¹ Estrofes é um conjunto de versos de sentido completo. Nas estrofes de sextilhas são de seis versos de sete sílabas.

surgimento do cordel na história brasileira, pois se torna impossível definir se o gênero aqui produzido realmente resulta da influência das quadras portuguesas.

De acordo com Luciano (2012), o primeiro estudioso a utilizar o termo literatura de cordel no Brasil foi Silvio Romero no artigo *A poesia popular no Brasil*, em 1879. Entretanto, há um equívoco, já que o primeiro folheto de cordel brasileiro foi publicado mais de vinte anos depois, por Leandro Gomes de Barros, em 1902, seguido por Silvino Pirauá de Lima, que publicou o seu primeiro folheto em 1908. A prova da inconsistência de Romero é que o primeiro cordelista brasileiro inicia a sua carreira como escritor apenas no ano de 1889, publicando o seu primeiro folheto de cordel, conforme já afirmamos, somente 13 anos após essa data. Mas também há autores que afirmam que o primeiro folheto a ser publicado foi em 1893, pelo próprio Leandro Gomes de Barros.

Para Luciano (2012), Romero comete outro equívoco que é a data que se refere a aproximação da literatura de cordel ibérica a partir do século XVII. Nessa época inexisteriam formas de publicação no Brasil, toda e qualquer obra era enviada à corte de Portugal para ser impressa.

Isso porque Luciano, em seu estudo, toma referência de autores portugueses para explicar a fundação da “literatura do cordel” em Portugal. Através de Manuel Diégues Júnior (1971)² ele inicia sua pesquisa sobre o termo português. Indica nesse estudo o escritor português Teófilo Braga como “a fonte primeva na qual todos beberam”. Braga² explica que a literatura do cordel, assim chamada em Portugal, dá-se com os autores quinhentistas de tradições populares, ou seja, os escritores do povo.

Luciano sugere que a indicação de Sílvio Romero como o “pai” do termo “literatura de cordel” aqui no Brasil se deve a um prefácio que o escritor português Braga escreveu em seu livro **Estudos sobre poesia popular**.

Luciano (2012) ainda afirma que o cordel, tal como o conhecemos, só existe em nosso país e é possivelmente a única forma original de poesia brasileira, sem qualquer semelhança com o que se chamou de literatura de cordel na Península Ibérica, no resto da Europa ou em países da América Latina. Os primeiros cordéis que surgiram se apoiaram na história da literatura universal que antes era

² apud Aderaldo Luciano (2012).

conhecida em prosa e que os poetas aproveitaram para versar (LUCIANO, 2012 p 28).

Lívia Petry Jahn (2011) coloca que o cordel é genuinamente brasileiro, mas sofreu influências da Literatura de Cordel de Portugal. Em sua tese de doutorado, Aderaldo Luciano (2012) tenta ao máximo diferenciar os dois gêneros, pois caracteriza o cordel brasileiro como um subgênero da literatura e a literatura de cordel de Portugal como folhetos de poemas, poesias com estrutura solta, sem métrica e rima determinadas.

As principais diferenças são a oralidade e a escrita. Os folhetos de Portugal são essencialmente de forma escrita, às vezes apresentadas como peças de teatro. O Cordel brasileiro surgiu de forma escrita e oral, de modo que os cordelistas pudessem vender seus trabalhos. Mas nesse ponto ainda existe também diferenças nos trabalhos encontrados. Para D’Olívo (2010), o cordel é de voz oral, para Luciano (2012) o cordel ocupa os dois gêneros, mas não se pode apenas elencar o oral confundindo com os cantadores, repentistas, já que suas métricas são diferentes e suas rimas são improvisadas, diferente do cordel original.

Barbosa-Geribello (2013) afirma que, mesmo que os cordelistas concordem com a tese de Luciano (2012), em sua prática e discursos remetem o cordel à herança ibérica. Mas é questionável, pois, embora os discursos façam parte do que o sujeito se torna e é, o cordel como gênero literário, não muda em sua estrutura, métrica e rima, essa é a diferença. Sempre se mantém sua estrutura como uma das características mais pertinentes ao cordel, tema que será abordado mais à frente.

A autora justifica a partir de Schwarcz³ (2007), que os gêneros literários podem surgir a partir da matriz original, que a originalidade do cordel nordestino estaria na forma como a literatura lusitana de cordel é recebida no contexto nordestino e é reelaborada, ganhando uso e sentido original.

Segundo Barbosa⁴ (2011), empregam-se modelos teóricos, culturais e institucionais para construir sua própria “identidade” o que não implica em homogeneidade, mas na marcação de diferença e diversidade.

³ apud Barbosa-Geribello. A Caravana do Cordel e a construção de um nordeste em movimento em São Paulo. 2013. p. 36

⁴ apud Barbosa-Geribello. A Caravana do Cordel e a construção de um nordeste em movimento em São Paulo. 2013. p. 36

Pinto (2009), estudiosa em estudos culturais comparados, afirma que, ao tratarmos o cordel brasileiro como descendente do português, adotamos uma perspectiva etnocêntrica, como uma imitação e redução da produção brasileira. Por isso o surgimento de um “cordel brasileiro”, pois abarca uma nova literatura, mesmo que parecido com o de Portugal, tem sua origem no Brasil com rimas, métricas e oração diferentes, em muitos momentos afirmada como uma literatura “genuinamente” brasileira.

Como sugere Abreu (2006), nem todos os autores e amantes do cordel adotam o termo “literatura de cordel” para o cordel brasileiro, desde seu surgimento. Segundo Dourado (2008), quando chegou ao Brasil, o cordel tomou a nomenclatura de literatura popular. Outros autores, por sua vez, demonstram uma preocupação sobre essa definição de “popular”, que iremos analisar agora.

A definição de cultura para Cucho (1999), nasce das relações sociais, “que são sempre relações desiguais”. Importante essa análise de Cucho, pois seu estudo é dedicado às relações interétnicas, ele foca as proximidades das formações culturais entre os povos, principalmente na definição de identidade de um grupo pertencente para rever e buscar suas raízes histórico-culturais. Por isso, existe uma hierarquia na cultura, ou seja, uma hierarquia social. Nesse caso, surge uma dicotomia entre a cultura popular e a erudita que reflete a cisão entre uma cultura dominada e outra que é dominante.

Nas palavras de Luciano (2012): “popular seria aquela poesia produzida pelo “povo”, os não letrados, os trabalhadores rurais, os habitantes dos guetos. Erudita seria aquela produzida pela elite intelectual, frequentadora da escola e detentora do poder econômico” (LUCIANO, 2012. 17).

Para Luciano (2012), não existe uma dicotomia entre popular e erudito. Ele explica que isso seria uma criação das elites culturais para segregar a produção do povo, uma vez que essa perspectiva dicotômica entende o “popular” como desprovido de estética, logo, como algo que não têm valor cultural. O que deprecia poetas e artistas não oriundos das elites.

A questão aqui não é o termo “popular”, que muitos cordelistas têm orgulho de proferir, mas a forma como foi designado, enquanto adjetivo que define o cordel, bem como quem o designou, no caso, a classe dominante. Para essa classe, o popular tem caráter folclórico. Nessa perspectiva, o que é popular não possui

estética, não é dotado dos atributos identificados nas linguagens artísticas. No entanto, em português, o adjetivo “popular” deriva do substantivo “povo”.

[...] à ideia de “popular” um novo conceito no qual se encaixa o cordel, o de “literatura marginalizada”, que seria aquela ignorada, esquecida, censurada, pelos poderes literários, culturais ou políticos por razões de linguagem ou de produção e circulação no mercado. É correto dissociar “cordel” e “popular”, uma vez que tanto os autores quanto o público dessa literatura não pertencem exclusivamente às camadas populares (ABREU, 2006, p. 22-23)

A designação da cultura erudita como cultura renomada serve às elites intelectuais. Essa seria a cultura que pode ser estudada, que pode ser levada à academia. Santos (1986) afirma que a cultura erudita “desenvolveu um universo de legitimidade própria e expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzido e controlado em instituições da sociedade, tais como as universidades, as academias [...]”. (SANTOS, 1986, p. 54)

Na perspectiva de Lumatt (2012) o cordel está entre o popular e erudito por sua representação, oral e escrita. Entretanto, afirma a existência de diversas diferenças nas definições produzidas pelos estudiosos a respeito do cordel. Principalmente, no que tange a sua história.

[...] Como objeto escrito, que também foi ouvido, até há poucas décadas, por populações majoritariamente analfabetas, ele representa, por exemplo, uma das formas de mediação entre o universo oral e o letrado, entre o “popular” e o “erudito”, entre “desordem” e “ordem” – formas cujo estudo tem estado no centro de várias pesquisas e reflexões históricas (ou utilizadas por historiadores) sobre a diversidade e os processos culturais do país. (LUMATT, 2012)

O gênero literário cordel tem um recorte social e econômico, tem classe. Curran (2003) conflui com essa ideia quando afirma que o cordel vem do povo. Em sua perspectiva, o cordel corresponde à “[...] história popular porque relata os eventos que fizeram a história, a partir de uma perspectiva popular. Seus poetas são do povo e o representa nos seus versos (CURRAN, 2003, p. 20) ”.

A noção de povo, acima mencionada, assemelha-se à definição proposta por Luciano (2012) para esse termo: “[...]Em países como o Brasil, cuja história e política estão baseadas no conceito de classes sociais, ser do povo é ser de classes mais baixas, quanto mais baixa, mais povo” (LUCIANO, 2012, p. 21).

Peregrino (1984) faz o debate acerca do conceito de subliteratura, “a obra que não alcançasse o objetivo da comunicação”, ou seja que não acrescentasse em nada ao leitor, uma leitura sem significados. O autor pontua que esse tipo de

caracterização sobre certas literaturas pode levar ao preconceito e a conceituações erradas. Que não é um gênero que deve ser caracterizado como subliteratura e sim a obra escrita. Portanto, um cordel pode ter alguma obra como subliteratura, mas não o gênero literário, em si.

Em conclusão temos que é francamente injusto o enquadramento sumário da Poesia de Cordel como subliteratura. Seria um tratamento elitista, fechado ao reconhecimento de sua enorme significação social e linguística, além da pura riqueza estética presente no engenho e na vivacidade das composições. Cumprirá, entretanto, que dentro da literatura de cordel como em todo gênero literário, haverá a ocorrência da subliteratura específica, representada por folhetos vulgares, imitativos e até apelativos. (PEREGRINO, 1984 p. 17)

Compreendemos, então, que o cordel é um gênero da literatura brasileira, dotado de traços eruditos e populares, pois sofre influência de seu meio produtivo e criativo que faz parte da vivência e experiência pelos cordelistas, seus autores.

Composto assim, como qualquer outro gênero literário, tais aspectos influenciam em sua disseminação e não somente em sua originalidade, mas também na formação, que passa pelas mãos de milhares cordelistas no amplo Brasil. Mesmo que alguns desses autores produzam temas que prejudicam o nome do cordel, a partir de obras e mensagens passadas, isso não diminui esse gênero que há décadas constrói a cultura desse país.

2.2 O berço do Cordel Brasileiro

Para Luyten (1981), o cordel tem origem no Brasil rural. Já no século XX, torna-se bastante expressivo por quase todo o país, mais precisamente no Nordeste. Por isso, vale a contextualização do desenvolvimento do cordel em relação à conjuntura vivida nesse período, que envolve o avanço da indústria no Brasil e os processos de migração.

Entre a Proclamação da República brasileira e a Revolução de 30, ocorreu uma primeira fase da industrialização no território nacional, principalmente nos ramos do café e tecelagem. Nesse contexto, a indústria no Brasil passou de 13% para 17% do PIB. (GODEIRO & SOARES, 2016).

A revolução de 30 foi o marco para mudança do modo de produção rural para industrial. Desse período até a década de 1960, intensificou-se o processo de

industrialização e o mercado interno para independência do Brasil em relação ao mercado internacional (GODEIRO & SOARES, 2016).

Na década de 50 ocorreu um fenômeno que possibilitou a disseminação do cordel para outras regiões no Brasil. No caso, as migrações para as áreas urbanas, principalmente no centro-sul com a grande demanda de mão-de-obra na construção de Brasília (LUYTEN, 1981 p. 24).

Luyten (1981) afirma que, nos anos 1960, houve uma grande diminuição da produção do Cordel. Chega até afirmar o fim dessa literatura e de outras manifestações culturais no Brasil. Esse fato pode estar ligado à implementação do Golpe de Estado ocorrido em 1964.

Intensificado na ditadura militar, o chamado “milagre econômico”⁵ aprofundou as desigualdades social e econômica. De um lado, multinacionais recebiam crédito da economia brasileira. Por outro, só no ano de 1965, centenas de fábricas fecharam em São Paulo (GODEIRO & SOARES, 2016).

Por sua vez, o ramo da construção civil foi fortalecido para garantir infraestrutura para domínio dessas multinacionais. Isso se refletiu na construção de rodovias e na abertura para a entrada de empresas automobilísticas multinacionais para exportação. Esse cenário desencadeou um processo de migração de mão-de-obra barata para a ocupação de postos de trabalho nessas indústrias, a maioria concentrada no Sudeste do Brasil.

Segundo Oliveira (1977), o processo de acumulação capitalista gera desigualdades de desenvolvimento. Isso explica o porquê de o nordeste ter se tornado um reservatório de mão-de-obra operária para o sudeste. Esse movimento é provocado por uma intenção econômica e social, um projeto capitalista de exploração de mão de obra barata.

Podemos considerar que esses processos de migração também ressignificam os sujeitos, como um processo social e cultural, por isso a importância de considerar suas relações sociais com os demais indivíduos e a relação espacial no sudeste.

Existem autores ainda que afirmam que os fatores econômicos não são os únicos que determinam esses deslocamentos. Segundo Menezes (2016), os

⁵ “Milagre econômico” foi o conjunto de políticas dos governos militares para o desenvolvimento da indústria que resultaria no crescimento econômico do país.

migrantes não são apenas reflexo de forças econômicas, ela afirma que, nessa perspectiva, os migrantes não são agentes passivos de forças estruturais, mas participam ativamente do processo de reprodução de suas condições de vida, no campo ou na cidade.

De qualquer forma, sem dúvida, houve um grande número de nordestinos que saíram dos seus estados à procura de emprego no sudeste, muitos em situações precárias, permeadas por riscos nos deslocamentos em pau-de-arara, ao longo de dias, para chegar até seu destino (FONTES, 1955).

Essa região - Nordeste - é formada por nove estados, com área territorial 1.561.177,8 km². Trata-se da primeira região povoada no Brasil, a partir da colonização portuguesa. O Nordeste é composto por quatro sub-regiões: zona da mata (litoral), sertão, agreste e meio-norte (transição do sertão semiárido com a região amazônica). Tem como característica a diversidade climática, em que se identifica a seca. Com o passar do tempo existiu e ainda existe uma considerável desigualdade social entre os povos na região. A seca deixa de ser meramente um problema natural, tornando-se um problema social.

Logo no primeiro dia, estudando a realidade nordestina, vimos que a miséria do Nordeste é causada mais pela injusta organização socioeconômica e política, do que pelo flagelo da seca. Pois os ricos, mesmo com a seca, continuavam bem, e até se tornam às vezes, mais ricos, com os proprietários que se enriquecem com os benfeitores que o Programa de Emergência constrói em suas terras, com o suor dos pobres que não recebem nem o salário mínimo (MEDEIROS FILHO & SOUZA, 1984, p. 104)

Mesmo sendo a primeira região povoada pelos portugueses, são elevados os seus índices de desigualdades. Segundo o IBGE, houve aumento de 24% nos números de empregos sem carteira assinada entre 2000-2010. No mercado de trabalho, os informais são 59,4%. O nível de escolaridade em ensino fundamental incompleto é de 48,1%. A mortalidade infantil, nesse período sofreu uma diminuição, passando de 44,7 para 18,5 óbitos de crianças menores de um ano de idade, por mil nascidas vivas, apesar de ter um dos maiores índices do Brasil: 18,5%.

Mesmo vivenciando uma seca devastadora, é constituída por locais que se mostram abundantes em águas. Por exemplo, o Rio São Francisco que percorre quatro estados nordestinos: Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia. Com isso

conseguiremos analisar o meio em que o cordel surge e quais são seus reflexos diante a realidade vivida por seus cordelistas.

O cordel sofreu influências, quanto ao local onde é produzido, saiu do âmbito do Nordeste e ocupou outras regiões. Esse gênero passou e ainda passa pelo processo de reterritorialização, o que se torna possível a partir dos sujeitos que o produzem. Para entendermos esse conceito, atentemos ao que Haesbaert (2001) define de território:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico do espaço onde vivem (podendo ser, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: apropriação e ordenamento do espaço com forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Assim, associar o controle físico ou a dominação objetiva do espaço a uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica em discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social. (HAESBAERT, 2001 p. 121 apud MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. 2016. p. 91)

O cordel faz parte de uma identidade social construída por seus autores pertencentes a um território, formando parte de um grupo social que vive suas experiências caracterizando assim um espaço composto de costumes e cultura de um determinado grupo. Neste caso, falamos do território nordeste e, quando relacionamos o cordel como também parte da migração, este está ligado ao processo de territorialização e reterritorialização, conseqüentemente. O primeiro termo se refere às ações de indivíduos na busca por melhoria na qualidade de vida. Tanto em relação ao local onde vivem quanto em de si mesmos e seus grupos sociais. Podem, assim, mudar de território a procura de uma vida melhor. (MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. 2016)

A reterritorialização é justamente essa consequência da territorialização. À medida que os grupos sociais mudam de território, se estão à procura dessa mudança ou se são obrigados a fazer sem escolhas, eles constroem sua identidade social, conhecendo um novo território e adequando seus costumes a este.

Ou seja, na medida em que agrupamentos sociais abandonam ou são forçados a deixarem determinados territórios, como processos de desterritorialização, que podem ser naturais ou não, acontecem novos processos de territorialização, pois esses mesmos grupos passam a ocupar

novos recortes territoriais, ocorrendo assim um processo de reterritorialização. Com isso, esses agrupamentos sociais constroem novos elos com o local onde se inserem, configurando novas territorialidades. (MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. 2016 p. 92)

Haesbaert acredita que pode existir um mito da reterritorialização, pois nem sempre a reterritorialização é inclusiva, é favorável para os agrupamentos sociais quando chegam no processo de territorialização. Muitas vezes são instáveis, incertos e dificultoso.

No entanto, nem todas as formas de reterritorialização são inclusivas. Não o são, quando os desterritorializados são remetidos para formas de territorialização precárias socioeconomicamente e ambientalmente, como o caso de ocupações de áreas de risco, ou bairros periféricos e sem saneamento ambiental, por exemplo (MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. 2016 p. 93).

Portanto, a seguir é importante conhecer em que espaço surge o cordel no Brasil. Segundo Oliveira & Júnior (2015), os cordéis se popularizaram na região nordeste do Brasil, carregando consigo seu característico sotaque e simplicidade, que acabaram virando uma marca dos folhetos.

Quando afirmamos que o berço do cordel é paraibano, isso decorre do fato de os cordelistas serem da Paraíba, principalmente os que deram origem ao cordel brasileiro. Contudo, suas primeiras publicações se deram no estado de Pernambuco, pois todos migraram para essa região, antes mesmo de começarem a escrever esse gênero da literatura.

A produção de cultura popular ocorre no Brasil inteiro, mesmo assim, é significativa a dimensão de motivações originárias vindas do Nordeste. Para Luyten (1981): “embora haja manifestações de poesia popular no Brasil todo, é sintomático que a grande maioria dos poetas e cantadores vem desta relativamente pequena região ” (LUYTEN, 1981 p. 18).

Pesquisas feitas no site Casa Rui Barbosa - onde se encontra história e biografia de diversos autores cordelistas - Leandro Gomes de Barros, por exemplo, nasceu em Pombal -PB em 1865, viveu até seus 15 anos em Vila do Teixeira- PB, onde acompanhou um padre de sua família e mudou-se. Depois, seguiu para Pernambuco em 1880 e fixou morada em Jaboatão até 1906, ou seja, em 1902 já publicou o cordel *A força do amor, a história de Alonso e Marina* e, a partir de 1907, viveu em Recife onde publicou a maior parte de suas obras.

O Cordel se fortaleceu em toda região nordeste e, com o tempo, expandiu-se para o restante do Brasil disseminando esse gênero literário para outros estados. Desde muito tempo, os autores nordestinos utilizam a seca como um dos temas de seus escritos.

Na de 1915, a escritora Rachel de Queirós inspirou-se para escrever “O Quinze”, sua obra mais conhecida; por sua vez, Graciliano Ramos também publicou um grande livro, “Vidas Secas”, em que escreve as agruras do sertanejo, além de José Américo de Almeida e José Lins do Rego que retratou, em suas obras, a vida no sertão. (SILVA, 2008, p. 12)

Nesse percurso da história, identificamos que, desde o surgimento do cordel, até meados dos anos 1930, os temas abordados se baseavam no cotidiano nordestino e em seus costumes. A partir de 1970, com advento do projeto desenvolvimentista do capital, as temáticas se debruçam sobre esse processo, tanto no que diz respeito à migração quanto no que se refere à situação do nordestino em suas terras. O exemplo que marca essa época é também *o prejuízo das enchentes no ano de 74*, de Antônio Alves dos Santos e o *São Saruê*, de Manuel Camilo.

O cordel é expressão de uma realidade vivida pelo cordelista. Para os cordelistas migrantes, é um meio de manter vínculo com o passado. É uma reconstrução do espaço de origem no espaço de destino, aqueles que migraram e escrevem em seus textos sobre a migração, também o fazem para trazer à tona lembranças e memórias das vivências em seu território de origem, é como matar a saudade. Trata-se de um processo de afirmação no espaço. Por isso, no último capítulo, abordaremos as trajetórias dos cordelistas entrevistados nesta pesquisa, migrantes ou não, para entendermos como produzem seus cordéis dentro e fora do Nordeste.

Para Certeau (1982) esse processo de “entre lugares” e essa produção literária tomam um novo significado. A história consiste em historicizar o atual, ligando este a uma situação do passado, embora permaneça a imagem do passado remetendo a uma ausência. Portanto “o lugar que ela - a história - destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro” (CERTEAU, 1982). Ou seja, os cordelistas fazem história quando produzem o cordel.

Para Halbwachs (2006) é como se cada memória individual fosse um ponto de partida sobre a memória coletiva. Esse ponto de vista muda conforme o lugar que o sujeito ocupa, e esse lugar muda segundo as relações que são mantidas com outros meios.

Bosi (1979), por sua vez, pensa que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Ela caracteriza um instrumento socializador da memória, a linguagem. Ou seja, para Bosi, a linguagem é um dos instrumentos para reconstruir suas memórias, individuais ou de um grupo.

É importante dizer que Bosi, apoiando-se em Halbwachs, entende que o passado não se conserva, mas é sempre ressignificado a partir do presente. Assim, poderíamos pensar que o cordel é uma expressão da memória dos cordelistas nordestinos cujas vidas são compassadas por deslocamentos espaciais e culturais.

O Cordel nasceu durante o século XX. Seus temas expressam uma ressignificação de contextos, personagens, paisagens, animais, modos de vida, de localidades da região nordeste. Os cordéis abordam tanto temas político-críticos quanto características culturais de comportamentos do nordestino.

Já nesse período, de início do Cordel, autores como Leandro Gomes de Barros já abordavam o tema da migração impulsionada pela seca e angústia do sertanejo em tempos de estiagem, para qualquer lugar do país. É o caso do folheto *O Retirante (1946)*, do mencionado autor. Essa trajetória de migração possibilitou poetas abordarem temas que relacionem a saída do Nordeste à entrada no Sudeste. Refletiam em suas poesias o cruzamento da vivência de dois mundos. Foi assim com João Antônio de Barros que chegou em São Paulo em 1970 e escreveu *A Metamorfose é em São Paulo*.

É o resultado
Do pobre que vem
Sem nem um vintém
E desarranchado
Não acha um danado
Que a porta lhe abra
Que sorte macabra
Com filhos demais
A mulher atrás
Puxando uma cabra (BARROS, 1946)

Através da literatura, Barros⁶ (1946) expressa quem são os migrantes. Trata-se da população pobre em busca de oportunidades. Dentre esses nordestinos estão os cordelistas. Segundo Luciano (2012), não temos como identificar qual foi o primeiro cordelista a migrar para outras regiões, nem qual cordel que se proliferou nas demais regiões do Brasil.

Luyten (1981) afirma que principalmente São Paulo sofre uma importante influência nas suas manifestações culturais. “Na maioria, o cordel paulista é feito por pessoas que migraram do meio rural nordestino. A sua produção também é, em boa parte, absorvida por migrantes nordestinos e seus descendentes” (LUYTEN, 1981 p. 19). Pode-se explicar a relação do sujeito que escreve com o produto da escrita.

Ou seja, para Orlandi (1988), ele se refere às “relações de forças no discurso”⁷ como o lugar social do locutor que só se configura pela posição que os sujeitos ocupam. O que vale tanto quem escreve quanto quem lê. Essa função do sujeito só é possível por sua inserção na história, na cultura e no social, em seu meio. É constituído no simbólico pela contradição de estar sujeito à língua para ser sujeito da língua. Ou seja, por ser sujeito da própria história e fazer parte de uma origem identitária, os cordelistas expressam com seu jeito, fala e sotaque sua realidade como nordestino migrante ou como nordestino que vive no nordeste contemporâneo.

O Cordel não é apenas a poesia em si, mas os homens e mulheres que o fazem. Nesse sentido, os cordelistas, assim como qualquer homem ou mulher, estão vinculados ao seu tempo e, por isso, nas poesias que estes escrevem encontramos ligações diretas com o momento histórico em que foram escritos tais cordéis. Deste modo, um cordel não é só um cordel, mas também pode ser uma base documental exponencial para o fazer do historiador.

Assim, quando o cordelista faz sua poesia fincada na tradição popular e descreve de forma rimada cenas da realidade do cotidiano do nordestino, essa expressão literária traz à tona valores e simbologias próprias às pessoas que nasceram, cresceram e viveram (ou vivem) em solo do Nordeste. O autor de Cordel,

⁶ Nasceu aos 24 de junho de 1935, em Glória de Goitá (PE). Marceneiro, entalhador, xilógrafo, poeta repentista e escritor de cordel, já publicou 33 folhetos e ainda tem vários inéditos.

⁷ ORLANDI, 1988 p. 18

ao escrever, elabora uma caracterização e confere aos nordestinos um atributo que pode ser visualizado por meio da leitura deste tipo de literatura.

O cordel, portanto, pode ser considerado uma espécie de poética do ser no mundo. Assim, o imaginário do cordel é criado a partir de múltiplas relações entre mundos culturais distintos, o que implica que não se pode tomar a imagem da poética enquanto imagem do real, mas de um imaginário construído e partilhado por aqueles que se associam, a partir deste universo poético, a uma relação que vincula o criador e o receptor do cordel. (GONÇALVES, 2011 p. 220)

De certo, a análise desse tipo de literatura nos proporciona um conhecimento histórico. Atualmente temos notícia da existência de cordelistas em todo canto do nosso país. Mulheres e homens que fazem cordel ganham notoriedade por tratarem em suas poesias uma multiplicidade de temas que vão do social ao político passando pelo religioso. Assim, fica nítido que o Cordel oferece elementos para ser um documento histórico que pode nos ser útil para a compreensão das relações sociais a partir da cultura.

3. RIMAS, FORMAS E PRODUÇÃO DO CORDEL BRASILEIRO

Expor aqui o Cordel em suas diferentes dimensões é o nosso papel. Desde seu contexto histórico às suas técnicas e formas. As diferentes concepções abordadas nos temas anteriores por alguns autores mostram que o estudo cordeliano não é homogêneo, nem estático, está em constante formação a partir de cada estudo encontrado.

Aqui nos propomos abordar como o cordel é construído em suas formas, técnicas, rimas, métrica e oração, bem como sua produção histórica. Diante disso, cabe-nos situar como todos esses pontos se transformaram ao longo do tempo.

a) A escrita do Cordel

A linguagem é fruto das relações sociais, ou seja, é uma expressão verbal humana. Segundo Leitão (2007) a literatura faz parte de um patrimônio cultural de um povo. “Portanto, as línguas e as literaturas são um produto social, compartilhado por membros de uma comunidade que costuma servir-se de tal produção como se ela fosse a sua própria “carteira de identidade” (LEITÃO, 2007 p. 7).

Em alguns cordéis podemos observar uma escrita diferente, com certos desvios da norma gramatical padrão. Como o trecho do cordel *“Um casamento matuto em Cordel”* de José Acaci:

Por arte das trevalia
Um dia eu tava quentão
Saí mei dirleriado
Andano pelo sertão
Atraí de dançar um xote
Findei foi enchendo o pote
Lá no bar de Zé Rumão.

Dispois q'ueu tava melado
Muntei na minha jumenta
Catuquei nas anca dela
E fui no rumo da venta
A burra disimbestou
E a danada só Parou
Na porta da véia Benta.

Ainda in riba da burra
Sinti chero de panela
De bode, carne, canjica...,
De galinha cabidela...
Pensei q'ueu tava num sonho

Quand'eu vi um Santo Atonho
Pulas brecha da janela.

Foi antão q'ueu m'alembrei
Que naquela sexta fêra
Era o dia do casóro
De Zabé cum Zé Tonhera,
E que no meu vai e vem
Cheguei no Sítio Xerém.
Conheci pela portera. (ACACI⁸)

Mas ao mesmo tempo expressa uma linguagem completamente oral, pois se escreve da forma que é dita.

Assim, vale a pena lembrar que o nosso português brasileiro é uma unidade na diversidade e que o uso de cada uma de suas variantes depende em muito do contexto ou situação diante da qual o falante se encontra. Ninguém emprega uma única modalidade ou registro do idioma ao longo de toda a sua vida. E nenhum artista deve ser digno de elogios apenas porque se expressa segundo a norma culta da língua escrita. (LEITÃO, L. R. 2007 p. 28)

Segundo Leitão (2007), a linguagem culta⁹ está restrita à escrita, às pessoas com mais escolaridade, distanciando-se da linguagem coloquial¹⁰ e popular. O autor coloca esses conceitos como uma crítica a uma classificação dessas linguagens de forma preconceituosa, determinada por pessoas escolarizadas, que compõem as elites. Isso significa na realidade as “variantes regionais”.

O julgamento de cada linguagem é feito por grupos sociais, os sotaques são um exemplo disso. Tudo o que for diferente desta norma é julgado no sentido de entender o seu como mais “correto”. Para Leitão (2007), nenhum “falar” é melhor ou pior que o outro, todas eles são diferentes, têm suas particularidades.

Para Luciano (2018), muitos estudiosos não caracterizam o cordel como forma poética, rebaixando-o, por não o considerar como literatura nacional. O cordel é um corpo completo, composto por um título, estrofes e é preenchido de poesia.

Continuando, o cordel, poesia, apresenta um corpo. Esse corpo apresenta elementos estanciais, que deveriam ser levadas em consideração, quando de sua análise, por qualquer estudioso. São essas partes (às quais chamamos de estratos): gráfica, fônica, lexical, sintática e semântica. Utilizando palavras mais acessíveis podemos dizer que o cordel tem um

⁸ Disponível em: http://sertaopoeta.blogspot.com/2011/06/saudade-e-chorar-sorrindo-com-o-coracao_28.html Acesso em: 03 jun. 2018

⁹ Está restrita à língua escrita empregada apenas pelos falantes de maior escolaridade (quase todos membros das classes mais favorecidas)

¹⁰ Mais próxima dos usos orais, sem acatar as prescrições gramaticais da norma culta e repleta de gírias assimiladas de grupos mais restritos, desde presidiários e jovens da periferia até surfistas ou esportistas “radicais”

corpo escrito (a parte gráfica, aquela que nós primeiro contactamos quando abrimos o folheto, o livro, a página na internet), esse corpo escrito contém palavras, selecionadas pacientemente pelo poeta (a parte lexical), essas palavras estão dispostas no poema de forma que se possa entender o que o poeta quer dizer e essa forma de disposição das palavras, geralmente, é regida pela estrutura da nossa língua portuguesa, ou seja, um sujeito, um verbo e um predicado (esse é o estrato sintático). Agora, esse conjunto de palavras não é aleatório, não é selecionado como numa roleta, ele tem que ter um sentido para que a história contada, ou as reflexões, ou as falas dos personagens, sejam compreendidas pelo leitor (esse é o estrato semântico). Por último, temos o estrato fônico a quem estão ligados os casos de rima, metro, acentuação e ritmo. (LUCIANO, A. Disponível em: <https://www.facebook.com/aderaldo.luciano> Acesso em: 03 jun. 2018)

Esse conjunto precisa ter um sentido e obedecer a algumas regras. Essas regras compõem a poética e possuem uma tradição na escrita. Assis (2014)¹¹ considera que o cordel no Brasil se tornou um gênero literário com métrica, rima e textos na linguagem coloquial.

As tentativas de estudar o cordel brasileiro não levaram em conta o seu caráter poético e, quando tentaram considerá-lo, uniram-se ao contraditório por não classificá-lo como se deveria classificar qualquer peça poética, parte do todo literário universal. Isso se daria (e se deu quando destinei-me à observação sistematizada) com o estudo à luz dos gêneros literários, orientando os estudos pela conclusão, a partir da observação, segundo a qual o cordel brasileiro é uma forma poética fixa da poesia universal. (LUCIANO¹²)

Essa forma fixa é porque acompanha regras intrínsecas para o cumprimento da escrita no cordel, diferenciando-se da chamada “literatura de cordel” vinda de Portugal, assim como alguns autores tentam comparar.

Para Luciano (2012), obrigatoriamente todas as estrofes de um folheto de cordel devem obedecer ao esquema de rimas estabelecido já historicamente. No caso da sextilha, a rima se coloca assim: X A X A X A.

Em busca de seu espaço (X)
Ergueram sua bandeira (A)
Pra votar e ser votada, (X)
De ser, da família, herdeira. (A)
Ir à escola, ao trabalho, (X)
Na política ter carreira. (A) (POETA, 2012)

¹¹ Izaias Gomes de Assis. Disponível em: <http://abrantest16.blogspot.com/2014/09/sete-mitos-sobre-literatura-de-cordel.html>. Acesso em: 03 jun. 2018

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/aderaldo.luciano> Acesso em: 03 jun. 2018

Essa é o esquema mais utilizado no cordel, no qual a rima acontece no segundo, quarto e sexto versos.

A septilha é composta por estrofes de sete versos com sete sílabas:

Bin Laden conectado (X)
 Com Nete ficou teclando **(B)**
 Passando noites no Messenger (X)
 Por ela se declarando. (B)
 Bom! Gosto não se discute, (C)
 Mas não é que pelo Orkut **(C)**
 Um romance foi rolando. (B) (ASSIS, 2008)

O segundo, o quarto e o sétimo versos rimam entre si, ao passo que o quinto e o sexto versos também rimam entre si.

Na décima são dez versos em uma estrofe com sete sílabas poéticas:

Se eu morrer neste lugar **(A)**
 Cessando aqui minha vida **(B)**
 Lá do outro lado da vida**(B)**
 Do Sertão hei de lembrar **(A)**
 E se Deus me castigar **(A)**
 Será branda a punição **(C)**
 Pois ele dirá então (C)
 - Pior castigo foi ser **(D)**
 Um sertanejo e viver **(D)**
 Distante lá do Sertão. (C) (ASSIS, 2008)

A rima aqui é o primeiro, o quarto e quinto versos; o segundo com o terceiro; o sexto, sétimo e décimo versos, enquanto que oitavo e nono versos rimam entre si.

Assis, no blog *Cordel do Brasil*, nos dá explicação que a métrica no cordel são as sílabas que compõem cada verso, pode ser sete, dez e doze para compor a estrofe. A métrica é um elemento necessário para fazer os versos medidos, por exemplo:

1 2 3 4 5 6 7

La do ou tro la do da vi da

São oito sílabas comuns, mas apenas sete sílabas poéticas metrificadas.

A sílaba tônica da última palavra que determina o fim da contagem das sílabas metrificadas:

1 2 3 4 5 6 7

La do ou tro la do da **vi** da

A escansão no cordel tem vários tipos: há as rimas que são difíceis como: **Dezembro**, **Novembro**; Outras rimas fáceis como **agonia**, **sombria**; Rimas toantes que se associam partir do som: **fuso**, **veludo**. Rimas consoantes que fazem a rima desde a vogal tônica até a última letra: **pálido**, **válido**. Geralmente é o tipo de rima mais adotada no cordel. Também pode ter a grafia diferente, mas a sonoridade igual: **peça** e **pressa**, essa forma não é aceita na métrica do cordel. Por fim as rimas aparentes, que enganam na sonoridade, mas não rimam na verdade: **Ceará**, **cantar**. Essa sob hipótese alguma se usa no cordel (ASSIS¹³).

b) Cordel não é Repente

Importante caracterizar o cordel por suas formas e principalmente rimas pois há confusões sobre o cordel que precisam ser explicadas, uma delas é a comparação com o repente, feito pelos cantadores de forma improvisada.

Luciano (2012) afirma que o Cordel não é oral e não tem vínculo com os cantadores e repentistas. O cordel e o repente são diferentes e não se exclui a possibilidade de cantadores poderem fazer cordel. O autor enfatiza a não existência de um cordel oral.

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. Certo que sejam irmãos. E como todos os irmãos, sejam também, diferentes. Os poetas cordelistas raramente são repentistas ou glosadores. São poetas da letra, conhecidos como poetas de bancada, sofrendo inclusive algum preconceito por parte daqueles. O repente é obra do momento, é construção oral cuja maior característica é ser efêmero, fruto do improviso. Daí porque são famosos os desafios e pelejas, nos quais dois cantadores se debatem em criações e trava-línguas, em perguntas e respostas. O cego Aderaldo gabava-se de nunca ter repetido um verso. Nenhum cantador que se preze escreverá seus versos para depois os decorar, cantando-os memorizados. Cantar com versos decorados é uma desfeita, uma aberração causadora de constrangimentos e agressões. O verso cordeliano, ao contrário, é fruto do trabalho, da elaboração. É o mesmo trabalho beneditino da profissão de Fé de Olavo Bilac. (LUCIANO, 2003, p 48-49)

O cordel e o repente são feitos por sextilhas. Na cantoria, utiliza-se várias modalidades de formação de estrofes, mas não são a mesma coisa. No início, as cantorias eram feitas em quadra e não sextilha, o cordel brasileiro se originou na

¹³ Disponível em: <http://cordelodobrasil.com.br/site/aprenda%20a%20fazer%20um%20cordel.html>. Acesso em: 07 ago. 2017.

estrutura por sextilha, depois, desenvolveu-se para estruturas de mais estrofes. Ou seja, trata-se da sextilha escrita que influenciou a sextilha oral do repente de hoje. Embora haja muita confusão na semelhança desses formatos, a história está aí para provar a grande diferença, tanto histórica como prática dessas poesias rimadas.

O repente se caracteriza pelo caráter narrativo. Um ou mais cantadores narram toda a história. Veríssimo de Melo afirma sobre o cordel: “é narrativa, popular e impressa” e desconsidera qualquer outro tipo de forma de escrita do cordel, colocando como predominante a narrativa. Mas o cordel não é essencialmente narrativo (MELO, 1982 apud LUCIANO, 2012 p. 43).

Luciano (2012) discorda que a narrativa é a única forma da escrita do cordel e coloca que “tampouco determina o que é ou que deixa de ser cordel”. Pelo contrário, deixa claro outras formas descritivas como características do cordel como: jornalístico, debates de discussão, peleja e etc. (LUCIANO, 2012 p. 47).

Vale salientar que o cordel brasileiro é constituído como uma forma híbrida, heterogênea, que se vale de elementos dos mais diferentes gêneros literários, como o drama, a poesia lírica e a poesia épica. Deste modo, não se caracteriza apenas como gênero narrativo, ou centrado na figura de um narrador, mas, por vezes, lança mão de construções polifônicas, em que muitas vozes se entrecruzam e convergem para construir um enredo.

A peleja é um bom exemplo do abarcamento do hibridismo e da polifonia, pois, nessa variação de estilo, a narração tem papel secundário, sendo o mais importante o ressoar das vozes dos personagens, que interagem entre si, de forma a traçar a trama da história e conferir-lhe drama (enquanto ação). Diante disso, torna-se possível fazer uma analogia da peleja com o drama tradicional, pois, assim como esse gênero clássico, a peleja é constituída por prólogo (abertura), diálogos (desenvolvimento das ações) e epílogo.

Geralmente, os personagens da peleja são antagonicos, como na canção em que Zé Ramalho¹⁴ usa dessa estrutura para alinhar uma interlocução entre “o diabo e o dono do céu”. A apresentação do narrador é seguida por uma espécie de duelo entre as duas personagens. Tais estruturas podem ser observadas em cordéis

¹⁴ Cantor, nascido na Paraíba, começou sua carreira como cantor e em meados de 1974 começou a trabalhar com violeiros e o cordel, após participar do filme: Nordeste: cordel, repente e canção.

contemporâneos, como na obra de Barreto (2010). O cordelista, na *peleja do Solteiro com o Casado*, introduz como narrativa de um parágrafo do autor:

Passeando em Santa Barbara
Escutei um “cunvecero”
Eram dois homens brigando
Um casado, outro solteiro
Eu liguei o gravador
E o cordel saiu inteiro (BARRETO, 2010)

Depois todo cordel está em peleja, o diálogo entre o Solteiro e o Casado:

S – Por mulher eu faço tudo
Vou a marte ou Plutão
Não posso viver sem ela
Pois me dói a solidão
Mas o tal do casamento
Só termina em confusão

C- Casamento é bom demais
Deixa o homem equilibrado
Tenho uma mulher guerreira
Que está sempre ao meu lado
Me casei há muito tempo
E prossigo apaixonado (BARRETO, 2010).

Finalizando com o narrador apenas na última estrofe para propor um fechamento, além das demais falas que compõem o elemento descritivo no cordel:

A discussão acabou
E aqui foi registrada.
Eu não sei quem tem razão,
Não me reclame de nada
Pois a lua lá no céu
Escutou e deu risada. (BARRETO, 2010)

c) A temática do Cordel

O cordel cumpre um grande papel social, tanto na historiografia, sendo um instrumento exponencial na história do país, quanto como um instrumento de comunicação, propagador de mensagens e digno de suas transformações. Para estudiosos como Luciano (2012), o cordel tem uma variedade de temas.

O cordel circunstancial trazia notícias, o cordel como literatura, assim caracterizado por esse estudo, traz biografias, romances, tramas, mas principalmente a interpretação do poeta sobre a realidade.

O livrinho de cordel foi um meio de comunicação que nós tivemos no Nordeste durante muito tempo. E também de conhecimento. Hoje, a comunicação se dá muito mais fácil. Mas eu fiquei sabendo que, depois de trinta anos da morte de Getúlio Vargas, alguns brasileiros no Sertão ainda não tinham recebido a notícia. O livrinho tinha essa função de comunicar. (SOUZA, 1995 p. 25)

O autor é categórico em afirmar que os cordelistas, ao escreverem suas obras, não se preocupam se vão agradar, vender ou encalhar, e sim, com a linguagem que abordarão. Colocando o tema e o conteúdo como secundários, a temática aparece com a inspiração (LUCIANO, 2012).

A forma poética criada por Leandro Gomes de Barros, escreve um percurso histórico que se confunde com a República. No final do séc. XIX, Leandro cria o sistema que o definirá como pai do cordel. Todas as modalidades poéticas açambarcadas no cordel saíram do condão poético leandrino, inclusive as marcas gráficas que o definirão: o acróstico, a exortação, a invocação, a intercalação de estrofes, as três formas (epopéia, lírica e drama). A República vai se construindo e Leandro abandona as histórias de reis, donzelas e princesas, passa a criticar os costumes e lança o olhar crítico sobre nossa primeira revolução industrial, sem se afastar da política, defendendo o direito autoral, contaminado com a liberdade de expressão que se inaugura. Hoje, todos que escrevem cordel e se consideram poetas dessa senda, deveriam conhecer sua obra e reverenciar seus feitos, respeitando a tradição e dialogando com seus pares atuais. (LUCIANO, 2018.¹⁵)

No meio dos cordelistas existe essa classificação de um estilo “leandrino” que diz respeito à renovação dos temas abordados no cordel. O aspecto crítico que Leandro começou a escrever cativou alguns cordelistas desde sua época até os dias de hoje. Em seguida, lançaremos luz sobre esse aspecto, a partir das obras de alguns destes cordelistas.

Na entrevista feita com Varneci Nascimento e Nando Poeta (2016), o primeiro afirma que o tema vem a qualquer momento, observando cenas da realidade, da rua, indo para o trabalho ou alguma indicação de amigos. Para Nando, sua relação com a temática expressa muito sua vivência cotidiana, de militância. São temas sociais, sobre desigualdade e diferenças, como exemplo, *Homossexualidade: história e luta*, que retrata a realidade dos homossexuais na atualidade.

Queremos nesse assunto
Mergulhar profundamente
Pra mostrar uma estatística
Que muda diariamente,
A horrenda homofobia

¹⁵ Disponível em: <http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/2018/03/4-de-marco-de-2018-100-anos-da-passagem.html> Acesso em: 20 mai. 2018.

Crescendo mundialmente.

Por isso, nesse cordel
Vamos por em evidência:
Que quem curte o mesmo sexo,
Ou pra isso tem tendência,
Foi sempre desrespeitado
E vítima da violência.

Homossexualidade
Sempre tema especial
Outrora foi esquecido
Mas no momento atual,
É lembrado, pois faz parte
Da história universal. (NASCIMENTO E POETA, 2009)

Ou o próprio tema político que Nando Poeta, cordelista potiguar, descreve sobre o *Reino da Corrupção*.

Vou buscar força na rima
Para dar fim ao dragão
Que sugou toda a riqueza
Do povo tirou seu pão
Já fez parte da história
Não sai da nossa memória
A triste corrupção.

Leitores, vejam agora,
Na poesia do cordel.
O drama da corrupção
Que vive soltando o fel,
Corroendo o mundo inteiro
E entortando o ponteiro
Mandado pelo cartel. (POETA, 2016)

Analisando alguns trechos desse cordel, vimos o quanto é importante a utilização do cordel também como meio formativo e informativo. Trazer a situação que o país está vivendo de corrupção e roubalheira e o que representa para a população, através de uma linguagem simples e didática. Nas frases *leitores, vejam agora, / na poesia do cordel* expressa que o poeta quer expor sua visão sobre o tema. Ele finaliza com um chamado:

Não podemos desistir
Achando que é normal.
O povo organizado
Dará um ponto final
A toda essa bandalheira
Banhada por cachoeira
Produzindo um temporal.

Vamos juntos reagir

Contra a corrupção.
 Varrendo tudo do mapa
 Que leve a destruição.
 Tim-tim por tim-tim roubado
 Deve ser expropriado
 Dessa corja de ladrão. (POETA, 2016)

Essa finalização evidencia o caráter mobilizador do cordel. O leitor não apenas lê uma história, um conto, uma anedota, mas uma visão de mundo, através da qual encontra também uma saída. O cordelista se torna uma referência, um tribuno que, por sua exposição de ideias, norteia quem está lendo para determinado caminho sobre o assunto.

Rodolfo como verdadeiro artista do cordel tradicional traz, para o momento da criação, toda uma experiência vivida com o povo, num total de mais de quarenta anos. Mas a inspiração também entra em conta quando o poeta utiliza o real ou o concreto como ponto de partida. O bom poeta (o poeta mais apreciado pelo povo) será aquele que puder “injetar” um sentimento ou ainda um “pressentimento do realismo”, ainda que se atenha a outras alturas poéticas. (CURRAN, 1987 p. 121)

O deslocamento de nordestinos para o sudeste ou outros lugares do país também foi, e ainda é, um tema forte nos trabalhos de cordelistas, assim como a seca e as situações econômicas. Podemos analisar alguns trechos de cordéis atuais que tratam sobre migração e, nesse tema, jogaremos um maior peso pelo significativo número de obras que o abordam. Além da história de muitos cordelistas, que pela condição de migrante, colocam e expressam suas vivências nos cordéis.

É o caso de Dalinha Catunda, natural do Ceará, integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), autora de *Eu sou o sertão* e *Migrante*, como também Pedro Costa, repentista piauiense, autor da obra *Migrantes e Literatura de Cordel*, também é integrante da ABLC.

Esse primeiro trecho é da Dalinha Catunda na obra *Eu sou o sertão*:

Sou ave de ribaçã
 Não esqueci o roteiro
 Vivo entre o Ceará
 E o Rio de Janeiro
 Tatuei no coração
 O retrato do sertão
 O meu reino verdadeiro (CATUNDA, 2016).

Sendo cordelista e nordestina, Catunda se utiliza de um gênero discursivo que lhe é familiar como um potencial veículo para a sua expressão. Neste texto,

outras questões são evidentes, como a narrativa da mulher migrante que, embora transitando entre o rural e o urbano, têm no primeiro o seu pertencimento identitário, haja vista o próprio título do texto “Eu sou o sertão” (OLIVEIRA; SOARES, 2016).

Além de certa utopia e estado de “elevação” - uma vez que distante do seu local de origem, essa voz enunciadora busca recriá-lo por meio do gênero literário escolhido, da sonoridade e da seleção e combinação de palavras que caracterizam a escrita do povo sertanejo. Na septilha supramencionada observamos a intensidade do “*laço*” que essa voz mantém com o sertão, cujo retrato ela tatua “*no coração*”, e cuja imagem sugerida é a de um “*reino verdadeiro*”. Com isso observamos que a aproximação com o local de origem se expressa por meio da fantasia e do simbólico (OLIVEIRA; SOARES, 2016)¹⁶.

Sou das águas retiradas.
 Sou do sertão nordestino.
 Das caatingas desertei,
 Lamentando meu destino.
 Pois deixar o meu torrão,
 Machucava-me o coração
 Causando-me desatino.
 (...)
 Eu vim sem querer vir
 Fiquei sem querer ficar,
 Mas um dia ainda volto,
 A morar no meu Ceará.
 Longe da terra amada,
 Serei sempre ave arribada
 Voando tentando voltar. (COTUNDA, 2008)

Esses versos, que são o primeiro e último do poema *Migrante* de Dalinha, mostram a dor que teve de partir de sua cidade natal, Ipueiras no Ceará e partindo para o Rio de Janeiro local onde permanece até hoje. Primeiro ela afirma enquanto nordestina, “*Sou das águas retiradas. / Sou do sertão nordestino. / Das caatingas desertei*”, lembrando aspectos de onde veio e logo em seguida o arrependimento de ter saído. Em sua obra não fala o motivo de sua partida, mas em todo texto coloca a perspectiva do retorno.

Outro autor que retratava bem a situação do migrante nordestino é Pedro Costa que, antes de morrer, vivia no Piauí mas havia percorrido todo o Brasil como

¹⁶ Os trechos atribuídos a (OLIVEIRA; SOARES, 2016) foram replicados do artigo *Cordelistas no processo migratório: a expressão da experiência feminina e nordestina*, escrito por essa pesquisadora em co-autoria com a pesquisadora Ana Aparecida Alves Pereira Oliveira, publicado na Revista Ponto e Vírgula da PUC-SP, no ano de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/TFyXXm>>. Acesso 14 jul. 2017.

migrante itinerante, mostrando suas poesias e cantos. Pedro deixou claro em seus versos a influência das questões econômicas como fatores para a migração:

Os homens sem instruções
São vistos como inconstantes
A necessidade obriga
Se tornarem imigrantes
Pra onde forem viram vítimas
Dos poderes dominantes.

Milhares de nordestinos
Deixam seus berços natais
Migram pra outros estados
Em busca de ideais
Muitos perdem a liberdade
Dentro dos canaviais. (COSTA, 2010)

Nesses versos, Pedro coloca a questão da submissão dos nordestinos que decorre de suas necessidades objetivas, que os leva à procurar outro lugar para conseguir sobreviver. O motivo, ele retrata:

Nossa civilização
Ainda é escravocrata
Só vale neste Brasil
Quem tem grana, ouro ou prata,
Os ricos ladrões sequestram
Os pobres o sistema mata

Com a globalização
O mundo rápido avançou
Trocaram o homem por máquina
O emprego se acabou
A escravidão no Brasil
Apenas modernizou.

O Brasil do fome zero
Zero mesmo é a consciência
Os poderes corrompidos
Patrocinam a violência
Muitos brasileiros ainda
Não tem sua independência.

Existem patrões que acham
Que emprego é um favor
O emprego é um objeto
Que não tem nem um valor
Dentro do eito da cana
Substitui o trator. (COSTA, 2010)

O mais interessante é o aspecto geral desse processo: “*Com a globalização, / O mundo, rápido avançou, / Trocam o homem por máquina*”, o avanço industrial e global tomou enorme proporção que o mundo desumanizou, apenas ver o homem como um objeto de trabalho que quando precisa serve, mas quando não é útil pode ser descartável. Ainda completa: “*O emprego se acabou, / A*

escravidão no Brasil, / Apenas modernizou”. Retrata, além disso, o mundo de hoje como escravocrata, pois quem trabalha está em condições subalternas, empregos precarizados e baixos salários.

Por último, ele trata da questão do campo, ele não recria o nordestino urbano e sim o do campo:

Piauí e Maranhão
São os grandes exportadores
De cortadores de cana
Esses pobres sonhadores
Os governos fecham os olhos
Pra esses trabalhadores

O trabalhador no campo
É mais do que explorado
Dez toneladas por dia
Para manter registrado
Quem não atingir este teto
Já está desempregado.

Muitos nordestinos vivem
A triste realidade
Dentro do corte da cana
Muitos perdem a liberdade
E guardam dentro do peito
Tristeza, dor e saudade.

Dentro do eito da cana
Muitos são molestados
Contraem algumas doenças
Que lhes deixam mutilados
Terminam morrendo à míngua
Pelos patrões desprezados. (COSTA, 2010)

Nesse trecho, traz à tona a situação dos trabalhadores do campo, em extrema miséria, contraindo doenças, chegando a morrer. Muitos trabalhadores do campo no Nordeste migram para o sudeste, os primeiros empregos são na construção civil e depois vão para indústria.

O fluxo migratório se intensificou nas décadas de 1930 a 1950. Esse período foi caracterizado pela melhoria da infraestrutura de estradas, com a conclusão do primeiro sistema viário regional ligando o sul ao nordeste em 1949. De acordo com Hoffmann (1977 p. 35-6), “A emigração do Nordeste foi bem mais intensa na década de cinquenta de que na década anterior e na seguinte, o que, aliás, era de se esperar, dada a gravidade da seca de 1953” (MENEZES, 2013 p. 5).

Outro tema bem abordado entre os cordelistas é a temática do humor. Um dos clássicos mais tratados no cordel que faz os leitores darem gargalhadas é o

famoso Seu Lunga. Trata-se de uma figura lendária do Nordeste que tem jeito arredio e áspero com pessoas que lhe faziam qualquer pergunta ou queriam estabelecer algum diálogo. José Anchieta Dantas Araújo, conhecido como Zé do Jati, Cearense, é um dos cordelistas que escreve sobre Lunga¹⁷. Replico um trecho cordel, de sua autoria, *Seu Lunga O campeão do mau humor*:

Venho neste volume
Atendendo a meu leitor
Contar causos e anedotas
Que um alguém me contou
Sobre esse já consagrado
Campeão do mau humor

Há estudos científicos
Sobre a origem, e de fato:
A religião pender para Andão
A ciência pro macaco
E longa para o jumento
Segundo forte relato

Se a pergunta não procede
Ele não tem paciência
O coice chega bem-dado
Não sobre benevolência
Esse é o lendário Lunga
Sobre a luz da ciência

Ele é comerciante
Em juazeiro do norte
Homem de pouco conversa
Homem de caráter forte
E se a pergunta for besta
Sua resposta é de morte (ARAÚJO, 2011)

Contudo, nem sempre, o humor no cordel é abordado de uma maneira sadia. Muitos tratam com preconceito de forma risonha para atrair o leitor. A obra citada acima neste trabalho, *A peleja do Casado com o Solteiro*, representa traços da desigualdade de gênero, expressa o meio que se produz o cordel, refletindo todas as formas de opressões através dessa linguagem. O que é corriqueiro, quando abrimos um folheto de cordel.

Em seu livro **A presença feminina na literatura de cordel do Rio Grande do Norte**, Costa¹⁸ (2015) aborda como os cordelistas tratam as mulheres

¹⁷ Joaquim de Santos Rodrigues, o Seu Lunga, de fato existiu. Poeta brasileiro, repentista morava em Juazeiro do Norte antes de falecer no ano de 2014.

¹⁸ Graduado em Pedagogia e em Direito, pós-graduado em Educação Ambiental, jornalista não diplomado, colunista dos jornais Dois Pontos e Jornal de Natal. Membro correspondente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-rio-grandense de Literatura de Cordel.

em suas obras. Ele pontua que, quanto mais sátira no folheto, desqualificando as mulheres, mais as pessoas compravam.

Ainda no Brasil, desde o tempo do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que se vê pelos títulos de seus folhetos a desqualificação da mulher em vários sentidos, como se vê logo nestes títulos: *“As saias calções”, “Um susto de minha sogra”, “Consequência do casamento”, “O gênio das mulheres”, “As manhãs de uma viúva”, “A mulher e o imposto”, “A mulher em tempo de crise”, “A mulher na rifa”, “O peso de uma mulher”* e *“Vacina para não ter sogra”*¹⁹, entre tantos outros. Os poetas vendiam seus cordéis aos folheteiros, que os repassavam ao público leitor, principalmente nos mercados, feiras e praças das cidades nordestinas. E quanto mais sátira no folheto, mais os homens riam a valer das mulheres e os compravam...(COSTA, 2015 p. 38)

Além do preconceito contra mulher, encontramos também nos textos de cordéis uma carga muito forte de preconceitos contra negros e LGBTs. Essa constatação reflete a realidade da nossa sociedade, que se utiliza das diferenças naturais entre os seres humanos para os colocar em situação de sujeição e humilhação, tornando esses grupos vulneráveis e em desvantagem social (TOLEDO, 2017).

Em 1945, existiu uma campanha, voltada à licenciosidade no cordel. Curran (1987) conta que Rodolfo lutou contra a imoralidade dentro do cordel. Licenciosa como cunho impróprio, obsceno. Essa campanha durou por bastante tempo e com um significado muito importante, pois, para Rodolfo, a pornografia era incabível como tema a ser abordado nesse gênero. Ele concorda que não devíamos ser puritanos, mas deveria existir respeito e honestidade.

Por último e não menos importante o tema do Cangaço também é dos mais importantes e mais encontrados nas obras de cordel:

O cangaço sempre esteve presente nas páginas cordelísticas. É um aquífero no qual sempre se encontra uma novidade, um detalhe, um episódio. Em todos os lugares do Brasil e em todos os tempos nos quais fenomenalizar-se um poeta de cordel, o tema cangaceiro se fará rugir. É uma marca, como um ferro de gado em brasa assinando seu emblema no couro susceptível da história. Já pude falar nas diferenças de catalogação do cordel. (LUCIANO, 2018²⁰)

Encontramos autores que abordam o tema, como Nando Poeta, que possui cordéis sobre Lampião, Corisco, Jararaca, Jesuíno Brilhante e, o mais

¹⁹ Grifos do autor

²⁰ Disponível em: <http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/2018/03/4-de-marco-de-2018-100-anos-da-passagem.html> Acesso em: 20 mai. 2018

recente, sobre Maria Bonita. Há também Costa Senna, autor de *Lídia, amor e tragédia no Cangaço e Lampião e seu escudo invisível*; Zé Antônio com seu folheto: *O bandido Cabeleira e o amor de Luisinha*; Marciano Medeiros com *Família, Sonhos e lutas de Valdetário Carneiro*; Varneci Nascimento com *Cangaço um movimento social*. Além de autores Gonçalo Ferreira da Silva com *Lampião o Capitão do Cangaço*; Rodolfo Coelho Cavalcante com *A chegada de Lampião no céu*; José Pacheco da Rocha com a *Chegada de Lampião ao inferno*. Vale também mencionar os pioneiros: Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, que produziram muitos cordéis sobre a saga do cangaço.

Por fim, os autores de cordéis, para desenvolverem a escrita, precisam na maioria das vezes pesquisar sobre os temas. Estudam cada nuance da temática escolhida para, a partir daí, avançar na construção de sua narrativa. O cordel deve ter embasamento e elaboração com consistência, sem atropelo dos fatos históricos ou veracidade desses fatos, assim como nas ficções, requer sentido nas histórias representadas.

Na produção do cordel, há diversos aspectos envolvidos. Tais como a pesquisa e leitura sobre o tema, a revisão do texto, ilustração e sua produção a partir das editoras, tipografias. Alguns assimilaram a ideia que, para ser considerado cordel, a capa e o miolo teriam que ser confeccionados com papel jornal no tamanho tradicional de 11x16. Essa citação tem a ver com o início do século XX, momento em que não havia recursos gráficos suficientes. Portanto os cordéis eram impressos da forma mais simples possível.

O cordel é um gênero escrito e sua importância está na escrita, quase não importa a forma, o suporte (a forma de apresentação editorial, em via impressa ou em áudio) a ser utilizado, se é gravado em CD, em revista, em quadrinhos etc.

Vai para o cinema, vai para os palcos, está no CD, DVD, isso é muito importante por que não se pode ficar preso simplesmente ao passado. Por que muita gente entende que o cordel deveria ser naquele folheto de 11 por 16, um papel de jornal barato, um “papelzinho”, né, sempre de péssima qualidade e hoje a gente vê livros de boa qualidade que tem o gênero literário cordel. (POETA, 2016)

A produção da capa do cordel também passa por isso, pois, nesses folhetos tradicionais, as capas eram cegas, ou seja, não continham nenhum tipo de imagem, além do letreiro. Na década de 20 com o ‘boom’ no cinema, as capas foram

ilustradas com as fotos de astros famosos, potencializando a divulgação dos folhetos através da força do cinema, mesmo que muitas vezes a história contida no cordel não tivesse nenhuma relação com a imagem.

Também, até a década de 20, as capas eram apresentadas com cercaduras vinhetadas. A partir de 1920, introduziu-se a prática dos postais e, na década seguinte, retratos de artistas de cinema. Desde 20, tem havido capas com desenhos especialmente encomendados para os folhetos e também tacs, hoje em dia conhecidos por xilogravuras. (LUYTEN, 1981, p. 23)

Por volta de 1940, especialmente no nordeste, os cordéis passaram a ser ilustrados com xilogravuras. Uma arte desenhada na madeira e passada no papel, todo processo realizado manualmente. Ocorreu com mais força no interior do Ceará. Luyten (1981), na época que escreve, menciona uma tendência quase generalizada no Brasil de produzir folhetos com xilogravuras.

No surgimento da produção do folheto e da xilogravura é preciso conhecer as diversas técnicas de impressão e desenvolvimento. São elas: gravura planográfica, cavada e em relevo. Cavada é a gravura em metal, relevo em madeira e planografia em pedra.

Vamos abordar o conceito de *gravura*, do artigo *Gravura: conceito, história e técnicas* de Mauro Andriole:

O termo "gravura" é muito conhecido pela maioria das pessoas, no entanto, as várias modalidades que constituem esse gênero, costumam confundir-se entre si, ou com outras formas de reprodução gráfica de imagens. Isto faz da gravura uma velha conhecida, da qual pouco sabemos de fato. De um modo geral, chama-se "gravura" o múltiplo de uma Obra de Arte, reproduzida a partir de uma matriz. Mas trata-se aqui de um reprodução "numerada e assinada uma a uma", compondo desta forma uma edição restrita, diferente do "poster", que é um produto de processos gráficos automáticos, e reproduzido em larga escala sem a intervenção do artista. (ANDRIOLE, M. Gravura: conceito, história e técnicas.)²¹

A gravura em relevo é a perfuração de uma placa, a parte sobreposta será utilizada para impressão mediante a aplicação da tinta, logo após passada para o papel, fazendo uma pressão sobre ele. Essa técnica se refere a xilogravura na

²¹ Disponível

em:http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html. Acesso em: 12 jul. 2018

madeira, linoleogravura no tecido linóleo e zincografia no metal. A mais utilizada entre os cordelistas é a xilogravura.

Hoje, as produções dessas capas já mudaram bastante, devido ao avanço da tecnologia. Já encontramos desenhos ilustrados a partir da tecnologia digital, tanto desenhos rústicos, feitos a mão, e depois digitalizados, quanto aqueles feitos totalmente em programas específicos de designer. Para Luciano (2012) esse avanço tecnológico trouxe ao cordel um novo visual.

Começando pela editora Prelúdio que, quando mudou seu nome para Luzeiro, deu início a um movimento de reedição de obras, que passaram a contar com diferentes capas, ilustrações internas, caracterizando um aspecto único da editora. (LUYTEN, 1981 p. 118)

A produção com capas mais modernas e sofisticadas no cordel é predominante em São Paulo, devido a existência da editora Luzeiro, que abraçou a inovação nas publicações. Pela ousadia, a Editora Luzeiro, que por muitos anos mantinha uma visão conservadora, foi acusada de estar desvirtuando a produção do cordel.

O nordestino está sofrendo um novo assalto do lazer industrial paulista: cantadores, trovadores, repentistas das feiras tradicionais, que tiveram suas produções impressas nas velhas e precárias folheterias, agora são editados em gráficas, com capas coloridas, “offset” e outros “melhoramentos”. E suas obras registradas na Biblioteca Nacional, conforme a Lei. Mas, sob outros nomes. Manoel Diegues Júnior, o erudito pesquisador das raízes populares de nossa cultura, é quem denuncia o roubo. (COUTINHO, 1970 apud LUYTEN, 1981 p. 123)

Já Souza²², o editor, defende a Luzeiro:

Nós mantemos o mesmo público, porém já iniciamos com outras ideias. Nossa intenção é a mesma, aprimorar um pouquinho os livros. **Não existem resistências populares em relação à Luzeiro.**²³ Eles gostam de modernização. Inovamos em capas coloridas, criamos a ficha sobre o livro, informações sobre o autor, correção gramatical, ilustrações em alguns deles. Modernizamos sim, porque se nós quiséssemos fazer diferente não poderia ser. Por exemplo, fazer com xilogravura. Agora não dá, já fizemos mas eles não concordam[...] (SOUZA. 1995. p. 32).

Portanto, existem duas versões sobre as publicações dos folhetos pela editora. Souza (1995) afirma que tenta “reelaborar para apresentar um pouquinho

²² Editor e responsável pela editora Luzeiro.

²³ Grifos nossos

melhor, quando ele acha que o poeta não está à altura”, e faz questão dessa reelaboração, mas com consentimento do autor do folheto e reitera que se não é autorizado a reelaborar, “eu não tenho coragem de publicar”. (SOUZA, 1995 p. 33)

Leandro Gomes de Barros foi um dos pioneiros na produção do cordel. Como apontamos acima, há inconsistência em saber qual data que marca a primeira publicação de cordel, mas a certeza, que os autores e estudiosos do cordel confirmam, é que o primeiro agente responsável por uma produção intensa de cordel, foi Leandro. No começo não tinha uma tipografia²⁴ específica para a publicação de folhetos, que resultavam em diversos formatos e tamanhos.

A partir de 1910, Leandro começou a editar seus próprios folhetos em Recife e a partir de 1914 também começou a imprimir em João Pessoa, com seu próprio prelo²⁵.

Era comum os folhetos terem 16, 24, 32 páginas. Hoje essa predominância ainda existe, mas também encontramos livros de cordel com mais páginas. Na originalidade, encontrávamos o cordel nas vendas, em feiras e mercados, feitos oralmente. Segundo Luciano (2012), nos últimos dez anos, esse gênero passou por uma transformação, podemos encontrá-los em livrarias, em bienais de livros, bancas de revistas, etc. Como também começou a fazer parte de livros de luxo de grandes editoras com preços diferentes dos folhetos tradicionais.

No começo era comum encontrar vários fragmentos de cordéis numa mesma publicação para contabilizar 16 páginas. A partir da década de 1920, o número de estrofes se adequou ao número de páginas. As narrativas começaram a aparecer com folhetos de 32 ou 48 páginas e o de 8 páginas foi experimentado pela primeira vez uma década depois.

Portanto, os romances são publicados com 32 páginas e os folhetos curtos com 8 páginas. Mas, para os poetas, um folheto com 32 estrofes não

²⁴ A tipografia é a arte e o processo de criação na composição e impressão de um texto, física ou digitalmente. Assim como no design gráfico em geral, o objetivo principal da tipografia é dar ordem estrutural e forma à comunicação escrita. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tipografia>. Acesso em: 12 jul. 2018

²⁵ Máquina primitiva de impressão manual. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=prelo> Acesso em: 20 mai. 2018

compensava, devido ao custo de sua produção e ao retorno financeiro da obra. Por isso, o padrão de 16 páginas se tornou vigente e conseqüentemente a história se tornou mais enxuta.

Para Souza (1995), “o público gosta de romance. Mas existe a peculiaridade de que quando eles falam em romance são os livros de 32 páginas”. Ou seja, mais atualmente, com advento das editoras, a produção desses livros maiores pode ser atrativa a um público sem causar prejuízos. “Comprar um livrinho desse para aprender alguma coisa, eles não fariam. É puro entretenimento” (SOUZA. 1995. p. 37).

Leandro Gomes de Barros era poeta, produtor e vendedor de suas obras, enviava os próprios cordéis por todo o país. João Martins de Athayde em 1909 construiu sua tipografia e tornou-se o primeiro poeta-editor. Em 1925, abriu seu trabalho em Salvador. No ano de 1913, Francisco de Chagas Batista adquiriu seu prelo manual, comprado de Leandro, abrindo a Popular Editora em Guarabira-PB.

Antes dessas editoras e tipografias, os cordéis eram impressos em tipografias de diversos outros serviços gráficos. Ao longo do tempo surgiram diversas editoras de cordel. Gaspar²⁶ (2012), aprofunda essa questão em seu texto:

“Segundo a pesquisadora Ruth Terra (1983), entre 1904 e 1930, existiam vinte tipografias que imprimiam folhetos de cordel no país: nove delas na cidade do Recife; quatro na Paraíba (João Pessoa e Guarabira); uma em Fortaleza; duas em Maceió; uma em Currais Novos, RN; uma em Belém, PA; e duas no Rio de Janeiro” (TERRA, Ruth. 1983 apud GASPAR, Lúcia. *Edição de cordel no Brasil*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.)²⁷

São elas: Imprensa Industrial, Tipografia Miranda, Tipografia Moderna, Tipografia do Jornal do Recife, Tipografia da Livraria francesa, Tipografia Perseverança, Tipografia Mendes, Tipografia Chaves, Tipografia de J. Martins de Athayde, Tipografia da Livraria Gonçalves Pena, Tipografia Pernambucana, Tipografia Popular Editora, Tipografia de Pedro Batista, Tipografia Minerva de Assis Bezerra, Tipografia Fernandes, Tipografia Lima, Tipografia d’ O Progresso, Tipografia Editora Guajarina, Tipografia Papelaria Pacheco, Tipografia Antunes.

²⁶ Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco

²⁷ Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 15 mai. 2018

Na década de 1960, houve uma crise na produção de folhetos, relacionada aos aspectos políticos e econômicos que afetaram o período. No caso, tais conflitos estavam relacionados ao golpe de 1964 com sua censura, ao aumento dos preços do papel, à inflação e redução de jornada de trabalho com redução do salário. Todos esses fatos desencadearam grande impacto sobre a cultura.

O interesse na indústria cultural é retomado, mas a produção dos folhetos permanece com o aspecto de um produto tradicional, popular, “de pobre”. Característica essa criticada e abominada pelos cordelistas. Nessa época, o governo tentou controlar a produção cultural para manter a ordem nacional. Sobre a produção na Luzeiro Souza (1995) expressa: “pode-se até faltar alguns títulos que em época normal não faltam, não tem outra fórmula. Nós sofremos muito, não só com referência à literatura de cordel, mas toda a indústria popular sofre muito nessas épocas de descontrole da economia” (SOUZA, 1995 p. 49).

Ou seja, a crise econômica atrapalhou o desenvolvimento da produção de cordel no Brasil, mesmo tendo interesse na população. “Como já falei antes, não existe uma crise na literatura de cordel, pois há o interesse da parte do público. O que atrapalha é a crise econômica” (SOUZA, 1995 p. 53).

Todos esses fatores dificultaram o avanço das tipografias de cordel, somente a tipografia São Francisco continuou existindo, todas as outras sofreram o efeito da crise. Nessa época, depois de 1930 também começa a existir a Souza, que permanece até hoje.

A editora Luzeiro foi fundada em 1973, na cidade de São Paulo, por Arlindo Pinto de Souza e Armando Augusto Lopes. Segundo Luyten (1981), esses dois jovens herdaram a tipografia do pai, José Pinto de Souza, português, nascido em 1881. A tipografia se chamava Typografia Souza, com sua morte, os herdeiros a chamaram de Editoria Prelúdio LTDA. Com o passar do tempo, modificaram para Luzeiro.

A editora Luzeiro tem uma vasta produção de folhetos. Inclusive, essa editora cumpriu um papel importantíssimo na distribuição editorial do cordel, garantindo por muito tempo o envio de toda a produção para parte significativa do

Nordeste, que apenas tinha acesso ao cordel da Luzeiro. Em muitos lugares do Nordeste, o formato do folheto tradicional não era conhecido.

Luyten (1981) afirma que a editora Luzeiro é a mais antiga no país, já mudou diversas vezes de nome, e pode-se dizer que, além de ser a mais antiga, também é a mais aperfeiçoada tecnicamente do Brasil.

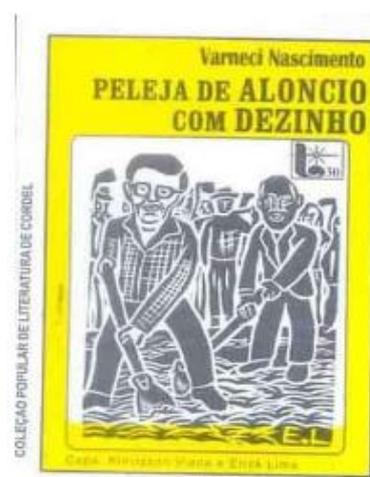
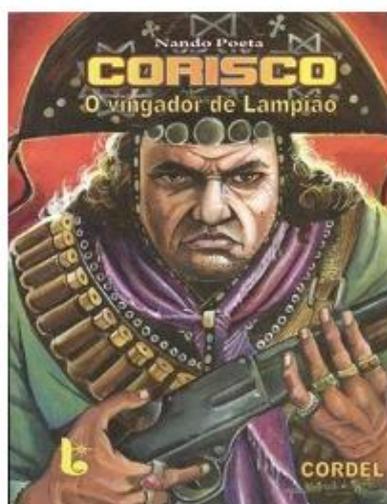
Arlindo Pinto de Souza, em seu livro **Editando o Editor 4** (1995), menciona uma modernização nos folhetos publicados pela editora:

A edição desses folhetos nos leva a pensar de fato numa relação entre as sociedades pré-modernas em profundas transformações, os caminhos da migração, os rumos da modernização, e agora creio que poderíamos falar de um verdadeiro estilhaçamento e de um afrontamento com o mundo complexo de uma sociedade industrial em que atuam caoticamente elementos pós-industrial. (SOUZA, 1995 p. 14)

Vários trabalhos de Nando Poeta e Varneck Nascimento, por exemplo, têm uma diversidade de formas gráficas no suporte²⁸ na hora de produzir o cordel.

Abaixo podemos observar dois tipos de capas de cordel. O primeiro com aspecto moderno, uma ilustração bem elaborada do ano de 2013 e o segundo com xilografura, elaborado em 2008:

Imagem 1: Corisco o vingador de Lampião, 2013 - Nando Poeta
Imagem 2: Peleja de Aloncio com Dezinho, 2008 - Varneck Nascimento



Fonte: <http://www.editoraluzeiro.com.br>

²⁸ Suporte é a forma que é apresentada a poesia em cordel: folhetos, CD, redes sociais e etc.

Nando é um cordelista da atualidade e tem sua obra majoritariamente ilustrada por desenhos, são poucas aquelas em que utiliza a xilogravura. Isso não o torna mais ou menos cordelista. Importante perceber que assim como os cordelistas não possuem uma só identidade, o cordel também passa pelo mesmo processo, por várias transformações.

Varnecki também utiliza diversos tipos de suporte em suas obras. Já usou todo tipo de ilustrações: desenho, xilogravura. Segundo ele, de todos seus cordéis, apenas cinco são xilogravura. Seu primeiro cordel foi uma imagem do personagem da história. Ou seja, embora as ilustrações em xilogravura sejam um símbolo identitário da literatura de cordel, a sua ausência não interfere legitimidade do que é identificado como cordel.

Os dois poetas já produziram suas obras na Editora Luzeiro como também em outras editoras pelo Nordeste, mais propriamente no Rio Grande do Norte e Paraíba.

Segundo Luyten (1981) por muito tempo os escritores de cordel em São Paulo publicaram suas obras no Nordeste para serem vistos como mais “autênticos”. São caracterizados por ele como “saudosistas”. Uma alegação para essas atitudes é achar que não é verdadeiro o cordel impresso em papel com maior qualidade, já que não se assemelha aos folhetos tradicionais nordestinos nos quais se fazia o uso com mais frequência do papel jornal. “[...] Esta alegação nos parece mais digna de crédito, pois já ouvimos diversas vezes a afirmação de que tal e tal folheto não seria “verdadeiro”, pois fora mimeografado ou impresso em papel sulfite ou com capa mais dura do que folhetos tradicionais nordestinos ” (LUYTEN, 1981 p. 113).

A editora Luzeiro mostrou outro caminho de edição dos cordéis, modernizados e diversificados, mas ainda existe aquela tradicionalidade, a qual os próprios envolvidos no meio do cordel reproduzem. Souza (1995), por exemplo, reafirma que a cultura é do nordeste e lamenta o fim de muitas editoras em tempos de crise, mas ainda acredita que é possível o seu retorno por ter muito mais potencial do que as editoras do sudeste.

Oxalá que quando a economia se estabilize, os editores tradicionais do Nordeste se encorajem e voltem a publicar. Por que eles, por exemplo,

como a Luzeiro, têm os canais de distribuições. [...] Existem os canais próprios. E é isso que dificulta os novos, mas aqueles tradicionais do Nordeste têm os canais. Isso facilitaria um ressurgimento (SOUZA, 1995 p. 56).

Ao mesmo tempo que faz essa afirmação, ele critica as editoras no nordeste que pararam sua publicação por não diversificarem suas publicações. Isso teria sido necessário para que, com o decréscimo da demanda do cordel, outros tipos de livros pudessem garantir a continuidade das editoras.

Não diversificaram, como nós fizemos. Não é tanto modernizar, mais diversificar, fazer outros tipos de publicações, outras linhas. [...] Eles no nordeste, não tiveram esta oportunidade. Não por que talvez não tivessem a visão. Talvez as circunstâncias financeiras impedissem. E então eles pararam de publicar o cordel. O cordel lamentavelmente vai se perder. (SOUZA, 1995 p. 54)

Para os cordelistas em geral, o que importa é a ampla circulação do cordel. Isso passa pela diminuição do custo dos cordéis nas livrarias, pela boa qualidade da impressão e produção literárias. A produção do cordel sofreu uma mudança positiva no sentido de acompanhar o desenvolvimento tecnológico gráfico, como também na manutenção de seus aspectos tradicionais. O que não o torna mais ou menos cordel. Importa muito mais a disseminação dessa arte tão bem aceita e produzida neste vasto Brasil.

4. A TRAJETÓRIA DOS CORDELISTAS NAS TRANSFORMAÇÕES DO CORDEL

No capítulo anterior, abordamos aspectos relevantes da formação do cordel e seu desenvolvimento ao longo do tempo no contexto histórico brasileiro, apontando suas transformações tanto do aspecto técnico quanto no que tange a sua disseminação enquanto cultura brasileira. Aqui, partiremos para a discussão de experiências já vividas no mundo do Cordel nacional e regional no âmbito das organizações de movimentos cordelistas. Voltar-nos-emos ao papel que essas tiveram para a transformação e desenvolvimento do cordel no Brasil.

Posteriormente, trataremos de experiências de movimentos ativos no presente. Por exemplo: *a Estação do Cordel*, em Natal, assim como o legado da *Caravana do Cordel* que, em pouco tempo, significou muito para os cordelistas em São Paulo e tornou-se referência para todo o Brasil. Como também nos debruçaremos sobre as trajetórias individuais dos cordelistas entrevistados participantes desses movimentos, buscando identificar como eles se introduziram e vivem até hoje no mundo do cordel.

4.1. A contribuição das organizações cordelistas

Nesta subseção, elucidaremos alguns exemplos de organização de cordelistas pelo Brasil e como eles contribuíram e ainda contribuem a partir dos recentes movimentos, para o desenvolvimento do cordel no país como também para os cordelistas que o fazem.

Um estudo de Mark J. Curran intitulado **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel (1987)** nos trouxe informações importantes para a construção do cordel, também como um movimento de organização de cordelistas em prol de um objetivo político-cultural-social. Nesta parte, com base na experiência de Rodolfo²⁹, observaremos como os cordelistas se organizaram nacionalmente em um movimento cultural no Brasil.

A campanha em 1945, de licenciosidade no cordel, foi um marco para a formação dos movimentos criados por Rodolfo. Repudiava o tema da imoralidade, muito presente nos cordéis, como a pornografia. Os movimentos criados por este

²⁹ Poeta popular dos mais conhecidos, nasceu em Alagoas. Jornalista, editor. Rodolfo morreu em outubro de 1986.

poeta foram regidos por essa lógica, a partir de seus estatutos. Por exemplo, em 1982 explica: “eu não atuo se a pessoa não é da Ordem³⁰. Simplesmente chamou a atenção das autoridades. Agora, sendo membro da Ordem, é expulso imediatamente” (CURRAN, 1987, 32).

Importante abordar esse tema não apenas por ter sido o marco da luta que norteou a organização do cordel, mas também pelo seu caráter de uma moral respeitosa. Até hoje, podemos ver em muitos folhetos essa licenciosidade³¹. Um dos aspectos dessa transformação, tirando o cordel de uma produção rasteira para agregar conhecimento através dos assuntos tratados.

O poeta se movia a essa pauta da imoralidade pois existiam muitos cordéis com esse cunho, de autores anônimos. E na década de 1940 começou essa campanha depois que, expondo os seus folhetos, ouviu um homem com duas crianças se referir ao cordel como imoral, desmotivando leitores a compra do cordel. Rodolfo ficou em choque e começou a “lutar” para que não haver mais esse tipo de comentário sobre o gênero literário que tanto apreciava e do qual tirava seu sustento.

Os principais motivos que levaram a construção de um primeiro congresso nacional de Trovadores e Violeiros, na Bahia em 1955, organizado por Rodolfo, foram essa "imoralidade na poesia vendida nas praças nos anos 40, a miséria e falta de condições de vida do poeta e a falta de apoio ou proteção das autoridades" (CURRAN, 1987, p. 30).

Em 1950, ocorreu o Terceiro Congresso Brasileiro de Escritores na Bahia, com o objetivo de discutir sua situação profissional enquanto categoria. Foi este evento que despertou um interesse em construir o Primeiro Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. O cordelista Rodolfo viu um espelho onde também se poderiam se refletir os cordelistas de sua classe, segundo Curran (1987), os poetas humildes de cordel.

Até hoje, o fato mais impressionante de toda a história do Congresso é que foi levado a cabo por um homem humilde, até certo ponto ingênuo, com um

³⁰ Ordem Brasileira de Poetas da Literatura de Cordel

³¹ Define o livro licencioso como aquele “com a palavra obscena e direta”. (CURRAN, 1987, p.30)

mínimo de estudos formais, paupérrimo no sentido econômico, mas rico em sua visão sobre o futuro de sua 'classe' (CURRAN, 1987, 36).

Por se passar na Bahia, o Congresso foi pensado primeiro apenas no nordeste. Entretanto, incorporaram-se poetas do Rio de Janeiro e São Paulo, dando um caráter nacional ao evento, que contou com apoio de Orígenes Lessa, do Rio de Janeiro, escritor intelectual do cordel.

Orígenes ajudou na legitimidade do Congresso, conferindo, naquela época, o aval do ex-presidente Dr. Café Filho. A escritora Zora Seljan³² também do Rio de Janeiro, Edgard Cavalheiro³³, escritor e chefe da delegação em São Paulo, também ajudaram nessa construção.

A preparação para a realização do Congresso durou 5 anos. Curran (1987) relata que Rodolfo escreveu 9.285 cartas, 732 telegramas, publicou 58 reportagens e 1.425 crônicas. Inclusive, mantinha uma coluna no Diário da Bahia, com a seção: *Quando falam os trovadores*. As publicações eram diárias, o trabalho foi árduo mas valeria a pena (CURRAN, 1987 p. 37).

A finalidade desse congresso era a fundação da Associação dos Trovadores Populares do Brasil. Para Rodolfo, essa associação defenderia os direitos de seus associados, moralizaria³⁴ a poesia popular, combateria toda espécie de licenciosidade e propagaria o cordel nos meios de comunicação. Em sua visão, estaria longe de correntes partidárias e de preconceitos de todas as espécies.

Nesse sentido, o movimento com um caráter anti-político, não religioso e cultural, tinha o intuito de criar uma casa de trovadores e um jornal dessa associação. Mesclou o caráter popular com o erudito, dos intelectuais, pensadores.

³² Nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, em 7 de dezembro de 1918. Escreveu peças de teatro, romances, crônicas e também atuou como crítica teatral dos jornais O Globo, O Dia e da revista Diretrizes. Foi a primeira jornalista sul-americana a visitar os países da Cortina de Ferro (Rússia e países da antiga União Soviética). Nos anos 1960, residiu na Nigéria, onde foi professora de Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade de Lagos. Disponível em: <http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4426>. Acesso em: 12 jul. 2018

³³ Escritor e autor. É considerado o maior biógrafo de Monteiro Lobato.

³⁴ Para Rodolfo moralizar é fazer folhetos que informe ensinando, com alguma mensagem. “Serão ‘doutrinados’, como Rodolfo gosta de repetir”. São simples versos didáticos que contam uma história para divertir o leitor. (CURRAN, 1987 p. 153)

Eventualmente conseguiu a adesão de muitos intelectuais, dos meios de comunicação, de políticos e de estudantes. No Rio de Janeiro, segundo Rodolfo na sua coluna, de 24 de março de 1955, Orígenes Lessa já organizara uma comissão para o congresso com os seguintes participantes: Lessa, Renato Almeida, Manuel Diégues Júnior, José Lins do Rego, Jorge Amado, Zora Seljan Braga, Sérgio Milliet, Edison Carneiro, Valdemar Cavalcante, Francisco de Assis Barbosa, João Cabral de Melo Neto, M. Cavalcante Proença e Antônio Houaiss, entre outros! Por outro lado, cuidava do setor popular. Convidou Minelvino Francisco Silva (colega de Ibiuna, Bahia), Manuel D'Almeida Filho (autor de romances de cordel, radicado em Aracaju, Sergipe), Sinésio Alves (ilustrador do cordel na Bahia), Manuel Camilo dos Santos (poeta e editor do cordel até o fim dos anos 50), José Bernardo da Silva (poeta e editor de Juazeiro do Norte, Ceará, possuidor dos direitos de publicação da obra de Leandro Gomes de Barros e do velho Ataíde), Cuíca de Santo Amaro (o poeta mais popular na Bahia, e muitos outros (CURRAN, 1987 p. 39).

Curran (1987) também se refere a aspectos que atrapalharam consideravelmente essa construção, como inveja e intromissão política. Rodolfo afirmava que os trovadores tinham muita dificuldade financeira para sobreviver. Ou seja, pertenciam à classe trabalhadora e, com essa organização, desejavam ser livres, ter seus direitos garantidos e também lutar contra a corrupção no país. Diante disso, observamos que, em si, o movimento já era político, e que a negação de Rodolfo a esta característica situa uma confusão.

Para os trovadores, ser político significava se envolver no campo do poder no país, nas disputas partidárias. Todavia, a movimentação que esses cordelistas se propunham a fazer, sobre a situação de carência e carestia em que viviam, era efetuada como forma de protesto, para nós isso é política. Vale ainda ressaltar que, na época, esses poetas eram vistos como utópicos e loucos por parte das altas autoridades.

Um reflexo dessa confusão foi o desfalque de muitos poetas, que deixaram de ir ao congresso, pois haveria políticos e autoridades presentes. O dilema residia no fato de o apoio desses setores ser imprescindível, devido à dificuldade financeira de construir esse congresso. Era necessária infraestrutura, além de transporte para outros poetas e garantia de alimentação nos dias de realização do evento.

Conforme explica Curran (1987), muitos poetas deixaram de ir, pois não queriam estar ligados a política e ao comunismo. Para muitos desses cordelistas, o

envolvimento com a política tornava o congresso antidemocrático. Rodolfo culpa os determinados intelectuais pela dispersão desses poetas populares.

Ele afirma que o congresso foi prejudicado pelos intelectuais comunistas, não pelo comunismo. Apesar de o Poeta se colocar como democrata, sempre pedia que não houvesse política no movimento que, em sua perspectiva, era apenas um movimento cultural.

Nessa época, o contexto político do país era o nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas incentivado pelos EUA para o desenvolvimento das grandes empresas nacionais no Brasil. Isso resultou em um combate às posições que fossem contrárias às do governo nacional, por isso existia uma repulsa a um conceito genérico de comunismo como também ao envolvimento em qualquer aspecto político.

O Primeiro Congresso ocorreu no mês de julho e contou com a presença de 180 congressistas. Caracterizado como o marco de uma nova era para a poesia popular, o resultado desse encontro foi a fundação da Associação Nacional de Trovadores e Violeiros, com 12 pontos de finalidades, dos quais destacamos alguns: moralizar a poesia popular; preservar e cultuar a memória de trovadores, violeiros e daqueles quantos se distinguiram pelo trabalho e pelo estudo; bem como se posicionar em favor do folclore nacional, da alfabetização e da conservação da poesia popular brasileira.

De 1955 até hoje, a história de Rodolfo, em grande parte, é a de todos os poetas do cordel: a luta para sobreviver, escrevendo, publicando e vendendo seus folhetos. O poeta tem como desafio o fato de enfrentar uma economia e uma sociedade em estado de mudança. O poeta que se adapta, que persiste, continuará, de um jeito ou de outro, a escrever e publicar. O outro desaparecerá. Rodolfo, talvez mais do que qualquer um, simbolizará esta luta para sobreviver (CURRAN, 1987 p.50).

Porém, logo após a sua fundação, a ANTV foi interrompida. Curran (1987) salienta que um dos motivos para esse rompimento seria uma espécie de guerra por poder e desconfiança entre os sócios. Isso promoveu uma insatisfação de tal ordem em Rodolfo, que o levou a renunciar a seu cargo. Conseqüentemente, esse fato

ocasionou o fim da Associação, pois ninguém mais poderia sustentá-la com vida orgânica³⁵.

Para Curran, Rodolfo foi um grande ativista da cultura popular, era chamado de “líder da classe”³⁶ e, por essa fama, não desistiu de organizar os cordelistas, persistindo na missão. De 1957 até 1966, idealizou outra organização, agora chamada de GBT, Grêmio Brasileiro de Trovadores, fundada por ele em 8 de janeiro de 1958. Nessa nova composição, a GBT uniu de fato os populares e eruditos, não apenas como apoiadores, mas também como associados, ganhando títulos e cadeiras na organização.

No ano de 1959, começou a organização do Segundo Congresso, dessa vez, em São Paulo. Esse segundo Congresso ocorreu nos dias 4 a 7 de setembro de 1960, no Ginásio Pacaembu. Com uma presença de aproximadamente 160 congressistas, um pouco menor em relação ao primeiro.

Houve uma mudança no que diz respeito a sua composição, já que aumentou a participação dos trovadores de trova e dos trovadores populares, violeiros³⁷. Desde então, essa mudança passa a ocorrer gradualmente.

Como se vê, mudou o elenco desde 1955! Um sinal de perigo para o futuro sucesso do movimento foi a mudança de “tom” do popular para o erudito. Rodolfo mesmo disse, comentando o congresso: o segundo congresso não teve o mesmo sucesso do primeiro por que não foi propriamente um debate de classe. Quem tomou conta foram os eruditos. Lamentável isso. Foi o maior erro da minha vida que até hoje eu deploro, ter colocado os autores de trovas em nosso movimento (CURRAN, 1987 p. 55).

Como se pode observar a história dessas organizações nacionais de cordelistas é a história de Rodolfo Cavalcante. Depois do Segundo Congresso, Rodolfo deixou por 3 anos a profissão de poeta popular, assim como explica Curran (1987). Entre os anos de 1965 e 1970, rompeu com a outra organização cuja fundação foi capitaneada por ele, a GBT.

³⁵ O autor se refere a um tipo de Associação que tenha vida ativa, cotidiana.

³⁶ Classe aqui é a categoria dos trovadores, cordelistas. Não se refere às classes sociais, apesar da categoria de trovadores de a Rodolfo representa fazer parte de uma classe, a trabalhadora.

³⁷ Rodolfo usa esses dois termos para diferenciar os trovadores populares e os eruditos. Os trovadores de trova ele definia como os intelectuais, eruditos.

No ano de 1976 é fundada a Ordem Brasileira de Poetas da Literatura de Cordel. Assim como as fundações anteriores, que tinham um alcance nacional, trata-se de uma entidade que abarcava os cordelistas brasileiros de forma abrangente. Rodolfo declara: “O principal objetivo dessa nova entidade da classe é organizar, incentivar e publicar os trabalhos dos novos trovadores brasileiros em todo o país a fim de manter acesa a poesia popular”.

Dessa vez, a organização estaria aberta somente para poetas cordelistas considerados profissionais autênticos, que vivessem apenas da poesia popular, além de violeiros repentistas e escritores de poemas. Rodolfo não queria repetir os erros anteriores se provendo de “pseudopoetas populares que no fundo querem distorcer a literatura de cordel na sua essência”.

Até a edição do livro de Curran (1987), essa entidade mais nova, Ordem, como era chamada, estava viva e atuante.

Essa terceira fase de suas entidades profissionais de líder de classe seria diferente das outras duas por um motivo principal: teria o apoio moral e financeiro de autoridades do Estado da Bahia, especificamente da Fundação Cultural do Estado da Bahia. A campanha feita por Rodolfo e o auxílio de patrocinadores locais foram os fatores principais neste importante evento (CURRAN, 1987 p. 58).

No capítulo anterior já propusemos que, ao longo de sua história, mais especificamente entre os anos de 1960 e 1970, o Cordel Brasileiro, enquanto poesia popular, esteve ameaçado. Isso ocorre justamente no período de fundação da nova Ordem. Rodolfo relata que sua decisão de impulsionar uma nova entidade nacional foi motivada pelo professor Raymond Cantel. Em uma passagem no Brasil e palestras em Belo Horizonte, contava que o Cordel estava ameaçado em sua existência. (CURRAN, 1987 p. 58)

Entre os dias 3 e 13 de novembro de 1976 ocorreram alguns movimentos como uma grande Feira Regional de Cordel, inauguração da Praça Catulo na Bahia onde os cordelistas se apresentavam e, no dia 6 de novembro do mesmo ano, a fundação da entidade, a Ordem. Em 12 de março de 1977, foi lançado o Primeiro Encontro Nacional dos Poetas da Literatura de Cordel, no Solar do Unhão, na Bahia. O estatuto da nova entidade foi aprovado nesse encontro.

Os eventos agora variam: a participação de Rodolfo e da Ordem no Centenário de Juazeiro do Norte, um festival de violeiros em Ipirá, Bahia, um convite para participar no “Grande Festival de Cantadores Repentistas e de Poetas da Literatura de Cordel”, em Juazeiro do Norte, em janeiro de 1978 e a realização da “III Feira da Literatura de Cordel e o dia do Folclore” na Bahia, em agosto de 1977 (CURRAN, 1987 p. 60).

Entre os dias 16 e 18 de junho, de 1978, ocorreu o Primeiro Congresso Nacional dos Poetas, Trovadores, Repentistas e Escritores da Literatura de Cordel, em Brasília. Em 1980, foi anunciado o Primeiro Congresso Nacional de Poetas da Literatura de Cordel no Rio de Janeiro, em março, organizado pela Ordem. Na Bahia, foi fundado o Centro de Pesquisas de Literatura de Cordel, instalado na Biblioteca Central, com a parceria da Ordem e a Fundação Cultural do Estado da Bahia, que colaborou com a Ordem desde a sua fundação com intuito de imprimir e divulgar cordéis dos associados, realizar congressos, feiras, festivais de cordel.

Ainda no ano de 1980, realizou-se o primeiro congresso que, segundo Curran (1987), “foi um grande sucesso”. Esse evento foi realizado no pavilhão São Cristóvão, no espaço da feira nordestina e contou com apoio do Instituto Nacional do Folclore e da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em junho desse mesmo ano foi fundado o Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, entidade atrelada ao governo do Estado da Bahia, que inaugurou a Praça dos Trovadores e Repentistas no mês de agosto. Foi uma importante conquista, pois se trata da primeira praça no Brasil a pertencer permanente aos poetas populares, onde passaram a ter plena liberdade de expor e apresentar sua arte. Curran (1987) conta que nessa praça existia a “Banca dos Poetas” e, de tudo o que era vendido, 10% do lucro era revertido para a entidade e outra porcentagem para o “responsável da referida banca”.

Em janeiro de 1984, a banca pegou fogo e botou abaixo uma grande construção de muitos anos desse movimento, mas, em 1985, com ajuda da Fundação Cultural conseguiram se reerguer. Após esse processo, a Ordem Brasileira de Poetas de Literatura do Cordel só cresceu e ganhou fama Brasil afora. Infelizmente, hoje a entidade não existe mais, mas o seu legado perpassou como experiência da necessidade, e da possível organização dos poetas por todo o Brasil, para novos cordelistas amantes da poesia popular.

Em 1997, na cidade de Guarujá – SP, surgiu o “Movimento de Cordel” a partir de uma iniciativa do Jornal 1º HORA com uma seção intitulada *Chapéu de Couro*, onde cordelistas da cidade foram convidados a publicar alguns trechos de seus cordéis com 8 estrofes. Monteiro³⁸ (1998), autor do livro **Cordel em Movimento**, conta-nos essa experiência, que durou apenas alguns meses, mas que foi muito rica para a propagação do cordel e do incentivo à cultura popular na região.

Para Monteiro (1998), “o cordel pode ser traduzido como um instrumento de legitimidade da vontade popular”. Ele explica que essa poesia popular não possui significado para muitos, devido a sua origem popular³⁹ e seu próprio material ser de qualidade inferior à outras obras ditas eruditas.

Os poetas que organizaram esse movimento sentiram a necessidade de expor suas obras, visto que o espaço no jornal era pequeno (8 estrofes) do que uma obra de cordel que contém 36 estrofes.

A reflexão acerca deste conjunto de fatores nos remeteu à necessidade de criar, aqui em Guarujá, as condições necessárias para reunir um grupo de pessoas interessadas em estudar, pesquisar e principalmente, produzir literatura de cordel. E, pode-se dizer que, num primeiro momento, o Movimento de Cordel foi criado para preencher um espaço que foi aberto ao cordel, nas páginas do *Chapéu de Couro* (MONTEIRO, 1998 p. 26).

A primeira reunião do movimento ocorreu dia 23 de maio de 1997, na Casa de Cultura Anarquista Jaime Cubero, em Vicente de Carvalho, com a presença de 20 pessoas. Depois dessa reunião, formou-se um grupo de 9 pessoas para dar vida ao movimento, mas, com o passar do tempo, ficaram apenas 5 cordelistas. O movimento viveu em forma de agrupamento por 4 meses somente.

Pelo que conta Monteiro (1998), os poetas que o integravam estavam começando a escrever na forma e métrica do cordel. Eram amantes da cultura, nordestinos ou descendentes de nordestinos, já tinham contato com a literatura, mas, nos encontros, utilizavam a “metodologia triangular” baseada em “conhecer, ver e fazer”.

³⁸ Luiz de Assis Monteiro, nascido em Miraluz-SP. Passou a vida se dedicando ao estudo do teatro e da cultura popular. Atualmente vive em São Paulo, onde dirige a Confraria da Paixão, grupo dedicado a teatro popular e cultura brasileira.

³⁹ Origem popular retoma a discussão anterior no primeiro capítulo, àquela vindo do povo pobre, rebaixada.

O grupo estudava o cordel, tomava propriedade de sua escrita e colocava no papel. Tinha um caráter coletivo, tudo o que todos escreviam ia para o grupo para ser lido, avaliado e, posteriormente, publicado. As publicações ocorriam semanalmente na seção *Chapéu de Couro* nas páginas do Jornal 1ºHORA. Tratava-se de uma construção literária coletiva.

Monteiro (1998) ressalta o caráter do movimento, que manteve essa nomenclatura (inicialmente provisória), já que o seu intuito era organizar atividades periódicas em coletivo que tinham determinado fim. O movimento tinha o objetivo de propagar essa literatura como expressão da cultura popular para a população daquela região.

Segundo Monteiro (1998), o movimento se caracterizava como apartidário, sem representação de partidos ou segmento político organizado na sociedade. Após sua criação muita gente se confundia com relação a isso, embora o autor ressalte que se tratava de uma ideia que pudesse impulsionar um fato cultural na região.

Cercou-se também de preocupação de não incentivar mais uma entidade, mesmo porque, o que não falta em nosso país (e também em nossa cidade) são entidades, juridicamente legalizadas, mas que, de fato, quando existem, seu funcionamento é algo questionável. E o grupo estava imbuído de seriedade, e o que se impunha era a crença na possibilidade de ordenar o cordel na pauta da produção cultural da cidade (MONTEIRO, 1998 p. 29).

Os poetas também vislumbravam a possibilidade da criação de um Centro de Estudos e Produção de Cordel, uma Casa do Poeta popular, ou algo do gênero. Exemplo bem parecido com a experiência anterior de Rodolfo Cavalcante. Inclusive nessa obra de Monteiro (1998) cita o poeta baiano.

Para os cordelistas do Movimento de Cordel, o grupo iniciou com o papel de propagador da literatura como ato de resistência e pela continuação da poesia popular. Visto também o grande número de nordestinos e descendentes na cidade que conheciam a poesia popular e que, através dela, mantinham um laço com sua origem.

A todo momento, Monteiro (1998) enfatiza que o movimento era central para "contribuir para a organização e a consequente emancipação cultural de nosso

município". Em suas obras, expunha uma crítica aos problemas da cidade e não admitia que seus temas ferissem os princípios e a moral do grupo.

Sob o ponto de vista da conduta moral e ética do Movimento, é consenso entre os poetas de que a poesia deve servir para alertar, discutir os problemas da cidade, bem como apontar soluções sem, contudo, citar diretamente ou ferir os princípios éticos e morais de pessoas ou entidades. A crítica, por sua vez, deve contribuir para a construção de uma sociedade mais digna, para o resgate da cidadania e solidariedade, e ainda, para a busca de um modelo social fundamentado no respeito ao ser humano (MONTEIRO, 1998 p. 31).

Nesse ponto, novamente nos remetemos à experiência de Rodolfo, especificamente no que tange a sua luta pelo fim da licenciabilidade no cordel, conforme descrito por Curran (1987). Resgatando uma moral de respeito ao próximo, sem oprimir e julgar, através da poesia. Além disso, buscava não reproduzir um tipo de ideologia que dividia a classe⁴⁰ composta pelos poetas populares e cordelistas.

Por essas experiências, nas próximas subseções abordaremos os exemplos mais recentes de movimentos, tentando comparar suas atuações e a história com os movimentos que tiveram um papel para a propagação do cordel. Será que a história se repete? Ou as organizações de cordel se renovam?

4.1.1 Caravana do Cordel

A *Caravana do Cordel* foi fundada por sete cordelistas residentes em São Paulo: Marco Haurélio, Costa Sena, Cacá Lopes, João Gomes de Sá, Nando Poeta, Pedro Monteiro e Varneck Nascimento. Hoje, só Nando Poeta deixou essa capital, retornando para o seu local de origem. A *Caravana* não existe mais, só suas lembranças e registros, motivando ainda a necessidade de permanecer reunindo poetas para a propagação do cordel nas diversas regiões no Brasil.

Existem algumas versões sobre a origem do grupo, principalmente em relação a data do seu surgimento. Costa Sena (2017), cordelista, cantor e cearense nos conta:

A Caravana do Cordel foi assim... ninguém sabia de nada, ninguém. Nós fomos lançando DVD, um DVD caseiro na casa do Júbilo, aí foi um sucesso, sucesso total. O nome do projeto era Ensaio Aberto. Eu fiquei tão

⁴⁰ Classe para Rodolfo significa a categoria dos poetas e cordelistas.

emocionado com o momento que achei por bem procurar um espaço em qualquer lugar, não era obrigado a ser no centro... e criar um grupo, não tinha nome, o nome veio depois. [...]. Aí convidamos Cacá Lopes, Pedro Monteiro, Nando Poeta, Gomes de Sá, Moreira de Acopiara, Varneci. Eram sete, Moreira nem estava. Aí eu falei com Cacá, falei com Marco Aurélio e nada deles se decidirem e cheguei até a brincar, eu citei uma frase do Raul Seixas porque tinha arranjado um espaço com muita facilidade que... "Foi tão fácil conseguir e agora eu me pergunto e daí...?" Até que conseguimos marcar uma reunião e a Caravana nasceu, quem trouxe esse título foi Marco Aurélio. O João Gomes de Sá tinha um projeto paralelo e aí pra dizer que esse projeto era da Caravana enxertaram ele dentro da Caravana, mas na realidade a Caravana não tinha nada a ver. O projeto nasceu na casa de Júbilio Jacobino, na rua Alfa, parece... ali perto do Sacomã. Aí começaram as reuniões, as divergências (SENA, C. entrevista concedida em setembro de 2017).

João Gomes de Sá (2017) revela outro contexto para esse surgimento: "A vontade surge a partir do I e II Salão da Literatura de Cordel em Guarulhos/SP. Presentes vários cordelistas, palestrantes e oficineiros. Mais tarde, em São Paulo, na Casa das Rosas; naturalmente, os cordelistas de boa vontade se organizam e programam as atividades da bendita caravana".

Barbora-Geribello (2013) entrevista os sete cordelistas que compunham o "movimento". Ela registra três momentos que podem ter marcado o surgimento da Caravana:

Nesse sentido e de acordo com a discussão sobre *ação coletiva*, percebo uma necessidade, entre os poetas, em fixar uma data específica para a fundação da *caravana do cordel*, bem como, de elementos definidores do grupo (cordel e nordeste) que possam marcar a existência do grupo. Nesses discursos, pelo menos três momentos surgem como marcadores do surgimento desse grupo. O *primeiro momento* seria julho de 2009, com data, horário e local, fixados (Espaço Cineclubista, Rua Augusta); o *segundo* seria construído a partir da reunião dos *setes poetas*, na residência de Nando Poeta, início de 2009 à Rua Augusta. Além desses eventos fixos, haveria a ideia de que a *Caravana do Cordel* já existia enquanto ideia ou "conceito", em 2008, e que já estavam presentes em vários eventos ocorridos na cidade, existindo registro disso no blog de João Gomes de Sá (BARBOSA-GERIBELLO, 2013 p. 43).

Importante ressaltar que, nas entrevistas concedidas a essa pesquisadora trabalho, os três momentos são mencionados. O primeiro foi apresentado por Varneci Nascimento (2016), que afirma a consolidação do grupo em julho de 2009, mas pontua que em 2008 já existia o movimento confirmando a terceira hipótese, ou seja, uma afirmação não se opõe à outra.

A segunda hipótese foi afirmada por Pedro Monteiro (2017): “[...] além dos sete que criamos a caravana, em uma reunião na casa do Nando Poeta, nós pensamos em abrir possibilidades, identificar xilogravuristas, diagramadores, ilustradores, outros poetas, tocadores, cantadores, para integrar o movimento da caravana [...]”, mas não fixa data específica.

Portanto, não é preciso contradizer os três momentos, pois, a nosso ver não existe divergência entre eles. Foram momentos que se completaram e aqui, neste trabalho, o que queremos expor é a importância da construção dessa ferramenta como elemento de organização dos cordelistas no território paulistano.

A *Caravana do Cordel* tinha como objetivo mobilizar diversos poetas e amantes desse universo, além de promover a divulgação midiática, cultivar valorização e espaço na cultura se contrapondo à cultura elitizada. Varnecki (2016) considera que o surgimento da *Caravana* objetivava reunir os cordelistas (os sete nordestinos) para terem uma presença mais forte na cidade de São Paulo, isso mostra um processo de reterritorialização dos cordelistas migrantes.

Segundo Homi Bhabha (1998), essa ideia de reterritorialização expressa processos articulados de perda e realocação. Trata-se de um processo de antigas e novas produções simbólicas, ou seja, “entre-lugares”. A dinâmica é sua propriedade fundamental, além de discutir o essencialismo e o que seria o “local de cultura” e revisar a discussão acerca do lugar. Portanto, caracteriza-se como um deslocamento cultural, o surgimento de uma versão híbrida que tem uma matriz cultural de origem, mas que se transforma de acordo com as relações sociais e territoriais do sujeito.

A ideia do hibridismo se coloca por de meio de embates e choques culturais decorrentes do processo de deslocamento. Para Canclini (2009), essa hibridização é uma teoria das diferenças, expressando-se também sobre a cultura popular que há muito sofre exclusão e desmerecimento por ser do povo. Por isso, ele propõe uma operação de re-conceituação de nossas valorizações artísticas e culturais. Surgem formas de significação, mesmo formas opostas aos elementos culturais de origem, ou seja, uma “crise de identidade”.

Ressaltamos que, o tema da migração é bastante caro a este trabalho. Em vista disso, o retomaremos na subseção 4.2 deste capítulo, quando trataremos das trajetórias desses cordelistas e de sua luta incessante no interior da cultura popular, produzindo e propagando o cordel.

Voltando à Caravana, também foi seu objetivo juntar a diversidade existente entre esses sete cordelistas e promover ações que atraíssem outros artistas, para que pudesse haver:

[...] bastante qualificação, na formação de opinião, isso valeu tanto para poetas como para os apologistas mais próximos, ter uma compreensão maior, muita gente passou a fazer tese de TCC, mestrado tendo como referência a poesia popular, foi muito gratificante (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro de 2017).

Entre outros objetivos, a *Caravana do Cordel* também buscava aglutinar esses poetas, conhecer as obras, estudar o cordel, fazer pesquisas e passar ao público todo o conhecimento e a arte apropriada para o interesse geral nessa cultura. Segundo Varnecki (2016), o foco principal era o cordel, mas artistas cantores, xilogravuristas e ilustradores eram bem-vindos.

Todos os cordelistas entrevistados afirmaram o caráter da Caravana como um movimento de cordelistas. João Gomes de Sá fala: “a Caravana do cordel era um movimento literário de poetas cordelistas”. Nando Poeta quando discorre a repercussão que foi a Caravana, Brasil afora, a chama: “o movimento caravana”; Varnecki, de encontro à abordagem de Nando Poeta, coloca: “os poetas de outros estados olhavam para cá como uma luz, em São Paulo está acontecendo um movimento interessante a gente precisa se espelhar”. Pedro Monteiro faz bem a definição do movimento Caravana do Cordel.

[...] o movimento da caravana, que lhe fosse não uma entidade com estatuto, com presidente, tesoureiro, mas um movimento, onde esse movimento tivesse inserção social, caravana teve, cumpriu bem esse perfil. Como todo movimento tem um objetivo a cumprir. Hoje nós trilhamos caminhos que foram sem sombra de dúvidas possibilitados pela caravana do cordel (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro de 2017).

As atividades da Caravana ocorriam em encontros mensais. Dentre elas, ocorreu o I Fórum de Cordel, na Ação Educativa em São Paulo, no ano de 2011. O Fórum foi organizado pelos sete poetas, mas tinha uma concepção aberta. Desse modo, não seria um grupo restrito. Os sete poetas constituíam uma *coordenação*, a

mola mestra do movimento. Pensavam nas atividades a serem promovidas todo mês, além de atividades em outros locais, aos quais eram convidados.

Esses sete eram as molas mestras do movimento, mas com o maior cuidado para aglutinar, para não excluir ninguém para que ninguém se sentisse fora, todo mundo era da caravana. Os sete que iniciaram tinham o papel principal de maior responsabilidade, mas isso não quer dizer que outras pessoas que não fossem desses sete não pudessem tomar iniciativa de organizar um sarau, organizar um encontro em algum lugar e incluir todo mundo (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro de 2017).

Suas reuniões serviam para organizar os encontros mensais que, em princípio, aconteciam no Espaço Cineclubista, na Rua Augusta. Depois, passaram a ocorrer em outros locais como Casa de Cultura, escolas, Casa do Professor, Ação Educativa, APEOESP.

Sobre isso, Costa Sena (2017) afirma: “a gente se encontrava no Centro Cultural São Paulo para discutir uma estratégia melhor para Caravana e depois passou a ter umas palestras sobre literatura de cordel [...]”. Nos encontros mensais ocorriam apresentações musicais, saraus, feiras de livros, folhetos e xilogravuras. Da venda de materiais tiravam uma porcentagem para o pagamento do aluguel do Espaço Cineclubista.

Não sabemos ao certo quando se deu o fim da *Caravana do Cordel* enquanto movimento. Nando (2016) ressalta: “então foi muito importante a caravana do cordel, hoje existe uma certa... o movimento enquanto organização da caravana do cordel dispersou um pouco”. Varneci reafirma “Dispersou, não existe”. A principal razão decorre das divergências, no momento do auge.

[...] foi legal mas chegou a um ponto que chegou a ter as divergências, divergências ferradas. Tem coisa que não dá pra compreender... Tem gente que começou a convencer que não tem que ter música na Caravana, sabe. Era pra ter só cordel. Aí chegou uma votação pra ver se ficava duas músicas ou uma música só. Fomos pra votação e todo mundo votou contra as músicas (SENA, C. entrevista concedida em setembro de 2017).

Varneci lamenta o fim do movimento e acredita que deveria prevalecer o cordel, enquanto cultura e vingar o objetivo inicial de propagação. Ele afirma:

É uma pena que as vaidades e uma série de outras questões mataram o grupo, faz parte inclusive da própria natureza humana, isso foi muito prejudicial ao grupo, no sentido de que houve muito ofuscação, vamos dizer, até melindroso tratar desse assunto, porque tem coisas que não dá nem

para dizer publicamente de coisas que aconteceram internamente, mas qual é o grupo que não tem suas divergências? E nós fomos fracos no sentido de não conseguimos contornar isso, administrar para que o cordel prevalecesse mais que qualquer outra coisa, infelizmente não conseguimos, e aí esse coletivo como coletivo acabou (NASCIMENTO, V. entrevista concedida em junho de 2016).

Esse aspecto mostra que não existe homogeneidade nos movimentos, coletivos, agrupamentos. A pergunta de Varneci sobre as divergências internas evidencia que, mesmo com um objetivo comum, existem disputas, conflitos e interesses diversos na formação de um grupo.

Isso se explica pelas diferenças que tem os indivíduos e os fatores externos que influenciam no agrupamento.

À consciência de identidade deve associar-se a consciência de oposição. Segundo Lewis A. Coser, «o conflito é sempre uma trans-ação». Se desperta e faz crescer a identidade dos grupos, implica essencialmente uma ação social recíproca e, por isso, a determinação de um opositor. É indispensável a criação de atitudes hostis ou antagónicas, que permitam delimitar os grupos em contenda e afirmar a sua coesão e a sua identidade. (FERNANDES.1993 p. 790)

Segundo Fernandes (1993), existe um opositor, que são os fatores externos, podem ser um inimigo comum pelo qual se tem a necessidade da criação de um grupo, e tem os conflitos internos, que inclusive são importantes para o funcionamento e diversidade de um grupo. O problema, no entanto, ocorre quando não se encontra ou não está claro esse inimigo comum, fica mais difícil um grupo com diferenças internas conseguir continuar lutando. O que mantém um grupo firme mesmo com seus conflitos internos é a existência de um opositor, um inimigo externo.

Nem sequer a ausência de conflitos é sinal e prova da estabilidade das relações sociais. É a conflitualidade que promove a coesão e serve de base à luta social. J.-P. Sartre propõe a noção de «grupo em fusão» para designar a solidariedade e a ação face a uma ameaça. Perante um perigo exterior, produz-se uma «totalidade em fusão». A solidariedade e a ação fusionais tendem a degradar-se quando o opositor não é claramente definido. Aos «grupos em fusão» contrapõem-se, por isso, os «grupos efémeros e de superfície». O conflito é factor simultâneo de solidariedade interna e de fraccionamento em relação ao exterior. A fusão cria-se por oposição. (FERNANDES.1993 p. 791)

Talvez a falta desse opositor tenha deixado as diferenças internas tomarem conta da Caravana do cordel. Tinha um objetivo comum, um público fiel e a novidade do cordel na boca das pessoas, com sede de curiosidade sobre essa

cultura. Então, esses conflitos internos ofuscaram mais do que o propósito do grupo, fazendo que a fusão de ideais tornasse opositor do grupo, levando assim ao fim do movimento.

O movimento *Caravana do Cordel* foi reconhecido em todo o Brasil, por diversos cordelistas que sentem também a necessidade de se organizar. Em vários cantos do país, o movimento era procurado como um espelho para outros estados e cidades. Varneck também ressalta que se o movimento tivesse continuado teria vingado ainda mais.

Mas eu ainda fico feliz que as pessoas também conseguiram desenvolver seus trabalhos e continuam mas para o cordel teria sido melhor se tivesse continuado um grupo forte como vinha porque aí a gente teria conquistado muito mais espaço na cidade de São Paulo e no Brasil por que a caravana tornou a ser referência em todo o Brasil, os poetas de outros estados olhavam para cá como uma luz: “em São Paulo está acontecendo um movimento interessante a gente precisa se espelhar.” E procuravam a gente, telefonavam: “tô acompanhando, como a gente faz para fazer aqui no nosso estado”, porque a caravana tomou uma proporção nacional (NASCIMENTO, V. entrevista concedida em junho 2016).

Costa Sena reitera:

A Caravana era muito forte, era... se não tivesse se destruído bestamente, era... Veja bem que por onde eu viajo tem gente que pergunta pela Caravana, eu tava em Juazeiro e tinha gente que perguntava pela Caravana, eu tava em Crateús e tinha gente que perguntava pela Caravana. Então ela criou um nome, criou uma legitimidade muito forte, mas [...] (SENA, C. entrevista concedida em setembro 2017).

A *Caravana do Cordel* é reconhecida pelos seus diversos eventos na cidade de São Paulo e sua ida a vários lugares apresentando o cordel, exemplos disso foram as visitas realizadas na disciplina de Cordel no curso de Letras (03/12/2009), na clínica de Hemodiálise (16/12/2009). Vale também mencionar suas participações na V FOOP organizada pela Wal; na III FESTA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS em Sorocaba. Além de outras atividades, como a homenagem ao Dia do Cordelista, em 19 de novembro de 2009, o encerramento no FESTIVAL DO LIVRO E DA LITERATURA DE SÃO MIGUEL PAULISTA, o aniversário da Caravana do cordel, bem como encontros mensais e o Fórum do Cordel.

Todos esses eventos e muito mais foram registados no Blog do Varnecki Nascimento, onde podem ser encontradas essas informações⁴¹. A caravana do cordel fez história!

Hoje, os cordelistas Varnecki Nascimento, Pedro Monteiro, João Gomes de Sá, Costa Sena, Cacá Lopes e Nando Poeta estão reunidos em outros espaços. Como a Bodega do Cordel e Companhia do Cordel, em São Paulo e na Estação do Cordel, em Natal.

E além disso tem muita gente que beberam na fonte da caravana, participaram dos seminários, dos encontros regulares que foram com isso animadas a escrever mais, a fazer mais eventos relacionados a poesia popular, então isso avalio como bastante positivo o processo da caravana (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro 2017).

Sobretudo, a *Caravana do Cordel* deixou um legado muito importante para os cordelistas, em nível nacional. A importância da organização, do resgate de uma cultura nordestina e do cordel como expressão popular da literatura brasileira torna os cordelistas agentes divulgadores desse conjunto de elementos que torna o “ser” cordelista.

4.1.2 Estação do Cordel

No Rio Grande do Norte não poderia ser diferente, existem inúmeros grupos que levantam a bandeira do cordel. A *Estação do Cordel* é um projeto recente, nascido em Natal, na data de 14 de março de 2017 quando se celebra o dia nacional da poesia.

Surgiu a partir do evento *O Círculo Natalense do Cordel*, que ocorreu em novembro de 2016, na pinacoteca de Natal. Foi um evento histórico, pois reuniu diversos cordelistas do Brasil para debater a história do cordel, seu papel na literatura, a produção do cordel e temas como Mulheres no Cordel, mesa da qual participamos com o artigo *Cordelistas e o processo migratório: a expressão da experiência feminina e nordestina*.⁴²

Esse evento foi marcante, principalmente no que diz respeito à necessidade de os cordelistas se reunirem em favor de um mesmo objetivo: a valorização do cordel.

⁴¹Disponível em: <http://varneckicordel.blogspot.com/2010/>. Acesso em: 12 jul. 2018.

⁴² Ver nota 23.

Com o nome: Estação do Cordel, o projeto se desenvolve através do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Cordel Brasileiro (NEP-CORDEL) e se surgiu com a iniciativa de poetas e artistas potiguares. A Estação sobrevive com a contribuição financeira de sócios colaboradores, através de uma campanha para a sua auto sustentação.⁴³

Nando (2017) foi um dos organizadores do evento e também um dos fundadores da *Estação do Cordel*. Experiência que adquiriu como membro fundador da Caravana do Cordel, em São Paulo, no ano de 2009.

Em 2013, quando retornou para Natal, começou a participar do movimento cordelista da cidade e somou-se ao segmento dos poetas e ativistas culturais que deram origem a essa nova formação: a *Estação do Cordel* na cidade de Natal.

A estação do cordel é uma associação cultural. Ela se desenvolveu a partir de um grupo de cordelistas aqui da cidade de Natal que em 2016 organizou o ciclo Natalense de cordel foi meio que em um momento que meio que debateu, se discutiu o cordel no Brasil. As experiências de organização no Brasil e em vários estados. Veio gente de São Paulo, veio gente do Rio, de Aracaju... várias cidades do interior do Rio Grande do Norte. E a partir dos temas debatidos, se discutiu também a organização dos cordelistas no Brasil e no nosso estado. Então a Estação é a evolução desse debate surgido em novembro de 2016 e quando chegou 2017, em 14 de março que é o dia nacional da poesia, nós abrimos esse espaço que é a estação do cordel (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação de cordel em Natal/RN).

Tonha Mota, Nando Poeta e o produtor Antônio Jorge Moura fundaram a Estação do Cordel, agregando demais cordelistas como Cláudia Borges e Carlos Alberto.

Foi assim, eu, Nando, Moura do Círculo Natalense pra cá sentimos necessidade de ter um espaço pra divulgar pra debater, exatamente, todo dia a gente debate certos assuntos aqui e ter um espaço pra gente fazer nosso trabalho e nossos amigos que quiserem participar, aí nós temos apoiadores, que estão com a gente, como Carlos Alberto, poetisa Cláudia Borges que também está junto com a gente e outros que chegam e se agregam a nós (MOTA, T. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

A *Estação do Cordel* é uma associação cultural com uma diretoria. A presidência é ocupada no momento por Tonha Mota. Para Cláudia Borges (2017), essa nova associação veio para somar: “a estação do cordel é um espaço criado e

⁴³ Disponível em: <http://www.omossoroense.com.br/natal-inaugura-estacao-do-cordel-no-dia-nacional-da-poesia/>. Acesso em: 01 out. 2017.

aberto, para aglutinar poetas, escritores, amantes da cultura, onde realmente se divulga e ensina a arte de fazer cordel”.

A cordelista Sírilia Lima, que não faz parte da gestão da *Estação do Cordel*, é apoiadora e tem seus trabalhos presentes no espaço de divulgação da associação. Na entrevista realizada em setembro de 2017, quando perguntada sobre sua relação com a estação do cordel, ela fala que é boa, mas exalta a iniciativa na pessoa do Nando Poeta. Nesse sentido, importa frisarmos que essas organizações são fruto do trabalho coletivo e sem ele não seria possível a realização deste estudo.

Nando é um grande divulgador da cultura, sempre levando para frente e ele quer que a gente chegue junto, divulgar nosso trabalho e também, eu sinto que ele quer nesse espaço congregar poesia e também divulgar, não só nesse espaço, mas ele quer a cultura circulando, inclusive na praça ele quer que fique na praça contanto que a poesia gira na cidade no RN e no país, é o que eu sinto. Ele é realmente um divulgador da cultura (LIMA, S., entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Um elemento observado nessa construção é o envolvimento das mulheres na fundação e sua participação da associação. Observamos que a *Estação do Cordel* tem duas mulheres (Tonha Mota e Cláudia Borges) como pioneiras do movimento. Ressaltar essa participação é fundamental pois, como sabemos, o espaço cordeliano é historicamente composto por uma maioria de homens e, por isso, é bastante comum a misoginia em seus temas e no tratamento com as mulheres cordelistas.

Rosa Regis (2017), cordelista apoiadora da *Estação do Cordel*, comenta sobre ser mulher nesse meio:

Eu me sinto às vezes um peixe fora d'água, às vezes eu chego... aqui já tem Tonha mas às vezes chego na Casa do Cordel e não tem nenhuma mulher e provoca um ciúme desgraçado no meu marido velho, fica cabreiro, mas eu não me incomodo não (REGIS, R. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Depois, afirma não sentir incômodo em relação ao seu reconhecimento em ser mulher entre os cordelistas: “nunca senti em relação a isso, porque eu não me acho tão ruim como cordelista não, aí se alguém tiver algum preconceito que se dane” (REGIS, R. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Sobre a presidência de Tonha Mota, Nando comenta:

Uma mulher, que nós fizemos questão de ter uma mulher cordelista a frente, que é justamente pra quebrar aquela muralha que se criou no meio cordeliano que só os homens cordelistas é que está à frente e nós achamos que tem que ter uma mulher à frente da nossa associação (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação de cordel em Natal/RN).

A *Estação do Cordel* também tem o objetivo de revitalizar uma praça situada em frente ao espaço alugado por eles, denominada Padre João Maria, a praça estava abandonada antes da abertura do local, depois desse processo todas atividades são feitas nela.

Fizemos o arraiá aqui na praça, o primeiro arraiá foi o ano passado, foi bastante gente. Está acontecendo também o novo movimento que começou o mês passado que se chama 'junteiro' e a estação do cordel está apoiando e está envolvido também nesse sentido. E surgiu o novo movimento que é uma roda de viola que todo mês será toda primeira sexta do mês, estaremos fazendo a roda de viola. Que também é um segmento cultural que está agregando valor, eu faço parte desse grupo, que chama bando de lampião, é música, é rabeca, é viola é todo tipo de música, coco, samba de roda, engajada nesse grupo, e a gente ta trazendo pra aqui a roda de viola. É com o professor Marcelo Otto (MOTA, T. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Em menos de seis meses a associação cultural saiu no principal jornal da cidade, o Jornal Tribuna do Norte, com o movimento "Salve a Praça":

Quando abrimos a Estação do Cordel encontramos a praça em estado deplorável. Estava cheia de entulho, algumas barracas de artesanato tinha desmoronado. Sem falar do piso cheio de buracos. Já tivemos que acudir uma senhora que caiu ao machucar a perna nos desníveis", reclama Tonha. Preocupados em dar vida a praça, o grupo de cordelistas da Estação encampou o movimento "Salve a Praça". Eles estão coletando assinaturas para levar aos órgãos responsáveis pela conservação do lugar. "Precisamos sensibilizar a prefeitura para que ela revitalize a praça", diz Braga⁴⁴.

A *Estação do Cordel* também aglutina um grupo de cordelistas, resgata sua "identidade" e tem objetivo e propõe ações coletivas. Mas, Nando Poeta, que participou tanto do movimento Caravana do Cordel quanto da *Associação Cultural Estação do Cordel*, as diferencia:

A Caravana do Cordel, a gente não era uma associação, certo. A gente funcionava como um movimento, um coletivo que atuava nos espaços da

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/cordel-da-vida-a-praa-a/381970>>. Acesso em: 01 out. 2017.

cidade de São Paulo, desenvolvendo também estudos, pesquisas, palestras, debates, oficinas... e produção. A gente tinha uma produção bastante desenvolvida e acentuada pelo fato de que a Luzeiro que é uma das maiores editoras do país e mais antigas do país, dava um suporte pra produzir todos os trabalhos que a gente desenvolvia. Então isso aí é uma grande ajuda. É diferente aqui em Natal que nós não temos uma editora com suporte que toda produção nossa seja produzida... Então a gente tem dificuldade nessa questão da produção que é uma coisa que a partir da Estação do Cordel a gente tá iniciando essa conversa, é que a gente quer inclusive superar essa dificuldade nossa em produzir. Então há diferenças nesse sentido, lá tinha... era um movimento, mas que do outro lado tinha um suporte pra editar os cordéis. Aqui a gente já transformou esse movimento numa coisa mais orgânica que é uma associação cultural e por outro lado a gente não tem esse suporte de produção. Tem essa diferença. (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Embora a *Estação do Cordel* seja uma organização mais orgânica por ser uma associação, a *Caravana do Cordel* tinha mais estrutura para a produção. Entretanto, o que essa segunda tinha de estrutura para produção, não possuía em termos de infraestrutura para uma sede fixa, um lugar de referência. Por sua vez, a Estação do Cordel foi fundada com espaço, com uma marca só sua.

Na *Estação do Cordel* todos os materiais são vendidos e distribuídos pelos cordelistas de acordo com a disposição das doações. Na sede, onde os cordelistas expõem suas obras, 10% das vendas é revertido para o espaço, aluguel, convite de artistas e manutenção.

A proposição de atividades, tanto na *Estação do Cordel* como na Praça ocorre a partir de reuniões com a diretoria. Existem apoiadores que ajudam nas finanças e os apoiadores culturais que disponibilizam seu trabalho nos eventos promovidos pela Associação.

Então, os cordelistas aqui participam da nossa associação... muitos deles são apoiadores que contribuem financeiramente com a associação estação do cordel e se envolvem nos eventos que nós realizamos. Em março desse ano até o momento nós já realizamos vários eventos, discussões, estudos, debates, feiras, sarau... e aqui a gente tem interagido com vários outros tipos de arte, nós estamos aqui organizando e agregando. Aqui tem roda de viola, tem violeiros, tem os poetas, que são considerados os poemas livres interagindo com o cordel. Então, a gente tem feito um trabalho, assim... que vem fortalecendo o cordel dentro dessa embarcação de arte poética que existe em nosso país (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Em novembro de 2017, novamente ocorreu mais uma edição do *Círculo*

Natalense do Cordel, como o 2º aniversário da *Estação*, em 14 de março de 2018 e o 2º *Arraiá*, realizado em junho de 2018. Estes são mais espaços para aglutinar e reunir as organizações existentes no estado, a fim de propagar a cultura do cordel. De forma articulada, essas associações, academias e movimentos agem com um mesmo objetivo, cada vez mais dispostas a entender a importância não somente da produção de cordel, mas também do entorno dessa literatura e da organização dos cordelistas.

A *Estação do Cordel* é completamente compatível com a *Ordem Brasileira de Poetas da Literatura de Cordel*, fundada por Rodolfo Cavalcante, no que se refere a sua estrutura, seu funcionamento e seus objetivos. Qualquer semelhança é mera referência.

Para os cordelistas da *Caravana* e *Estação do Cordel* é importante manter a organização dessas estruturas que visam a continuidade dos seus objetivos. Nesse sentido, o trabalho individual não tem o mesmo peso que o trabalho coletivo. Como afirma Nando:

É muito importante que a gente entenda que o trabalho coletivo, a construção coletiva é um diferencial. Existem muitos cordelistas espalhados pelo Brasil a fora, que tentam inclusive fazer seus trabalhos de forma individual. É um direito que cada um tem. Mas a gente entende que quando se agrega os cordelistas em um grupo, seja qual for o grupo, em coletivos, em associação, em movimento... isso dá um suporte muito grande ao movimento e fortalece e faz com que todo esse trabalho dê um salto no seu desenvolvimento. Então o trabalho coletivo é muito importante. (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na caravana do cordel em Natal/RN).

Do ponto de vista de análise adotado neste estudo, Nando Poeta pode ser considerado um “líder de classe”, como foi Rodolfo Cavalcante, por ser um impulsionador e fiel organizador de cordelistas onde chega. Exemplo disso foi sua participação em dois importantes movimentos - em São Paulo, na *Caravana do Cordel*, e em Natal, na *Estação do Cordel*. Seu protagonismo é importante, mas sem o trabalho coletivo seria impossível chegar lá.

A *Caravana do Cordel* teve seu fim, mas deixou frutos. Outros agrupamentos, organizações, inclusive a própria *Estação do Cordel*, foram o resultado da experiência na *Caravana*. Nando Poeta relata essa experiência:

E foi lá que eu dei meus primeiros passos nesse mundo cordeliano, né. Foi lá que eu conheci a maior parte dos cordelistas, lá que eu conheci toda a história do cordel, foi a partir do engajamento nesse movimento cordeliano que é a Caravana do Cordel que me fortaleceu pra eu pudesse inclusive entender esse mundo do cordel. A partir daí, com meu retorno a Natal eu também me envolvi na Casa do Cordel que é outra associação que já dura dez anos que constituíram e lá eu tive uma participação, ajudei na construção da associação de lá, participei junto com outros cordelistas e lá também nós desenvolvemos vários outros tipos de projetos como seminários, como eventos... E que agora estou junto com esse outro grupo de cordelistas aqui desenvolvendo a Estação do Cordel. Um espaço aqui de Natal (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Outras falas, que também representam a importância de ter constituído um movimento cordeliano na cidade de São Paulo, são feitas pelos cordelistas Pedro Monteiro, Costa Sena e Varneci Nascimento.

Hoje nós trilhamos caminhos que foram sem sombra de dúvidas possibilitados pela caravana do cordel [...]. Não é que a Caravana deixou de ter uma regularidade que a sua importância deixou de acontecer, a importância da caravana é resultado de toda esse manancial, essa troca que nós fizemos, ela é muito importante hoje (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro de 2017).

E tô com a Bodega, dia 31 de outubro a gente completa oito anos de Bodega e você está convidada pro aniversário. Mas assim, mas não tem [...] as divergências de grupos sempre existem. Não tem raiva de ninguém, isso sempre acontece. Mas as divergências, as bobagens, acabaram com um grupo que hoje poderia está sendo muito forte, sabe. Então é isso (SENA, C.. entrevista concedida em setembro de 2017).

Dispersou, não existe. Mas o foco, a semente do cordel, cresceu. E essas pessoas que estavam lá na caravana continuam também a seu modo espalhando essa mesma semente não mais como grupo, isso do grupo acabou é verdade (NASCIMENTO, V., entrevista concedida em junho de 2016).

A importância dessa organização também se liga à necessidade de abertura a outros agrupamentos que fazem parte da cena cultural da cidade. É também um processo de tomada de consciência, a partir do momento em que se abre mão dos interesses individuais em favor do coletivo. Essa forma de organização possibilita uma maior democracia interna e um fortalecimento na atuação das ações, além de fortalecer a cultura brasileira, o cordel.

Cláudia Borges opina sobre a importância da organização dos cordelistas:

Vivemos numa sociedade de informação e conhecimento, a qual requer a utilização adequada de ferramentas e instrumentos que compõem o *mix* da comunicação organizacional, tornando-se imprescindível para o movimento cordeliano, a união, a coletividade dos movimentos que coexistem nos mesmos ambientes organizacionais. No cenário poético, desenvolver essas

competências requer mais do que capacitação, os poetas devem mobilizar seus conhecimentos, talentos, humildade etc., rumo à inovação e unidade (BORGES, C. entrevista digital concedida em setembro de 2017 por e-mail).

A autora Maria da Graça Gohn (2011), em seu vasto trabalho sobre movimentos sociais, conceitua que a articulação é essencial para a construção dos processos políticos, econômicos e socioculturais. A experiência nas organizações de ações coletivas gera saberes e valores que são aprendizados para os agentes políticos.

Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo (GOHN, 2011 p. 333).

Existe uma diversidade de aprendizagem quando existe organização e movimento. Aprendizado de saberes, sociais, de comportamento com o grupo, os simbólicos, que fazem sabermos quais representações nos ressignificam. Além de aprendizagem prática e teórica, de como se organizar e pensar, cultural e coletivamente.

Tonha Mota expressa a importância da coletividade:

É bom que os cordelistas se agrupam por que individualmente você não vai longe, ninguém consegue sozinho, como diz a poesia do poeta Antônio Francisco, ninguém consegue sozinho nada, então é bom ter alguém contribuindo junto dando e pensando o mesmo pensamento (MOTA, T. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

Rosa Regis também mantém o pensamento sobre unir forças para um mesmo objetivo. Na participação conjunta, a força aumenta, inclusive na mensagem passada pelos cordelistas.

Eu acho que é importante no sentido de tanto propagar o cordel, e os amigos se tornarem mais amigos, mais se aproximarem participarem de outros eventos culturais que uma andorinha só não faz verão, todos juntos para participar dos eventos, para contribuir com a cultura de uma forma geral e ter alguma coisa que incentive, sem você se unir você não consegue

nada (REGIS, R. entrevista concedida em setembro de 2017 na estação do cordel em Natal/RN).

A *Caravana do Cordel* e a *Estação do Cordel* são exemplos de que é possível a organização de grupos que se reconhecem com as mesmas práticas, objetivos e identidade, assim como foram a *Ordem Brasileira de Poetas da Literatura de Cordel* e o *Movimento de Cordel*. Pautar coletivos, movimentos, organizações que resgatem e valorizem a cultura de poetas populares é fundamental para a resistência, em um momento atual de ataques e tentativas de desmobilização.

Aprendizagem cultural: quais elementos constroem a identidade do grupo, quais suas diferenças, suas diversidades, as adversidades culturais que têm de enfrentar, qual a cultura política do grupo (seu ponto de partida e o processo de construção ou agregação de novos elementos a essa cultura) etc. (GOHN, 2011 p. 353)

O cordel tem um significado mais que literário e cultural, por sua história mostra a existência de muita luta, de demandas básicas, que expressam o cotidiano de artistas e trabalhadores, a fim de se manterem através de sua arte e que, por isso, organizam-se e propagam o cordel.

Essa literatura lhes traz lembranças e costumes vivenciados e, por muitos, negados e perdidos. O que esses cordelistas fazem, pesquisando, estudando, divulgando, promovendo, mobilizando é apenas o resgate de suas identidades e representações.

Na realidade histórica, os movimentos sempre existiram, e cremos que sempre existirão. Isso porque representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais. (GOHN, 2011 p. 336).

4.2. Trajetórias dos cordelistas entrevistados

Primeiro, apresentaremos uma minibiografia dos cordelistas entrevistados para essa pesquisa, para depois discorrermos sobre suas trajetórias:



Costa Senna, nasceu no ano 1961 em Fortaleza, cresceu no sertão de Quixadá, voltou para Fortaleza aos 14 anos, onde começou sua carreira como poeta. Declama poetas famosos na literatura e, em 1979, estreou na escola Branca de Neve, em sua região, uma peça de teatro que despertou sua vontade como artista e começou a ir em mais escolas para se apresentar. Senna é cantor, além de cordelista e compositor, tem gravado os CDs *Moço das estrelas*, *Costa Senna em cena* e *Fábrica de unir versos*. No cordel, possui algumas obras publicadas, como *Lampião e Seu Escudo Invisível – Editora Luzeiro*, *A Maldita Ilusão – Editora Luzeiro*, *Viagem ao Centro da Terra – Editora Nova Alexandria* entre outras⁴⁵. Em 1989, já tinha contato com o Partido dos Trabalhadores, no qual lhe propuseram morar em São Paulo para trabalhar nas portas de fábricas e eventos do partido, mas ampliou esse trabalho para dentro das escolas, levando o cordel e suas peças de teatro. Vive até hoje na cidade de São Paulo e trabalhando nas escolas com o Cordel Brasileiro.

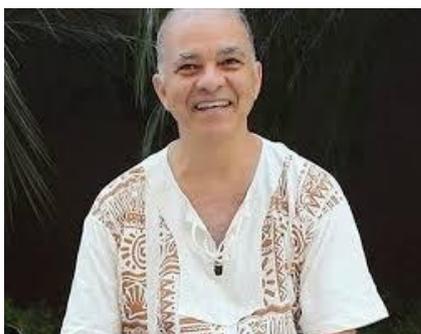


Varnecki Santos do Nascimento, nasceu em 1978 na Bahia. Inseriu-se na arte de versejar através de seu pai que já lia cordéis e fazia repentes em família. Começou a escrever aos 18 anos e publicou seu primeiro cordel aos 21, em 2001, logo depois foi morar no estado da Paraíba para estudar na Universidade Estadual da Paraíba, onde se formou em História. De lá para cá, estima-se que Varnecki já publicou mais de 200 cordéis⁴⁶ e ministrou diversas

⁴⁵ Disponível em: http://www.camaradolivro.com.br/autores_det.php?id=96. Acesso em: 17 jun. 2018.

⁴⁶ Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/04/poeta-varnecki-santos-do-nascimento-sintese-biografica/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

palestras em escolas, eventos e universidades sobre o cordel. Alguns de seus cordéis são: *O Amor Vence o Racismo*, *Paulo Freire: um Educador Diferente*, *O massacre de Canudos*, *A morte e a justiça*, *Cangaço – um movimento social*, *Visita de Lampião a Padre Cícero no Céu*, *Os dez mandamentos do preguiçoso*, *A mãe abandonada*, entre outros. Em 2007 veio morar em São Paulo à procura de disseminar a cultura do cordel e como amante da literatura consegue trabalhar nessa área.



Nando Poeta, Fernando Antônio Soares dos Santos, nasceu em Natal - Rio Grande do Norte, no ano de 1962, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, começou no cordel em 2008, depois que chegou em São Paulo para morar. Porém, já escrevia poesias desde a época da universidade e livros sobre o tema da educação, devido sua trajetória como professor. Mas sempre teve contato com o cordel, devido aos seus pais que são paraibanos e sempre teve essa relação nos momentos em família. Sua primeira obra foi *Turbulência Econômica*, seguida de *Mulheres em Luta, 1º de Maio* e mais recentemente entrando nos temas do cangaço, *As mulheres no cangaço*, *O cangaço e o lendário Lampião*, entre outros. Nando sempre está ligando a arte e política, suas letras contém um chamado à luta, por entender que a arte pode gerar proximidade entre as pessoas e os temas mais políticos. É militante dos movimentos sociais, fez parte do Partido dos Trabalhadores até década de 1990 e hoje milita no PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados)⁴⁷. Em 2013 retornou para sua cidade natal onde, até hoje, faz morada.

⁴⁷ Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em: 24 jun. 2018.



João Gomes de Sá, alagoano, nasceu no ano de 1954 em Água Branca. Formado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas e em Pedagogia pela UNIFAC em Botucatu - SP, é professor de português. Reside atualmente em São Paulo, publicou seu primeiro cordel *Carcará Nordestino e o Dragão de São Paulo*, em 1984. Ainda na universidade em Alagoas estudou sobre cultura popular e folclore, podendo trabalhar no Museu de Antropologia e Folclore e adentrando mais o universo do cordel. Porém, foi quando chegou a São Paulo que viu mais editoras que possibilitavam a publicação das suas obras, cordéis, livros e xilogravuras. *A metamorfose em Cordel*, *A luta de um cavaleiro contra o bruxo feiticeiro*, *Meu bem querer* são algumas de suas obras publicadas. João, além de cordelista, é xilogravurista, um elemento bastante trabalhado no cordel, mas também como técnica para a elaboração das artes plásticas. Atualmente, mora em São Paulo.



Pedro Monteiro de Carvalho, nascido em 1965 no Piauí na cidade de Campo Maior, veio residir em São Paulo com 17 anos, no ano de 1973, é aposentado pelo funcionalismo público. Atualmente mora em Cidade Tiradentes, São Paulo. Publicou seu primeiro cordel em 2009 com título *Chico o menino das 100 mentiras*. Seu contato com o cordel partiu de um trabalho na faculdade, no qual teve de pesquisar sobre esse gênero literário e pode conhecer os poetas Marco Aurélio, Varnecki e João Gomes, criou com eles uma proximidade e tornou-se um poeta cordelista. Pedro também sempre esteve próximo de outras expressões artísticas como o teatro, fazendo parte de peças e da direção teatral como *Saúde! Salve-se quem puder* e em *Danação*. No cordel, sua mais recente obra é *O Triunfo do Poeta*

*no Reino do Cafundó*⁴⁸. Amante dos movimentos sociais também se agrupou aos demais poetas da Caravana do Cordel.



Sírilia Sousa de Lima, nasceu em 1967 na cidade de Mossoró - Rio Grande do Norte. É Pedagoga, especialista em Educação Infantil formada pela UFRN, especialista em Gestão em Educação Global, Inteligências humanas e Construção da Cidadania, Mestre em Educação, professora da Educação Infantil do Município de Natal, membro da Sociedade dos poetas Vivos e Afins do RN (SPVA-RN), membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Literatura de Cordel (ANLIC), membro da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore (CNRF) e membro da Associação Casa do Cordel⁴⁹. Começou a escrever cordel em 2008 na universidade, viu nesse gênero uma grande possibilidade de mediar a leitura nas escolas, mas ainda se considera aprendiz por estar sempre aprimorando com os demais cordelistas a arte de escrever o cordel. Desde sua adolescência, reside na cidade de Natal e é frequentadora da Associação Cultural Estação do Cordel em Natal. Obras de sua autoria são: *A fábula da educação no reino da natalândia*, *Respeitem a escola: Respeitem os professores!*

⁴⁸ Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/06/dicionario-basico-de-autores-de-cordel.html>. Acesso em 17 jun. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/autores/sirlialima>. Acesso em: 17 jun. 2018.



Nascida em 1973, Cláudia Borges é natural de São Vicente município do Rio Grande do Norte e reside atualmente em São José de Mipibú, no mesmo estado. É educadora social, trabalha na Assistência Social da Prefeitura de Mipibú. É cordelista, contadora de histórias. Aproximou-se do cordel desde sua criação com sua mãe Francisca Diassis Borges, uma das mulheres pioneiras do cordel e repente no estado do RN. Essa tradição de família permanece sendo transmitida até hoje com seu filho Felipe Borges, um dos mais novos cordelistas e contadores de história mirim. É membro imortal da *ANLIC (Academia Norte-rio-grandense de Literatura de Cordel)* e poeta da *Sociedade dos Poetas Vivos e Afins*⁵⁰. Seu primeiro cordel publicado foi em 2010 intitulado: *O natal do menino de rua*. Cláudia é uma das fundadoras da *Associação Cultural da Estação do Cordel*.



Tonha Mota, Antônio Mota do Nascimento, nasceu em 1960, paraibana de Taperoá já vive 40 anos em Natal - RN⁵¹. Escritora, cordelista, compositora e cantora. Presidente da Associação Cultural Estação do Cordel. Publicou seu primeiro cordel em 2008, sentiu necessidade de homenagear seu saudoso irmão repentista e violeiro Zé Vicente da Paraíba, em cordel, e o fez. Dizia ela que ele a apoiava muito nessa empreitada e a descobriu cordelista. Antes do cordel Tonha sempre escreveu poesias. Já publicou dezenas de obras em cordel *A briga na cantoria, Betinho de Alcaciano, Romance em Copacabana* entre outras.

⁵⁰ Disponível em: <http://papocultura.com.br/poeta-da-semana-claudia-borges/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

⁵¹ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/academia-do-cordel-se-renova/402916>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Também é presidente da ANLIC, recentemente empossada. Também participa de oficinas e grupos de música onde se apresenta pela cidade.



Rosa Ramos Regis da Silva, nascida em 1949 no interior da Paraíba, em Jerimum, município de Jacaraú, passou a morar em Montanhas no RN e sua morada atualmente é Natal. É participante da *Sociedade dos Poetas Vivos e Afins*, da *UBERN (União Brasileira de Escritores do RN)*, da *Academia de Trovas*, *Associação Casa do Cordel* e frequentadora da *Associação Cultural Estação do Cordel*. É aposentada da COSERN (Companhia Energética do Rio Grande do Norte) e começou a escrever cordel depois que se aposentou. Entrou na Universidade Federal do RN, no curso de Filosofia, onde despertou o desejo de escrever cordel. Começou escrevendo os trabalhos da faculdade e o professor que é poeta e músico a incentivou, realizando seus trabalhos em rimas em meados de 1998/99. Formada em Economia e Filosofia, leciona essa segunda disciplina na rede estadual em filosofia. Se livros publicados são: *Povarejo em Dobro* (12 cordéis, dos contos de MC Garcia); *Folheto de Quem Aprende Vivendo – Sabedorias do Povo do Sertão* (19 cordéis), vencedor do Prêmio Patativa do Assaré de Lit. de Cordel. Literatura Infantil em cordel: *O Tatu Filosofante e Miúda Pensa Grande*, cordelizando Rosângela Trajano. Além de dezenas de folhetos de cordel de temas variados, inclusive infantis e filosóficos.⁵²

Cada poeta acima citado tem suas particularidades. São participantes de organizações que defendem os direitos dos cordelistas e o incentivo à cultura e também são poetas. Nesta subseção, queremos descrevê-los a partir de entrevistas realizadas pela imprensa, blogs dos poetas e que tratam sobre eles. Com o

⁵² Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=5757>. Acesso em 17 jun. 2018.

questionário elaborado para este trabalho, esperamos encontrar a realidade destes cordelistas, as suas trajetórias, a visão de seu trabalho e o meio em que escrevem esse gênero literário.

A primeira pergunta para os poetas cordelistas busca identificar quando começaram a escrever cordel. Observamos que cada um iniciou com objetivos diferentes, mas que, ao mesmo tempo, combinam-se. Costa Senna, Varnecki e Cláudia Borges começaram desde novos, em suas cidades. Abaixo replicamos o relato de Costa Sena:

Voltei pra Fortaleza aos quatorze e anos depois comecei a declamar poesia, declamava Zé da Luz, declamava Patativa do Assaré, declamava os poetas de Fortaleza, alguns deles... declamava Rosemberg Gariri que não era cordelista, declamava alguma coisa dos Emboladores de Coco e segunda a minha família, minha irmã mais velha a Dalva, falou que eu me apresentei numa escola chamada Branca de Neve em 1979, no final de 79 eu comecei a levar a literatura de Cordel para dentro das escolas até inconsciente ainda, não tinha muita noção do que fazia era muito jovem muito irresponsável (SENNA, C. entrevista concedida em setembro de 2017).

Costa Senna também representa outros gêneros da arte. O cordel e suas declamações o levaram a crescer e desenvolver-se em mais espaços para obter reconhecimento, dividindo palco com cantores famosos do Nordeste.

(...) mas começou ali, colégio Branca de Neve depois colégio Armindo de Araújo e foi crescendo, tempo depois eu estava declamando nos palcos... estava no mesmo palco que estava Patativa do Assaré que estava Pingo de Fortaleza, Ednardo, Fágner, Belchior... eu também já estava nesses mesmos palcos já declamando poesia, não só o cordel, mas o cordel era a vertente mais forte mais, mais [...] (SENNA, C. entrevista concedida em setembro de 2017).

Parecido com Varnecki que começou a escrever na Bahia apenas com 18 anos e em seguida foi morar no berço do cordel onde era mais forte seu envolvimento, ele conta:

[...] quando comecei, eu era novinho, tinha 18 anos mas publiquei meu primeiro cordel com 21 anos e eu comecei a atuar lá sozinho, uma andorinha sozinha, tentando fazer meu verão lá. Aí depois eu fui morar na Paraíba para estudar, lá na Paraíba em Guarabira que é um berço forte do cordel, por que o cordel é paraibano, os pais do cordel são todos paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Ataíde, Francisco da Chagas Batista e Silvino Pirauá, a gente considera esses quatro os pais do cordel, então em Guarabira, região do brejo paraibano nasceram importantes cordelistas como José Camelo Rezende, Manoel de Almeida Filho, entre outros e eu fui morar justamente na cidade que trouxe ao mundo o autor do cordel do pavão misterioso, então essa experiência na Paraíba foi muito interessante, muito enriquecedora pra mim quanto autor, escritor de cordel. (NASCIMENTO, V. entrevista concedida em junho de 2016)

Claudia Borges já se iniciou na escrita do cordel mais jovem em seu início. Desde sua infância, está envolvida neste meio e tem uma grande referência desde essa época, a sua mãe: “desde que me entendo por gente que convivo com o cordel, minha mãe Francisca Diassis Borges, foi uma das mulheres pioneiras no cordel e repente aqui no RN. Escrevo versos soltos, prosas e livres, até mesmo cordel desde a infância, mas só vim a publicar meu primeiro cordel em 2010, intitulado: *O natal do menino de rua*”.

Os três poetas tiveram o interesse pelo cordel em sua juventude e tiveram grandes autores como referências. Mesmo sendo poetas inseridos desde cedo no mundo da escrita, sempre estudaram bastante, absorvendo a métrica e a rima do cordel a partir de autores que fazem a história nesse universo que é o cordel. Começaram jovens e tiveram seus primeiros contatos principalmente com relações de parentesco, mãe e irmã.

Tonha Mota, apesar de ter começado suas publicações um tempo depois, em relação a esses cordelistas citados acima, e mesmo que não tenhamos identificado de fato quando começou a redigir sua primeira poesia em cordel, tem como inspiração também uma referência em casa, seu irmão repentista que a descobriu como cordelista por ter o hábito de escrever poesias.

Eu comecei a escrever em 2008, eu já escrevia em poemas, poesias mas não tinha publicado, o cordel eu publiquei em 2008, foi também a necessidade de fazer uma homenagem ao meu irmão, saudoso, Zé Vicente da Paraíba, em literatura de cordel, ele me apoiava muito, ele que me descobriu cordelista anteriormente, “mana você escreve cordel, você é cordelista”, aí eu comecei a escrever poesias mas publicar só em 2008.(MOTA, T. entrevista concedida em setembro de 2017)

Sirlia Lima, Nando Poeta, Pedro Monteiro, João de Sá e Rosa Regis, tiveram uma trajetória mais recente, depois de adultos - diferentes dos três primeiros que começaram jovens - tornaram-se cordelistas, com diferentes experiências vividas. O envolvimento na universidade e em cursos deu abertura para o desenvolvimento nesse gênero poético.

Sirlia Lima tem uma vida percorrida por dentro da educação, suas obras estão baseadas em torno deste tema. Seu interesse pelo cordel envolve uma didática educacional, o fato de ser professora e obter especializações na área e na academia, também a faz cordelista. Ela diz:

Sou Sirlia Lima, sou pedagoga, poetisa potiguar e quando entrei na pedagogia vi na literatura de cordel uma grande possibilidade de mediar a leitura nas escolas. Dentro da universidade comecei a fazer o cordel,

aprendendo porque não sabia nada de cordel a não ser como leitora e comecei a frequentar a casa do cordel, ficar perto dos poetas e me apropriei um pouco da literatura do cordel. Embora já tenha escrito bastante cordéis, ainda me considero uma aprendiz, por que tem muitas modalidades, muita coisa ainda pra se aprender. (LIMA, S. entrevista concedida em setembro de 2017)

Nando Poeta, filho de paraibanos, desde criança teve contato com o cordel. Na entrevista para o site A Corda⁵³, o poeta descreve um pouco como ingressou no cordel: “meus pais são paraibanos, sempre tive um contato muito forte com o cordel por causa deles. Na casa da minha mãe em João Pessoa, a família se reunia no final do dia, fazia uma roda para a leitura dos cordéis. Minha mãe sempre alimentou essa relação com o cordel”. Porém comenta que só na universidade teve contato com movimentos poéticos e conhecia um amigo que era cordelista. Até então tinha uma resistência de escrever cordel pois existem regras poéticas.

Eu vivenciei tudo isso junto na efervescência dos movimentos de 1984 e na campanha de 82 do PT, da qual participaram violeiros e cordelistas. Gostava de ler, guardava minha coleção de cordéis, mas até então eu me recusava a escrever cordel. Produzia poesias e livros, mas não estava disposto a fazer uma coisa dentro das regras do cordel. Sempre fui aberto a utilizar o gênero literário do cordel nos movimentos sociais nos quais me envolvi, acho que é uma forma de aproximar as pessoas e mostrar a elas o que está acontecendo.⁵⁴

Portanto, apenas começou a escrever cordel em 2008, depois de sua chegada em São Paulo.

Comecei escrevendo o cordel “Turbulência econômica”, em 2008 um pouco depois que cheguei em São Paulo. Foi um desafio! Falei pra Varnecki que estava escrevendo este cordel, aí ele disse: “traga aqui”, eu levei o cordel, com 32 estrofes, rimando todos os versos: o primeiro com o terceiro e o quinto e o segundo com quarto e sexto, uma sextilha. Depois que mostrei para ele, ele fez as observações, as críticas. Eu como aprendiz, a gente tem que estar atento, com observações que as pessoas fazem né. (...) Primeiro um alívio em saber que não precisava rimar todos os versos, então eu já diminuía, em vez de rimar seis versos eu tinha que rimar só três então isso me aliviou bastante, mas aí teve outro desafio, para eu chegar a 32 estrofes eu ralei e ele orientou a escrever mais estrofes, a chegar 50 estrofes. Por que lá na Luzeiro eles trabalham com 52 estrofes, 16 páginas. Aí eu sair com esse desafio, fui ler mais sobre economia e a crise no mundo. Aí preparei novamente o texto, levei pro Varnecki, eles aprovaram lá, se interessaram em publicar, nós fizemos a publicação (POETA, Nando. Entrevista concedida em junho de 2016).

⁵³ Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em 24 jun. 2018.

⁵⁴ Idem

Então, embora, tenha começado a escrever já na fase “adulta”, a socialização desde criança em ambiente em que se vivencia o cordel parece ter sido decisiva.

Pedro Monteiro é ator e, em um curso de direção teatral, aproximou-se do cordel e tornou-se cordelista com incentivo de alguns outros cordelistas que conheceu em São Paulo.

É importante isso demais, até 2008 não me passava pela cabeça escrever, muito menos escrever em poesia e foi fazendo uma pesquisa para o curso de direção de teatro que eu me dedicava como uma atividade secundária, eu fazia teatro, apresentava peças pela periferia e fazendo um curso de direção teatral, a orientadora do curso pediu que fizesse uma pesquisa sobre a linguagem cordel e eu fui me deparar com poetas cordelistas na feira do Anhembi, lá eu encontrei os poetas: Marco Aurélio, Varnecki e João Gomes. (MONTEIRO, P. entrevista concedida em setembro de 2017)

Depois conta que não conseguiu mais parar, publicou seu primeiro cordel em 2009, transformou um texto de prosa em cordel, incentivado por Marco Aurélio seu amigo. “Fui incentivado por Marco Aurélio pra fazer em verso, ai eu fiz, o próprio Marco Aurélio fez a capa e publicamos pela Luzeiro, tendo Varnecki como selecionador de texto, muito interessante. Isso foi em 2009, meu primeiro texto *“Chico o menino das 100 mentiras”*. (MONTEIRO, 2017)

Rosa Regis e João Gomes de Sá iniciaram sua trajetória dentro da universidade. Conheceram o gênero literário em seus cursos e arriscaram-se a escrever. Os dois são professores atualmente, fazem parte de uma rede de cordelistas nomeados nas cidades em que residem. João (2017), xilogravurista, já escreveu seu primeiro cordel com saudade de sua terra natal, conhecia poetas, obras e um pouco da técnica, a partir disso seguiu no cordel. “Nem sabia se sabia escrever literatura de cordel. Costumava escrever, quando estudava na UFAL – poesia e texto cênico. Em São Paulo, já conhecia um pouco da técnica, autores e obras, e breve história do cordel – bateu saudade da terra natal, e escrevi o meu primeiro cordel: *O Carcará Nordestino e o Dragão de São Paulo*, em 1984”.

Rosa Regis escrevia cordéis para os trabalhos na universidade, seus professores abraçaram a ideia, hoje é professora, cordelista e trabalha o cordel dentro das escolas. Uma característica importante, em comum entre estes poetas, é o trabalho do cordel nas escolas, universidades, ambientes educacionais.

Podemos identificar duas trajetórias diferenciadas, aqueles cuja iniciação no cordel se situa no processo de socialização nos espaços da família, vizinhança,

bairro, sítio ou locais de moradia. E outros cuja iniciação se situa em espaços de socialização educacional.

Se no primeiro remete mais à uma prática cultural no cotidiano de pessoas de camadas populares e de uma sociabilidade cotidiana, o segundo, parece ser uma expressão do cordel em espaços de formação formal.

Podemos dizer que todos introduzem de alguma forma, dando aulas, palestras e eventos pontuais, o cordel como instrumento de conhecimento, informativo e de aprendizado. Nando Poeta enfatiza: “a escola é um dos espaços onde o cordel em São Paulo se apoia muito, porque os profissionais que querem levar esse debate para as escolas nos chamam para atividades nas escolas. As escolas são palcos fundamentais para alimentar essa procura pelo cordel”⁵⁵.

Curran (1987), em seu livro sobre Rodolfo Cavalcante, mostra sua trajetória enquanto poeta e abre o debate sobre a função social que cumpre o cordel, como alfabetizadora e instrutiva ao leitor.

“O fenômeno relaciona-se, em outro sentido, ao didatismo do folheto de feira. Lógico é que, se o folheto ensina o matuto a ler, também é capaz de informa-lo e instrui-lo em outros aspectos (os folhetos didáticos, encomendados para questões de saneamento, higiene e saúde pública são um exemplo)” (CURRAN, 1987 p. 113).

Podemos observar que a iniciação no cordel, bem como o pertencimento sócio-cultural dos cordelistas são bem diversificados. Quando olhamos para os pioneiros do cordel como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Francisco de Chagas Batista, entre outros, e o contexto da época que o país vivia em relação à escolaridade, existe uma desproporção. Quando surgiu o cordel, as escolas e espaços de estudos eram elitizados, a educação era restrita, a população pobre era alfabetizada por uma “cartilha do ABC”⁵⁶ que tinha por função a escolarização da população, principalmente a sertaneja no Nordeste, por exemplo.

Somente na última década do século XIX é que, em São Paulo, nasce desse embate entre as forças liberais e as oligárquicas uma proposta de sistematização do ensino primário, em outras palavras, erigiu-se um modelo

⁵⁵ Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em: 24 jun. 2018.

⁵⁶ As “cartas de ABC” representam o método mais tradicional e antigo de alfabetização, conhecido como “método sintético”: apresenta primeiro as letras do alfabeto (maiúsculas e minúsculas; de imprensa e manuscritas), depois apresenta segmentos de um, dois e três caracteres, em ordem alfabética (a-é-i-ó-u, ba-bé-bi-bó-bu, ai-ei-oi-ui, bai-bei-boi-bui, etc); e, por fim, palavras cujas sílabas são separadas por hífen (An-tão, A-na, An-dei, A-mar; Ben-to, Bri-tes, Bus-car, Ba-ter, etc. A sobrevivência desse livro até 1956, data desta 107a. edição, denota a sobrevivência desse modelo antigo de alfabetização. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao-as-mais-antigas/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

de escola primária que seria referência até a metade do século XX: o grupo escolar. Republicanos paulistas conseguem, enfim, promover a construção de prédios, por vezes suntuosos, destinados à escola pública para, assim, romper com o passado imperial. A ideia de renovação republicana vem associada à educação popular, implementando-se o ensino simultâneo em classes graduadas. Eis o modelo que sintetizava um projeto político civilizatório para a nação brasileira, o que serviu de referência para os demais estados. (JOSETTI & ARAÚJO. 2012. p. 186)

Portanto, só depois do século XX que começa um processo de expansão de escolas públicas, por isso encontramos cordelistas autodidatas⁵⁷ que aprenderam a ler, escrever e se tornaram poetas. Hoje vemos uma realidade diferenciada, com uma quantidade grande de escolas públicas, universidades públicas e particulares. Há uma oportunidade maior, mas não fugimos das condições reais da população, nem todos tem acesso a esses espaços, mas nada comparado ao tempo que tratamos acima.

Dos nove cordelistas entrevistados, apenas quatro não têm a escolaridade de nível superior, não passaram por universidade. Pedro Monteiro, por exemplo, é considerado por Marco Aurélio⁵⁸ em seu blog como autodidata. “Aos dezessete anos rumou para terras paulistanas e na periferia da Capital se instalou adquirindo experiências pautadas nas lutas por justiça social cidadania. Seu espírito de leitor voraz foi sendo alimentado por seu próprio autodidatismo e a busca por desvendar o novo, compreensão e observação da realidade”⁵⁹.

Rodolfo Cavalcante saiu da escola formal por não ter condições de permanecer, tendo que trabalhar para “ganhar a vida”, tornando-se assim autodidata. Segundo Curran (1987), Rodolfo se orgulha muito do fato de ser autodidata, enaltecendo seu desejo e capacidade com a leitura.

Esse aspecto da leitura é crucial para um cordelista. O aprimoramento na leitura ajuda na hora de escrever e compor a poesia.

Leio não somente histórias tradicionais como toda espécie de literatura. Enquanto o trovador tem mais conhecimento, mais eles ornamentam o seu pensamento diversificado. Porém a maioria dos meus colegas são semi-analfabetos. O poeta analfabeto só tem mais valor sendo cantador-repentista, se ele realmente é um bom improvisador. No poeta da literatura de cordel, fica em erro quem afirmar que há bom trovador sem um pouco de instrução, e que a prova é que tivemos Leandro Gomes de Barros, João

⁵⁷ Nesse caso tratamos o conceito de autodidata relativo a quem aprendem algo por conta própria, como aquele que não teve acesso também ao estudo formal, em escolas.

⁵⁸ Marco Aurélio é Baiano de Riacho de Santana, poeta popular, editor e folclorista.

⁵⁹ Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com/2011/06/dicionario-basico-de-autores-de-cordel.html>. Acesso em 24 jun. 2018.

Martins de Atayde, José Camilo de Melo Resende - não eram formado mas tiveram um pouco de instrução. (Rodolfo Cavalcante, 1967 apud CURRAN, 1987 p. 110)

Hoje já temos cordelistas com formação acadêmica, instruídos de possibilidade ao conhecimento, envolvidos nas academias de poetas e também de universidades. Apesar de ser um ponto de reivindicação dos poetas cordelistas e embora já tenha avançado bastante, um maior incentivo nas universidades, principalmente nos cursos de Letras, tornar-se desejável. O cordel como gênero literário deve ser mais estudado e explorado.

Na entrevista para A Corda, quando perguntado se o cordel está ainda a margem do que é cultura no Brasil, Nando Poeta ressalta, “Não, acho que ele ganhou espaço, apesar de ainda manter algumas travas. Por exemplo, há cursos de Letras que não estudam o cordel como gênero, não faz parte do programa do curso. Isso é uma forma de exclusão, que não enxerga o cordel como gênero da literatura brasileira”⁶⁰.

Nando abre o tema da caracterização do cordel utilizando o termo “popular” ou “erudito”. A importância do reconhecimento do cordel na academia entre os gêneros literários tão nomeados pela literatura brasileira é notória, porém, o cordel em seu início sofreu um processo de exclusão, de diminuição de seu papel, tratado como popular, por que começou pelo povo pobre, pelos trabalhadores, com isso sofreu a consequência de não ser incluído nos currículos universitários. Nesse momento de ascensão, de reconhecimento, o cordel tem ganhado muita força como um gênero literário, utilizado nas escolas e cultura, deve também ser prestigiado mais fortemente nas academias das universidades.

O fato de os cordelistas terem se escolarizado, tornando-se “eruditos” não fez que o cordel tenha se tornado erudito? Já são quase cem anos de existência do cordel brasileiro, é muito difícil exigir que os autores atuais permaneçam com o mesmo *status* dos autores do início, a sociedade brasileira passou por avanços educacionais como os já mencionados acima.

O cordel e o perfil dos cordelistas passam por transformações também, mas isso não quer dizer que deixou de ser popular e tornou-se erudito. Essa divisão, como já explicamos, foi colocada para promover uma dicotomia, à medida em que

⁶⁰ Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em: 24 jun. 2018.

não existe diferenciação entre popular e erudito, não caímos na necessidade de definir o cordel como tal, apenas transformá-lo e evolui-lo a máxima potência, de forma que esse gênero literário possa servir à sociedade brasileira.

Rodolfo Cavalcante⁶¹ coloca em debate a diferenciação com os poetas trovadores intelectuais, da classe média. Ele explica que a utilização do termo trovador era usado como pejorativo aos cordelistas da classe trabalhadora.

Para Rodolfo, trovadores são os poetas populares, mas quem promovia a diferenciação eram os autores de trovas (intelectuais). Nando Poeta discorda em contribuir para esta conceituação. “Quando rotularam o cordel de popular foi para segregar: para excluir a coisa que é considerada erudita da coisa que é popularmente falada. Há essa denominação de cultura popular, que indica que foi produzido pelo povo, mas tudo foi produzido pelo povo [...] Não existe essa separação de erudito e popular”⁶².

Por outro lado, Rodolfo coloca que o poeta cordelista é um poeta popular, ou seja, “é representante do povo” (CURRAN, 1987). Esses poetas seriam os porta-vozes de um povo, colocando suas demandas, angústias e sofrimentos. Quando na primeira subseção deste capítulo, abordamos o papel dos movimentos, e pontuamos que o cordel é feito por homens e mulheres, enfatizamos essa perspectiva de Rodolfo, sobre a necessidade de colocar o cordel como instrumento mobilizador e atraente para o público que o lê.

Para Rodolfo⁶³ só é poeta quem sofre. A poesia é a expressão dos sentimentos dos poetas. “O poeta, mesmo humilde e da classe menos privilegiada, faz ouvir a sua voz. E Rodolfo não é o único no cordel. Ele segue uma tradição que data pelo menos do começo do século XX com o mais famoso de todos os poetas de cordel, Leandro Gomes de Barros, que revelava verdades da vida regional e nacional” (CURRAN, 1987 p. 113). Desde o surgimento do cordel, podemos dizer que essa característica existe até hoje. Aderaldo Luciano (2017) reforça:

Enganam-se os que imaginam que ao poeta de cordel cabe apenas a delicadeza dos bosques e das fadas, a rigidez lúdica das pelejas, o aproveitamento dos contos tradicionais da oralidade ou o fácil caminho das adaptações dos sucessos literários oficiais. Engano dobrado. Os nossos clássicos, os pioneiros fundaram a tradição política no cordel.⁶⁴

⁶¹ CURRAN, 1987

⁶² Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em 24 jun. 2018.

⁶³ CURRAN, 1987

⁶⁴ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/aderaldo-luciano/nando-poeta-cordel-e-critica-social-por-aderaldo-luciano>. Acesso em 24 jun. 2018.

Ainda desenvolve que Leandro continua na perspectiva de outros autores da literatura brasileira, anteriores a ele:

Pois bem, esse traço da poesia de Leandro é abandonado de propósito, deixado de lado, como se fosse pequeno, mas não o é. Em verdade é uma continuidade da poética acintosa de Gregório de Mattos, o Boca de Brasa, que não poupava ninguém. Leandro é o seu continuador. E não só Leandro, os pais do cordel, todos, aumentaram o volume de sua voz ao refletir sobre política e sociedade. Francisco das Chagas Batista não deixou por menos, abriu sua caixa de ferramentas e emendou versos poderosos narrando a escalada da Coluna Prestes e a resistência do Estado em Os Revoltosos do Nordeste:

O Coronel Luiz Prestes,
Guiando os rebeldes, sai
Do Paraná e Mato Grosso,
Atravessa o Paraguay
E segue rumo ao Nordeste
Onde a Esperança o atrai.⁶⁵

Outro aspecto abordado nas entrevistas e que tratamos acima, diz respeito à temática no cordel. Embora aqui queiramos enfatizar a influência Nordestina na construção do cordel este, necessariamente, precisa trazer elementos nordestinos?

A temática que traz aspectos nordestinos nos coloca vários questionamentos em relação a quem produz o cordel e a qual território pertence essa produção, uma visão essencialista por muitas vezes é colocada. Entende-se, geralmente, que para ser cordelista precisa ser nordestino. Não concordamos com esse tipo de análise, reafirmamos a amplitude que o cordel adquiriu em todo o Brasil, transformando-se e tornando-se pertencente à literatura brasileira, bem como aglutinando a diversidade de culturas existente em nosso país.

O cordel é um gênero literário e pode ser feito no Japão. Se obedecer ao que Leandro Gomes de Barros fez, será sempre um cordel, não precisa ter nada de elemento nordestino. (...) então o cordel para ser cordel precisa obedecer aos ditames como foi concedido, aí sim como rima, métrica, oração, as coisas pertinentes ao cordel mas que tenha que ter que falar de Lampião, que tenha que falar da comida que se come no nordeste ou que tenha o palavreado nordestino isso não tem nada a ver, muito embora erradamente e equivocadamente quem não conhece o gênero acha que pra escrever cordel precisa ter algum elemento de lá e não tem nada a ver. (NASCIMENTO, V. entrevista concedida em junho de 2016)

⁶⁵ Idem.

Perguntamos aos poetas: o processo da mudança de estado, da migração que vocês fizeram influenciou na produção em relação ao que representa o Nordeste, o cordel? O poeta é poeta onde a inspiração desejar. O território, os costumes, a vivência influenciam em sua produção, ou seja, no Nordeste, sudeste, sul, sudeste ou centro-oeste, o cordelista é aquele que produz o cordel, que produz o gênero literário metrificado, rimado composto por orações. Nando Poeta a partir da sua experiência, descreve o que para ele a migração influencia nas suas obras.

Numa cidade como São Paulo que sofre influência de várias culturas de muitos povos, muitos argumentos que passam a constituir e está presente numa cidade cosmopolita como São Paulo, não tem como não interferir no trabalho de qualquer escritor, ela invade. É importante que o escritor esteja aberto, aberto para abraçar esses novos elementos. É verdade que o fato da gente ser de outras regiões... então tem muita coisa também que a gente faz questão de preservar, a gente não vai abandonar, pelo contrário, a gente vai empunhando conhecimento, incorpora um e não nega o outro. Nós somos autores de uma linha que busca preservar as nossas origens, não fechando, muito pelo contrário, incorporando, fazendo essa síntese e isso dá uma qualidade ao nosso trabalho. Dinamiza, você consegue dialogar incorporando elementos. (POETA, N. entrevista concedida em junho de 2016)

Portanto, nascer em um lugar e morar em outro faz parte de um processo de incorporação de culturas. Os aprendizados e opiniões são relacionados a partir do meio com o qual o sujeito que convive, das relações sociais, o que este é depende de uma construção social, logo, o poeta, assim como qualquer pessoa, está em constantes mudanças e transformações.

Embora ser nordestino também influencie na produção do cordel, Nando deixa claro que, ao morar em outro lugar, ele incorpora elementos de sua nova vivência, mas nunca abandona sua origem, ou seja quando produz, incorpora novos aspectos mas preserva os anteriores. O sujeito que escreve, carrega consigo a memória, costumes, lembranças de um local de origem, que se reflete em sua obra, que também, enquanto gênero literário, tem suas raízes no Nordeste.

Como os cordelistas entrevistados produzem seus cordéis? No capítulo anterior discorreremos sobre a produção do cordel a partir das editoras ao longo dos anos. A proposta aqui é abordar a produção individual dos cordelistas, no sentido de mostrar o avanço da produção em suas trajetórias.

A maior parte destes cordelistas utiliza dos seus próprios recursos para publicar, no caso de Sirlia Lima, Rosa Regis e Tonha Monta contam que diagramam

e publicam de forma praticamente caseira, com apoio de amigos que fazem o trabalho. Sirlia descreve: “quando eu faço, tem um rapaz que imprime pra mim há muitos anos, que conheci na casa de cordel, ele ficou como editor dos meus cordéis, a gente pegou aquela amizade e eu sempre fazendo com ele”.

Às vezes é complicado, por que fica muito pesado financeiramente falando, mas a gente já tem produzido, faz a diagramação em um lugar e faz a publicação em outro e eu tenho um amigo que faz em pequena quantidade porque a grande quantidade só dá pá fazer em milheiro e às vezes o cordelista, não tem financeiramente dinheiro para fazer isso, aí a gente vai fazendo em pequena escala. (MOTA, T. entrevista concedida em setembro de 2017)

A questão financeira é a principal neste aspecto. É muito difícil para um cordelista que, às vezes, sobrevive só desse trabalho, conseguir de fato ter uma independência para publicar suas obras, muitos publicam nos momentos em que tem condições financeiras, ou esperam por patrocínio ou até mesmo acordos com editoras.

Rodolfo Cavalcante, por exemplo, publicava suas obras com uma periodicidade relevante, mas devido a patrocínios que teve do Estado da Bahia. Sobre isso Curran (1987) afirma:

Outro fator: a produção do poeta continua ainda hoje. Rodolfo é empurrado por motivos financeiros e egoístas de artistas. Com a Banca de Trovadores da Ordem, o apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado da Bahia e recursos próprios, ganhos de conferências e palestras, Rodolfo lança vários folhetos cada mês. Só de biografias, uma de suas especialidades, avalia ele ter mais de trezentas histórias. (CURRAN, 1987 p. 123)

Atualmente, a falta de incentivo dos órgãos públicos da cultura dificulta muito para as organizações e os cordelistas independentes publicarem suas obras. Apenas dependem de determinação e vontade para ir atrás de recursos. Uma das alternativas que esses poetas encontram é a produção de antologias com obras de diversos poetas numa mesma edição. Assim conseguem dividir os custos e conseguir ter sua obra publicada e divulgada.

Claudia Borges deixa claro que mesmo na *Estação do Cordel*, os cordelistas publicam de forma individual: “a produção poética dos membros da Estação do Cordel, por enquanto ainda é individual, ou seja: cada um tem o seu trabalho editado com recursos próprios”. Nando Poeta enaltece a ideia de tornar algo coletivo e que já está nos planos da organização,

A produção é parte ainda que precisa avançar na estação do cordel, mas já temos várias ideias, já estamos selecionando alguns textos, para que a gente possa até o final do ano, começar a publicar cordéis de pessoas de que tá ao redor da estação do cordel para que a gente possa publicar esses textos, é verdade que a gente vai passar por uma triagem, vai organizar melhor os textos para que eles possam ser publicados, então a gente tem esse projeto de começar ainda este ano (POETA, N. entrevista concedida em setembro de 2017).

Rosa Regis é uma das que, se for preciso, diagrama e imprime suas obras por si mesma, pelas dificuldades de publicar, principalmente por não ter editora:

Peço para alguém diagramar e edito de qualquer jeito, vou lá na gráfica, na xerox e faço ou peço para alguém fazer, as vezes eu faço as vezes não, eu pago para fazer. Sempre eu fazia com um rapaz que fazia para mim, na casa de cordel se tiver 2 é muito. Sempre faço com outras pessoas, faço, já peço para diagramar que tem xerox ou trabalha com literatura, com cordel, com livros, faço com qualquer pessoa, não tem uma editora específica para fazer. (REGIS, R. entrevista concedida em setembro de 2017)

Seu relato dialoga com a preocupação de João Gomes de Sá e Varnecki Nascimento. Eles comentam que procuraram São Paulo por ter mais possibilidades de publicação e, em relação a isso, não têm grandes problemas. Existe um leque de editoras que publicam cordel. Principalmente a tradicional Luzeiro, onde Varnecki trabalha atualmente, como selecionador de textos. Quando fizemos a pergunta sobre como publicar seus cordéis, João Gomes ressalta: “São Paulo é um mundão, e sou grato muito a SAMPA, aqui era menos dificultoso para publicar cordéis ou livros, se aqui não estivesse, talvez não teria encontrado algumas editoras para edição das minhas construções literárias – cordéis, livros e xilogravuras” (SÁ, J. G. entrevista concedida em setembro de 2017).

Fica claro aqui a facilidade dos poetas que estão em São Paulo para publicar. Retornando à situação das tipografias no Nordeste e ao que restou ao longo do tempo, São Paulo cumpre um papel determinante para a disseminação e a continuidade da existência do cordel no país. Infelizmente, os poetas no Nordeste estão mais descobertos nesse assunto e se não for o interesse da população e dos próprios poetas cordelistas, talvez esses poetas nem estariam aqui para contarem suas histórias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar que existem diferentes visões acerca do surgimento do cordel, se carrega resquícios de uma cultura ibérica ou se é originário do Brasil. Percebemos que estudos realizados até hoje não finalizam essa discussão, autores recentes que narram a história do cordel confirmam sua existência vinda da Europa como também teóricos da atualidade confirmam ser brasileiro, trazendo provas e teses que comprovam essa afirmação.

Vimos uma semelhança nos dois gêneros, pertencentes as duas literaturas: brasileira e ibérica. Portanto, notamos características históricas e técnicas que possibilitam a afirmação o cordel como brasileiro. Para nós, esse aspecto é importante para direcionar o caminho histórico que percorremos, mas não é determinante para a construção da narrativa e realidade dos cordelistas.

O cordel tem técnicas de escritas e rimas próprias. Com certas exigências, esse gênero era exposto em feiras livres, interpretadas pelos poetas e alguns violeiros. Seu contexto histórico narra fatos sociais, políticos e econômicos que vive e viveu o Brasil.

A trajetória do cordel como um gênero literário no Brasil, permitiu-nos um estudo mais aprofundado da existência dessa cultura e sua perpetuação até hoje. Como os poetas se colocavam em seu começo, que temas escreviam e como produziam suas obras. O avanço tecnológico das tipografias, assim como das técnicas que compõem o cordel, possibilitou um maior envolvimento com diversas áreas.

Portanto, observamos nas trajetórias dos cordelistas dois processos de introdução ao mundo do cordel, uns de forma cotidiana na infância com influência de alguém próximo e isso foi tornando parte de sua trajetória e outros a partir do meio educacional, concluindo esse segundo, que há um avanço em relação a inserção do cordel nos espaços de formação.

O cordel nas escolas, é um exemplo disso, o papel que o gênero cumpre na informação e instrução, tocando alguns temas de forma clara e poética, talvez temas abordados de uma maneira diferente, dificultaria o aprendizado. Assim, desde os primórdios, reconhecemos o papel alfabetizador do cordel diante a população e o incentivo de autodidatas como poetas cordelistas.

Embora o cordel ainda não seja um instrumento estudado a fundo nas academias de letras, seu espaço cresceu bastante no meio da cultura. Hoje é considerado um Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Diversos professores se tornaram cordelistas, poetas desde infância tiveram acesso a espaços transformadores e educacionais, a partir do trabalho com o cordel.

O cordel é um patrimônio do povo brasileiro, de seus leitores, seus escritores, produtores, pesquisadores, de quem aprecia essa literatura e de quem a conhecerá também, por que o cordel fez e fará mais história no Brasil. Ele marca muitas vidas e histórias de trajetórias, inclusive acontecimentos históricos no país.

A história das migrações, da seca e das revoltas foram contadas pelos versos de cordel, por exemplo. É possível destacar principalmente o papel que o cordel cumpriu no processo de migração dos nordestinos para o Sudeste. Encontramos em diversos cordéis temas como esses sendo contados. Inclusive muitos desses migrantes eram cordelistas. Assim como os demais temas, pois os cordelistas retratam suas experiências e realidades.

Também observamos pelas experiências de grupos de cordelistas, tipos de organizações que tinham com o objetivo a propagação do cordel. Estes organizaram e organizam os cordelistas do Brasil ou de certa cidade para disseminar essa cultura, retratando situações vividas por esses nos atuais e antigos territórios, a partir de suas memórias. Nessa perspectiva, podemos constatar a importância que existe na organização dos cordelistas para a propagação do cordel.

A *Caravana do Cordel* e a *Estação do Cordel* são exemplos dessas organizações. Mostram como, ao se organizarem, os cordelistas têm seus objetivos mais facilmente cumpridos. Na *Caravana*, por exemplo, foi possível observar que, com a organização os cordelistas em grupo puderam reviver experiências e fortalecer suas presenças no território paulista, além de disseminar a cultura do cordel.

Percebemos também que o cordel se constrói no meio que é produzido mas que arrasta elementos e aspectos intrínsecos do nordeste brasileiro, reflexo de sua influência originária. Como também concluímos que não necessariamente o cordel precisa reproduzir tais aspectos, pois a literatura já é produzida por todo canto do país e por escritores dessas regiões contribuindo com sua realidade e trajetória, diferentes do nordeste.

Pudemos concluir, então, que o cordel passou por transformações importantes relativas aos perfis de seus poetas, suas técnicas e produção. O seu reconhecimento como gênero literário, já ocorre para além da dicotomia popular e erudita. O cordel é poesia produzida por poetas capacitados que refletem sua realidade, por meio deste gênero que não se reduz às nomenclaturas que tentam lhe impingir, torna-se um instrumento de conhecimento e informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 2.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2006.

ACACI, J. Disponível em: http://sertaopoeta.blogspot.com/2011/06/saudade-e-chorar-sorrindo-com-o-coracao_28.html Acesso em: 03 jun. 2018

A CORDA. Disponível em: <http://acorda.net.br/?portfolio=nando-poeta>. Acesso em 24 jun. 2018.

ANDRIOLE, M. Gravura: conceito, história e técnicas. Disponível em: http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html. Acesso em: 12 jul. 2018

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 322 f. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <http://btd.d.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1925> Acesso em: 20 set. 2017.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. Bahia. 1978.

ARAÚJO, José A. D. **Seu Lunga O campeão do mau humor**. Ed. Clio. 2011.

ASSIS, I. Gomes de. **Férias que Bin Laden passou em Natal**. Ed. Chico. 2008.

_____. **Saudades do meu sertão**. Ed. Chico. 2008.

_____. Disponível em:

<<http://cordeldobrasil.com.br/site/aprenda%20a%20fazer%20um%20cordel.html>>
Acesso em: 07 ago. 2017.

BARBOSA, 2011. apud BARBOSA-GERIBELLO, F. B. **A Caravana do Cordel e a construção de um Nordeste em movimento em São Paulo**. São Paulo: UFSCar. 2013.

BARBOSA-GERIBELLO, F. B. **A Caravana do Cordel e a construção de um Nordeste em movimento em São Paulo**. São Paulo: UFSCar. 2013.

BARRETO, A. C. de Oliveira. **A Peleja do Solteiro com o Casado**. Ed. Akadikadikum. 2010

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**. In. Textos de história, vol. 11, n° ½, 2003.

BARROS, Leandro Gomes de. Disponível em: <<http://goo.gl/xOmNIJ>>. Acesso: 20 set. 2016.

BARROS, João Antônio de. Disponível em: <<http://goo.gl/mdWtBm>>. Acesso: 10 set. 2016

BARROS, Leandro Gomes de. **O Retirante**. Ed. Athayde. 1946.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao. 1979.

BRASIL. **Censo Demográfico e Contagem da População**. IBGE, Brasília: 2010.

_____. **Censo Demográfico e contagem da População**. IBGE, Brasília: 2007.

Blog Marco Aurélio. Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/09/mais-um-triunfo-do-poeta-pedro-monteiro.html>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Blog Aderaldo Luciano. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/aderaldo-luciano/nando-poeta-cordel-e-critica-social-por-aderaldo-luciano>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Blog Varneck Nascimento. Disponível em: <https://goo.gl/oYVDSw>. Acesso em 28 mai. 2017.

Câmara do Livro. Disponível em: http://www.camaradolivro.com.br/autores_det.php?id=96. Acesso em: 17 jun. 2018

CANCLINI, N. G. **Cultura Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAPÍTULO 1: O traçado do Cordel. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese20a.rtf. Acesso em: 27 mai. 2018.

Casa Rui Barbosa. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html. Acesso em 28/05/2017.

CATUNDA, Dalinha. **Eu sou o sertão**. 2016.

_____. **Migrante**. 2008.

CAVALCANTE, R. 1967 apud CURRAN, M. J. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987 p. 110

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Gutemberg. **A presença feminina na literatura do cordel no Rio Grande do Norte: a mulher na memória do folheto potiguar.** Editora 8 Queima Bucha, 2015. RN.

COSTA, Pedro. Disponível em: <<http://profetadopassado.blogspot.com.br/2010/07/migrantes-e-literatura-de-cordel.html?m=1>> Acesso: 20 set. 2016

COSTA, Pedro. **Migrantes e Literatura de Cordel.** 2010

COUTINHO, 1970 apud LUYTEN, 1981 p. 123. **A literatura de Cordel em São Paulo.** Ed. Loyola. SP, 1981.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CURRAN, M. J. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

_____. **História do Brasil em Cordel.** 2º Edição. 1º reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2003.

DOURADO, Gustavo. **Cordel: do sertão nordestino à contemporaneidade da Internet.** 2008. Disponível em:<<http://portalliterario.com/categoria-educacao/396-cordel-do-sertao-nordestino-a-contemporaneidade-da-internet-por-gustavo-dourado>> Acesso em: 21 out. 2017.

D'OLIVO. F. M. **O social no cordel: uma análise discursiva.** Campinas, SP: [s.n.], 2010.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **Características dos ciclos temáticos. Literatura popular em verso: estudos.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 24-329.

FERNANDES, A. T. **Conflitualidades e Movimentos Sociais.** Faculdade de Letras da Universidade do Porto. *Análise Social*, vol..xxviii (123-124), 1993 (4.º-5.º)

FONTES, P. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66).** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008. Cap. 1: "Mala de papelão e patuá nas costas": migrações nordestinas nos anos 1950 em São Paulo, p. 41-88

GODEIRO, Nazareno. e SOARES, João Ricardo **Neodesenvolvimentismo ou Neocolonialismo. O Mito do Brasil Imperialista.** Editora Sundermann. SP. 2016.

GOHN. M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47 mai-ago. 2011

GONÇALVES, M. Antônio. **Imagem - Palavra: A Produção do cordel contemporâneo.** *Sociologia-Antropologia*: v.01.02: 219-234, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** São Paulo: Centauro. 2006

IUMATT, Paulo. Disponível em: <http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL6/ESCRITURAL_6_SITIO/PAGES/Iumatti2.html> Acesso em: 23 jul. 2017

JAHN, L. P. **A literatura de cordel no século XXI: novas e velhas linguagens na obra de Klevisson Viana**. Porto Alegre. 2011.

JOSETTI & ARAÚJO. **Educação nas décadas de 1920 a 1950 no Brasil: alfabetização de adultos em questão**. Itabaiana: Gepiadde. Ano 6, Volume 12 jul-dez de 2012. p. 186

Jornal O Mossoroense - RN.

Disponível em: <http://www.omossoroense.com.br/natal-inaugura-estacao-do-cordel-no-dia-nacional-da-poesia/>. Acesso em 01 out. 2017

Jornal Tribuna do Norte - RN.

Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/cordel-da-vida-a-praia/381970>. Acesso em 01 out. 2017

LEITÃO, L. R. **O campo e a cidade na Literatura Brasileira**. Veranópolis- RS: Iterra. 1º edição, 2007.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma História Crítica do Cordel Brasileiro**. SP. 2012.

_____. **Literatura de cordel: uma poética para os heróis degolados**. Ed. Luzeiro. 2003

_____. Disponível em: <https://www.facebook.com/aderaldo.luciano> Acesso em: 03 jun. 2018

HAESBAERT, 2001 p. 121 apud MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. **Processos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (TDR): um estudo sobre a realidade socioeconômica no Planalto Norte Catarinense**. DRd – Desenvolvimento Regional em debate (ISSNe 2237-9029) v. 6, n. 2, ed. esp., p. 88-103, jul. 2016

LUYTEN, J. Maria. **A literatura de Cordel em São Paulo**. Ed. Loyola. SP, 1981.

MEDEIROS FILHO & SOUZA. **Seminário sobre o homem e a seca no Nordeste**. RJ. 1984.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de cordel, visão histórica e aspectos principais in Literatura de Cordel - Antologia**. CE: BNB, 1982

Memórias da Poesia Popular. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/04/poeta-varneci-santos-do-nascimento-sintese-biografica/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MENEZES, Marilda. **Migração nordeste-São Paulo e a memória dos trabalhadores de Santo André**. Ciclo de Palestras – novas questões sociais, trabalhadores urbanos, trabalhadores rurais: história e perspectiva. SP. 2016.

_____. **Entre a região Nordeste e São Paulo: migrantes e trabalho no período de 1950 a 2010**. Seminário Migração, Trabalho e Cidadania. CEM/SPM/PUC. São Paulo, 16 e 17 de Maio de 2013. Mesa Redonda III - Migração e Trabalho na contemporaneidade.

MONTEIRO, L. A. **Cordel em Movimento**. São Paulo: Itapema. 1998.

MOREIRA, P. O; DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J. **Processos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (TDR): um estudo sobre a realidade socioeconômica no Planalto Norte Catarinense**. DRd – Desenvolvimento Regional em debate (ISSNe 2237-9029) v. 6, n. 2, ed. esp., p. 88-103, jul. 2016

NASCIMENTO, Varneci e POETA, Nando. **Hossexualidade: História e Luta**. Ed. Luzeiro. SP, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

OLIVEIRA, H. C. C de. JUNIOR, O. F. de A. **Memória e Linguagem: um estudo sobre folhetos de cordel**. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.25, n.2, p. 65-73, maio/ago. 2015.

ORLANDI, ENI P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp, 1988.

Papo Cultura. Disponível em: <http://papocultura.com.br/poeta-da-semana-claudia-borges/>. Acesso em: 17 jun. 2018

PEREGRINO, U. **Literatura de Cordel em Discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições; [Natal]: Fundação José Augusto, 1984.

PINTO, M. I. R. **O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. SOLETRAS, São Gonçalo: UERJ, Ano 9, n. 18, p. 117-132, 2009**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7034>> Acesso em: 20 abr. 2016.

POETA, Nando. **Mulheres em Luta**. Ed. Luzeiro. 2012

_____. **O Reino da Corrupção**. Ed. Luzeiro. 2016

Recanto das Letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br>. Acesso em: 17 jun. 2018

ROMERO, Sílvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil. **1879-1880**

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura. São Paulo: Editora Brasiliense.** 1986

SCHWARCZ, 2007. apud BARBOSA-GERIBELLO, F. B. **A Caravana do Cordel e a construção de um Nordeste em movimento em São Paulo.** São Paulo: UFSCar. 2013.

SILVA, Raimundo José da. **Identidades e Representações do Nordeste na Literatura de Cordel.** Universidade Federal do Mato Grosso. Três Lagoas. 2008.

SOUZA, A. P. de./ (Org.) FERREIRA, J. P. São Paulo: EDUSP: com-arte, 1995. 64p. (Editando o Editor; 4)

TERRA, Ruth. 1983 apud GASPAR, Lúcia. Edição de cordel no Brasil. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 15 mai. 2018

TOLEDO, Cecília. **Gênero e Classe.** Organizado Alicia Sagra. Editora Sundermann. 2017. SP.

ANEXOS

ANEXO 1 - Questionários de entrevistas

1 - Roteiro Entrevista – Cordelistas RN 2017 - Entrevista estruturada

Apresentação

- 1- Quando começou a escrever cordel?
- 2 - E como você pensa os temas? De onde tira a ideia das temáticas? O que isso representa para você?
- 3 – Como faz a produção dos seus cordéis?
- 4 - Participa de algum grupo de cordelistas aqui na cidade?
- 5- Qual sua relação com a Estação do Cordel?
- 6- Você acha que a organização em um coletivo/movimento é importante para a propagação do cordel?

2 - Roteiro Entrevista Estação do Cordel RN 2017 - Entrevista estruturada

- 1 – Quando começou a escrever cordel?
- 2 - E como você pensa os temas? De onde tira a ideia das temáticas? O que isso representa para você?
- 3 – Como surgiu a estação do cordel?
- 4 – O que é a estação do cordel?
- 5 – como é a produção dos cordelista da estação do cordel?
- 6 – como os cordelistas se organizam na estação do cordel?
- 7 - Já participou de outros grupos de cordelistas?
- 8 – Você acha que a organização em um coletivo/movimento é importante para a propagação do cordel?
- 9 – Existe outros grupos/coletivos de cordelistas em Natal com o mesmo caráter da estação do cordel?

3 - Roteiro Entrevista – Caravana de Cordel SP 2017 - Entrevista estruturada

- 1- Nome, o que faz.. apresentação
- 2- Quando começou a escrever cordel?
- 3- E como você pensa os temas? De onde tira a ideia das temáticas? O que isso representa para você?
- 4- O que é a caravana de cordel e como surgiu esse grupo?
- 5- Como a Caravana do cordel se organizava?
- 6- Antes de você vir para são Paulo, já trabalhavam com algum grupo de cordel no estado natal? Se já fazia parte, a mudança de estado, da migração que você fez influenciou na produção do cordel?
- 7- Você acha que a organização em um coletivo/movimento é importante para a propagação do cordel?
- 8- Existem outros grupos/coletivos de cordelistas em SP com o mesmo caráter da estação do cordel?

4 - Roteiro Entrevista Nando 2017 - Entrevista Estruturada

- 1 – Como surgiu a estação do cordel?
- 2 – O que é a estação do cordel?
- 3 – como é a produção dos cordelista da estação do cordel?
- 4 – como os cordelistas se organizam na estação do cordel?
- 5 - Já participou de outros grupos de cordelistas?
- 6 – Qual a diferença entre os dois?
- 7 – Você acha que a organização em um coletivo/movimento é importante para a propagação do cordel?
- 8 – Existe outros grupos/coletivos de cordelistas em Natal com o mesmo caráter da estação do cordel?
- 9- Você quer deixar algum recado?

5 - Roteiro Entrevista Varneck Nascimento e Nando Poeta 2016 - Entrevista não estruturada

- 1- O que é a caravana de cordel e como surgiu esse grupo?
- 2- E como vocês chegaram no cordel? Como vocês se introduziram nessa cultura?
- 3- Vocês dois: Varneck da Bahia e Nando de Natal, antes de vocês virem para São Paulo lá já trabalhavam com algum grupo de cordel nos estados? E como que foi essa relação de chegar em São Paulo e se reunir nesse outro grupo e produzir o cordel no Sudeste, em São Paulo, que é uma cultura nordestina que hoje propagou pelo Brasil todo, como foi essa relação?
- 4– E como vocês pensam esses temas? De onde tiram a ideia dessas temáticas? O que isso representa para vocês?
- 5- O cordel necessariamente ele precisa ter uma identidade do Nordeste? Tem uma representação do Nordeste, o cordel? Nascido no Nordeste, o cordel necessariamente precisa trazer elementos nordestinos?
- 6- O Varneck falou um pouco e fez a comparação com a outra cordelista que é paulista e você falou que por vocês serem nordestinos o cordel de vocês traz elementos do Nordeste e aí você tem a experiência antes de vir pra São Paulo, você produziu cordel lá, quando você veio para cá se houve diferença na questão da produção do cordel e para o Nando foi a questão de vir para cá, começou aqui e depois voltou para Natal. Se o processo da mudança de estado, da migração que vocês fizeram se influenciou na produção em relação ao que representa o Nordeste, o cordel?
- 7- Mas Nando você que está agora em Natal, você começou a produção em São Paulo. Varneck foi diferente ele já tinha elementos lá e veio para cá. Queria falar dessa interferência em São Paulo, você começou em São Paulo e foi pra Natal. Houve alguma diferença na produção do cordel e como que é essa relação com a Casa do Cordel lá que os cordelistas se organizam, se é diferente daqui de São Paulo, como que é?

8- Só a última pergunta então. Como que foi esse processo de migração dos dois que vieram... quando Nando veio e o Varneci que está até agora morando em São Paulo. Que vieram do Nordeste para São Paulo. Como foi esse processo, se teve dificuldades quando chegou em São Paulo, como foi a recepção por ser nordestino e ligando por ser nordestino e cordelista?

9- Você é formado em que?

10 - Nem entre os cordelistas?

ANEXO 2 - Entrevistas – Cordelistas RN 2017

Poeta Sírlia Lima:

1 -Sou Sírlia Lima, sou pedagoga, poetisa potiguar e quando entrei na pedagogia vi na literatura de cordel uma grande possibilidade de mediar a leitura nas escolas. Dentro da universidade comecei a fazer o cordel, aprendendo porque não sabia nada de cordel a não ser como leitora e comecei a frequentar a casa do cordel, ficar perto dos poetas e me apropriei um pouco da literatura do cordel. Embora já tenha escrito bastante cordéis, ainda me considero uma aprendiz, por que tem muitas modalidades, muita coisa ainda pra se aprender.

Desde 2008.

2 - Quando eu saí da UFRN, por ter me aprovado no concurso de educador infantil, comecei a ressignificar os clássicos infantis para sair daquele jeito tradicional, embora o cordel seja uma literatura antiga mas seria outro jeito de ver a ressignificação história. Então eu ressignifiquei os clássicos, fiz a releitura dos clássicos e resultaram em livro "Contos encantados em cordel" uma coletânea de contos dos folhetos que havia feito. Para o infantil e para educação.

3 - Quando eu faço, tem um rapaz que imprime pra mim há muitos anos, que conheci na casa de cordel, ele ficou que meio editor dos meus cordéis, a gente pegou aquela amizade e eu sempre fazendo com ele.

4 - Sou da casa do cordel, frequento desde 2008, fui muito bem recebida lá e considero o primeiro espaço que me recebeu, casa do cordel que é uma associação de poetas. Do Abaeté do Cordel. E foi fundada a academia em 2011, faço parte e hoje dia faço parte da comissão do folclore que não deixa de ser uma entidade representativa da cultura. - Nós nos reunimos e fazemos reuniões planejando ações, temos a dificuldade financeira , por que tudo que fazemos necessitamos cotizar, pra lançar um livro, como já lançamos o 100 anos de gonzaga, uma coletânea que nós fizemos. As ações ainda são poucas, ainda precisamos de um apoio e nenhuma entidade cultural aqui tem. Não tem lugar específico, tendo um espaço para nos receber, fazemos reunião naquele espaço, não temos lugar fixo.

Na casa do cordel, também eles fazem saraus, geralmente de sábado. Cineclubes cordel, mas é assim, tudo muito em cima da hora, porque exatamente, tudo para em torno da dificuldade de se organizar as coisas, por que a maioria dos poetas, nem

todos, a crise que está enfrentando também chega na poesia, eles tão enfrentam dificuldade financeira, não tem essa condição toda.

5- sempre importante, em lugar nenhum ninguém chega sozinho, é sempre importante essa colaboração embora eu não possa estar devido ao meu tempo, inclusive também estou fazendo mestrado, não tenho interagido o quanto eu gostaria mas sempre estou participando assim ativamente porque é importante, não posso chegar em nenhum lugar sozinho sem deixar de apoiar os colegas também que me apoiaram quando iniciei.

6 - muito boa, começou agora né, Nando sempre chamando a poesia. Nando é um grande divulgador da cultura, sempre levando pra frente e ele quer que a gente chegue junto, divulgar nosso trabalho e também, eu sinto que ele quer nesse espaço congrega poesia e também divulgar, não só nesse espaço, mas ele quer a cultura circulando, inclusive na praça ele quer que fique na praça contanto que a poesia gira na cidade no RN e no país, é o que eu sinto. Ele é realmente um divulgador da cultura.

Eu agradeço demais que tenham pessoas que levem. Pra ele colocar um espaço desse é coragem, vou dizer a você que nunca tive vontade de colocar um espaço com meus materiais, mas a questão é de tempo e também o pessoal que não tenho disponível e de coragem, por que é muito difícil colocar um espaço desse e conseguir sustentar, graça a deus ta dando certo, eu to feliz por isso.

Poeta Rosa Regis:

1 – Meu nome é Rosa Ramos Regis da Silva – Rosa Regis mais conhecida. Eu venho do interior da Paraíba, Jerimum município de Jacaraú. Depois passei por Montanhas, onde morei por muito tempo no RN e depois vim pra Natal.

2 – Só comecei a escrever cordel, depois que me aposentei da Cosern, eu trabalhei na Cosern, no comércio algum tempo e depois na Cosern 21 anos e alguns meses, assim que me aposentei eu comecei a escrever, comecei a caminhar e escrevia. Entrei no curso de filosofia, entrei naquele curso que nem sabia o significado, entrei nesse curso para não ficar em casa parada. O curso de filosofia foi que me incentivou a escrever, em 98/99. Aí eu comecei a fazer o trabalho da universidade em rima, o professor que é poeta e música, sambista, professor de filosofia antiga, Marcos Silva como cantar e Marcos Silveira como professor, ele que me incentivou muito, no final da aula dele estava tudo escrito em rima, aí eu mostrei para ele, aí ele disse, se você fizer meus trabalhos assim, dou dez. Eu dei minha palavra, comecei a fazer.

3 qualquer tema, não tem opções de temas. Eu tenho um cordel que eu acho que foi o principal para mim sobre um nordestino qualquer, chamado José, Jusé na linguagem matuta e é o “destino de Jusé, filho de dona Sinhá” que fala de um matuto que vai para São Paulo para ver se muda de vida e dar tudo errado para ele e ele

termina no final morrendo. Então esse é o cordel que fiz assim, sentei e fiz, veio aquela ideia, aí eu sentei e fiz, se for por encomenda por exemplo, eu faço de qualquer assunto, agora fiz bastante de filosofia, que ainda não transformei em cordelzinho, está guardado ainda, esperando tempo.

4 – Peço para alguém diagrama e edito de qualquer jeito, vou lá na gráfica, na xerox e faço ou peço para alguém fazer, as vezes eu faço as vezes não, eu pago para fazer. Sempre eu fazia com um rapaz que fazia para mim, na casa de cordel se tiver 2 é muito. Sempre faço com outras pessoas, faço, já peço para diagramar que tem xerox ou trabalha com literatura, com cordel, com livros, faço com qualquer pessoa, não tem uma editora específica para fazer.

5 – Nós fundamos a academia de literatura de cordel, aí eu fui a presidente POR 3 ANOS, A PARTIDA FUNDAÇÃO E CONTINUO LÁ, também participo da sociedade dos poetas vivos, foi meu primeiro lugar que procurei quando poetisa, participo da UBERN (união brasileira de escritores do rn) da academia de trovas, casa do cordel, eu não sou filiada aqui (estação do cordel) mas espero. Por que já tem muita coisa, não dá conta de nada, quando se envolve com muita coisa, ainda não consegue dar conta de nada, hoje eu tô mais pendendo para não ir para muito cantos, também não tenho tempo nem mais idade.

Particpei do Círculo Natalense do Cordel ano passado e pretendo participar desse ano, claro. Não sei se vou poder ir todos os dias, mas vou tentar ir participar, sempre to lá.

6- Estou ligada sempre aqui, deixo meus textos, meus livros, participando, ajudando e sendo ajudada, é uma relação de amizade e de participação.

7 – Eu acho que é importante no sentido de tanto propagar o cordel, e os amigos se tornarem mais amigos, mais se aproximarem participarem de outros eventos culturais que uma andorinha só não faz verão, todos juntos para participar dos eventos, para contribuir com a cultura de uma forma geral e ter alguma coisa que incentive, sem você se unir você não consegue nada. Eu pelo menos não estou envolvida ainda com o intuito de lucros e vendas, mas por que eu não tenho muito tempo para me dedicar, assim que eu me aposentar de novo, outra vez, eu entro com mais força.

8 – Como que vc enquanto mulher fica nesse meio aí, que majoritariamente é de homem?

Eu me sinto às vezes um peixe fora d'água, às vezes eu chego... aqui já tem Tonha mas as vezes chego na casa do cordel e não tem nenhuma mulher e provoca um ciúme desgraçado no meu marido velho, fica cabreiro, mas eu não me incomodo não.

9- Mas no próprio reconhecimento enquanto cordelista, existe algum preconceito, alguma coisa?

Nunca senti em relação a isso, por que eu não me acho tão ruim como cordelista não, aí se alguém tiver algum preconceito que se dane.

ANEXO 3 - Entrevistas Estação do Cordel RN

Poeta Cláudia Borges: Entrevista realizada através de email, do tipo estruturada.

Cláudia Borges de Oliveira, educadora social, trabalha junto a assistência social da prefeitura de São José de Mipibu (onde resido), Ministrando oficinas de arte e cultura. sou poeta cordelista e me atrevo a adentrar por outros gêneros poéticos, que vão desde o popular ao erudito. Contadora de estórias tendo minha própria personagem infantil, conto estórias de minha autoria e de outros autores, Imortal na ANLIC, Academia norte rio grandense de literatura de cordel e de outras entidades poéticas, Contudo minha grande paixão é o cordel, onde derramo em versos a saudade que sinto de minha terra.

01- Desde que me entendo por gente que convivo com o cordel, minha mãe Francisca Diassis Borges, foi uma das mulheres pioneiras no cordel e repente aqui no RN,

Escrevo versos soltos, prosas e livres, até mesmo cordel desde a infância, mas só vim a publicar meu primeiro cordel em 2010, intitulado: O natal do menino de rua.

02-Como dizia nosso imortal Patativa de Assaré: "PARA TODO CANTO QUE OLHO, VEJO UM VERSO SE BULIR", e O MESTRE Antônio Francisco disse sabiamente que o mundo está repleto de temas, então é ir lá e pegar o seu, é isto que faço, observo, e como um animal a caça, agarro meu tema e faço meu verso. Isto significa para mim a própria essência do meu eu, Eu não consigo me imaginar em um mundo sem rimas, sem poesia, portanto: É tudo, é trevas, é luz, é amor, ódio, É VIDA!

03- A estação do cordel nos chegou devido a necessidade de nós, poetas cordelistas termos um espaço para que pudéssemos nos agregar e discutir assuntos de nossos interesses, trazer à luz novos autores, dar oportunidades aos menos esclarecidos sobre o assunto, levar o cordel as escolas etc. Não veio para afrontar ninguém, mas para somar.

04- A estação do cordel é um espaço criado e aberto, para aglutinar poetas, escritores, amantes da cultura, onde realmente se divulga e ensina a arte de fazer cordel.

5-A produção poética dos membros da estação do cordel, por enquanto ainda é individual, ou seja: cada um tem o seu trabalho editado com recursos próprios, dado o pouco tempo que a estação está em funcionamento. Os poetas que expõem na estação, todos são de boa ou excelente qualidade poética. A estação também conta com poetas experientes e dispostos a orientar quem deseja adentrar no mundo cordeliano.

06- Como está muito no início de sua criação, os poetas da estação se reúnem regularmente para traçarem metas e projetos.

07-Sim, participei e ainda participo, como membro da ANLIC.

08-Vivemos numa sociedade de informação e conhecimento, a qual requer a utilização adequada de ferramentas e instrumentos que compõem o mix da comunicação organizacional, tornando-se imprescindível para o movimento cordeliano, a união, a coletividade dos movimentos que coexistem nos mesmos ambientes organizacionais. No cenário poético, desenvolver essas competências requer mais do que capacitação, os poetas devem mobilizar seus conhecimentos, talentos, humildade etc, rumo à inovação e unidade.

09- Na verdade há um grupo, uma associação de cordelistas, no entanto, não possuem o mesmo caráter de sentimentos coletivos como a estação do cordel, que visa propagar e divulgar não só o cordel como dar oportunidades a novos autores.

Poeta Tonha Mota:

Meu nome é Tonha Mota, Antonia Mota do Nascimento, conhecida popularmente como tonha mota. E eu sou escritora, cordelista, compositora e cantora. Estou aqui na estação do cordel, me nomearam presidente.

1- eu comecei a escrever em 2008, eu já escrevia em poemas, poesias mas não tinha publicado, o cordel eu publiquei em 2008, foi também a necessidade de fazer uma homenagem ao meu irmão, saudoso, Zé Vicente da Paraíba, em literatura de cordel, ele me apoiava muito, ele que me descobriu cordelista anteriormente, “mana você escreve cordel, você é cordelista”, aí eu comecei a escrever poesias mas publicar só em 2008.

2 – os temas são variados o que mais me motiva, me emociona, me leva a escrever é temas sociais, a gente ver tanta coisa que precisa a gente debater, criticar e tentar com isso levar conhecimento para outras pessoas. O primeiro foi mais cômico mas foi um fato verídico que aconteceu com um tio meu “a briga na cantoria”, depois eu escrevi pra homenagear meu irmão, depois foi um romance, “Betinho de alcaciano” o quarto foi trabalho de adolescente que eu trabalho sobre essas questões, exploração da criança no trabalho de muito tempo e isso me marcava e depois foi uma história, uma homenagem a poetisa, uma biografia Auta de Souza e depois foi outros temas “Romance em Copacabana” que foi uma história de amor verídico, que um senhor que trabalhava aqui de artesanato na praça João Maria, me disse e eu escrevi o cordel e de Lá pra Cá falei sobre aborto, sobre crítica social que eu fiz um cordel falando sobre isso, fiz outro falando sobre folclore, fiz o do folclore potiguar, é uma coisa que me atrai, é a cultura, é as tradições, é essas coisas que me motiva pra eu não parar de escrever, por que eu tinha esse desejo de levar adiante esse conhecimento para que as novas gerações conhecessem

Enquanto mulher no meio do cordel, como é?

Existe machismo de modo geral, porque aonde você chega ainda tem, não tem jeito, mas eu não sentir preconceito, alguns machismo a gente sabe que tem. Os temas que eu não gosto, são os temas picantes, eu não gosto, de jeito nenhum. Tem pessoa que gosta de escrever temas mais picantes, mais sensuais, eu gosto mais do tema romântico, meloso. Apaixonado mais doce, mas que seja temas que realmente esteja em voga, coisa que a gente tá vendo dia a dia e mexe comigo. Um dos cordéis mais famoso que escrevi, digo mais famoso que foi muito lido, divulgado é a “mulher dizer sim ao amor e não a violência” que é contra a violência da mulher. Vou citar um trecho aqui:

se alguém quer sempre mais,
peça a deus o que quiser
peça amor, saúde e paz,
se você sabe o que quer
peça a deus sua clemência,
pra acabar a violência
que existe contra a mulher.

mulher quer felicidade,
trabalhar e ter valor
mas também quer liberdade,
seja aqui ou aonde for
sonha e tem confiança,
e não perde a esperança,
de encontrar um grande amor.

quando encontra esse amor,
é muita felicidade
ora a deus com mais fervor,
para afastar as maldades
afugentando o pavor,
pra nunca sentir a dor,
das grandes atrocidades.

quase sempre uma mulher,
quer ter o seu companheiro
porque amar ela quer,
se o amor for verdadeiro
para sempre ficar junto,
ninguém quer ser um defunto,
de faca ou tiro certo.

a lei maria da penha,
chegou para ajudar
o homem pensar bem mais,
e não pensar em matar
só o amor é capaz,

de unir todos casais
e nunca mais separar.

se acabar a violência,
a vida será melhor
fluirá em evidência,
o amor, o bem maior,
ninguém ficará sozinho
somente amor e carinho,
e gotinhas de suor.

3 – foi assim, eu, Nando, mouro do círculo Natalense pra cá sentimos necessidade de ter um espaço pra divulgar pra debater, exatamente, todo dia a gente debate certos assuntos aqui e ter um espaço pra gente fazer nosso trabalho e nossos amigos que quiserem participar, aí nós temos apoiadores, que estão com agente, como Carlos Alberto, poetisa Claudia borges que também está junto com a gente e outros que chegam e se agregam a nós.

4- é uma loja que divulga o cordel que é também uma parte de pesquisas e estudo sobre o cordel.

5-As vezes é complicado, por que fica muito pesado financeiramente falando, mas a gente já tem produzido, faz a diagramação em um lugar e faz a publicação em outro e eu tenho um amigo que faz em pequena quantidade porque as grande quantidade só da pra fazer em milheiro e às vezes o cordelista, não tem financeiramente dinheiro para fazer isso, aí a gente vai fazendo em pequena escala. o financiamento da estação do cordel é pingado, que a crise tá grande e o povo aqui do Brasil ler pouco não é por que nao queira é porque financeiramente não tem condição de ter o quanto gostaria. A gente contribui com aluguel, tem uns colaboradores que ajuda financeiramente, tem o carnezinho que a gente dar para aquelas pessoas que contribui para todo mês fazer a contribuição, destacar e ficar com o canhoto. as vendas dos livros é deixado em consignação, a cada título vendido 30% é da casa para ajudar no aluguel.

6- a organização aqui funciona o seguinte: todo dia eu venho desde o início, por que os outros funcionários não podem estar presentes, trabalham todo expediente. No dia que tem livre como nando poeta lee vem e fica aqui, contribuindo com o estação e mouro abriu esse espaço, o café que é para agregar o povo, dar valor a atender por que não tem um lugar assim aqui em natal, potiguar, literatura, um cafezinho um lanche, finalzinho de tarde, isso é muito bom e a gente convida a vir aqui fazer uma degustação do café da dona penha e uma tapioca hahahaha e ler uma boa literatura que a gente tem aqui variedades, vários títulos, vários temas, todos os segmentos praticamente a gente tem aqui, poesia cordel, poesia livre, sonetos, poetas de todos os temas.

Fizemos o arraiá aqui na praça, o primeiro arraiá foi o ano passado, foi bastante gente. Está acontecendo também o novo movimento que começou o mês passado que se chama 'junteiro' e a estação do cordel está apoiando e está envolvido também nesse sentido. E surgiu o novo movimento que é uma roda de viola que todo mês será toda primeira sexta do mês, estaremos fazendo a roda de viola. Que também é um segmento cultural que está agregando valor, eu faço parte desse grupo, que chama bando de lampião, é música, é rabeca, é viola é todo tipo de música, coco, samba de roda, engajada nesse grupo, e a gente ta trazendo pra aqui a roda de viola. É com o professor Marcelo otto.

7- Já participei de outros grupos mas a temática era outra era mais comercial não tinha a forma, apesar que ainda fizemos sim, caravana, excursão também e oficinas, era no outro grupo da associação de cordel que já participei, mas a gente sentiu a necessidade de espaço porque tava ficando muito um mão só. então a gente quer que divulgue e abra mais espaço, era isso que eu queria e quando surgiu o convite de se juntar a nando e outras pessoas pra montar esse espaço, entrei de cabeça, por que é isso que eu acredito.

8- É bom que os cordelistas se agrupam por que individualmente você não vai longe, ninguém consegue sozinho, como diz a poesia do poeta Antônio Francisco, ninguém consegue sozinho nada, então é bom ter alguém contribuindo junto dando e pensando o mesmo pensamento.

9- na mesma ideia eu não diria mas tem alguns que já tem seu espaço que já divulgam seu trabalho tem a livraria de tudo que é lá redinha do poeta mc garcia, que também faz um sarau por mês, tem a poetisa eva potiguar, que abriu um novo espaço para divulgar a poesia potiguar, que ela é poetisa potiguar, é lá da cidade jardim, ela me convidou como cordelistas se eu quisesse participar e também também na página na internet, ucucaia, revista de ouro, textos de cordelistas que são divulgados e eu também divulgo na minha pagina do facebook, no recanto das letras e eu tenho um blog que já tem 15 mil acessos.

Vamos ter o segundo círculo natalense do cordel, já me sugeriram que eu fizesse uma página: facebook da estação, porque já tem a estação do cordel dentro do facebook, mas tão querendo que eu abra um facebook só da estação, vou fazer isso por que o povo ta querendo saber o que está acontecendo, porque no facebook é mais visto do redes sociais como instagram, whatsapp, porque a gente divulga no whatsapp e fica só em grupos fechados e no facebook é para o mundo.

O círculo do cordel vai transformar a estação do cordel em associação, vai registrar e também sobre o centenário de Leandro Gomes de Barros e nós estamos tendo várias ideias para ser discutido no círculo natalense, mas eu não vou dizer não para não estragar a surpresa.

ANEXO 4 - Entrevistas - Caravana de Cordel SP 2017

Poeta Costa Senna:

1 - Você pode começar dizendo seu nome e o que faz...

Meu nome é Costa Sena, nasci em Fortaleza e cresci no sertão de Quixadá, dos cinco até os quatorze anos onde aprendi... contato com apoio, com repente, com o cordel. Voltei pra Fortaleza aos quatorze e anos depois comecei a declamar poesia, declamava Zé da Luz, declamava Patativa do Assaré, declamava os poetas de Fortaleza, alguns deles... declamava Rosemberg Gariri que não era cordelista, declamava alguma coisa dos Emboladores de Coco e segunda a minha família, minha irmã mais velha a Dalva, falou que eu me apresentei numa escola chamada Branca de Neve em 1979, no final de 79 eu comecei a levar a literatura de Cordel para dentro das escolas até inconsciente ainda, não tinha muita noção do que fazia era muito jovem muito irresponsável... mas começou ali, colégio Branca de Neve depois colégio Armindo de Araújo e foi crescendo, tempo depois eu estava declamando nos palcos... estava no mesmo palco que estava Patativa do Assaré que estava Pingo de Fortaleza, Ednardo, Fágner, Belchior... eu também já estava nesses mesmos palcos já declamando poesia, não só o cordel, mas o cordel era a vertente mais forte mais, mais....

Qual era sua cidade Natal?

Minha cidade Natal é Fortaleza, no Ceará.

Isso em 79 foi em Fortaleza?

Sim, em Fortaleza me envolvi com teatro, trabalhei peças como Parrela do Plínio, Deus Ihe pague de Joracy Camargo, Bodas de sangue do Lorca, trabalhei no Caldeirão do Oswald Barroso... bom em 89, o pessoal do Partido dos Trabalhadores, é... me incentivou pra eu vir pra São Paulo para dar uma força na campanha daqui, então eu vim pra São Paulo em 89 onde eu fiquei hospedado na casa entre Moreira de Acopiara que na época não era Moreira de Acopiara, era Moreira Júnior e eu incentivei a mudar de nome e o comitê do Partido dos Trabalhadores que era na rua dos Vianas. E ali, eu comecei de além de trabalhar em porta de fábrica e nos eventos do partido, eu comecei a trabalhar nas escolas eu comecei a levar a literatura de cordel para dentro das escolas de São Paulo em 1989... 89. 1979 em Fortaleza e em 89 aqui, na época o Moreira trabalhava algumas horas por dia de garçom e eu convidei Moreira pra ir pra dentro das escolas comigo, Moreira ficou preocupado disse mas poeta, será que funciona? Eu disse mas lógico que funciona, rapaz. Eu já tinha feito algumas escolas sozinho e Moreira foi comigo em várias escolas, fizemos teatro Clara Nunes... ele ainda muito tímido mas já, já declamava sabe... Aí moral da história, terminou a campanha e nós perdemos pro Collor e eu voltei pra Fortaleza pra buscar as coisas e vim morar definitivamente aqui.

2- E lá em Fortaleza você participava de algum coletivo ou grupo?

Não... eu participei de vários coletivos mas não ligados ao cordel. Participei de vários grupos... eu sou um dos fundadores da Revista Comboio, Comboio Vida e Arte. Eu participei de um grupo de teatro chamado Sinal Verde.

Tudo sobre cultura?

Tudo sobre cultura. Eu comecei a me envolver com teatro com o professor Clóvis Matias, que foi professor de teatro no colégio Joaquim Nogueira. Então, eu fiz muita coisa com teatro, muita coisa mesmo. Uma das coisas que eu mais gostei de fazer foram duas: foi a Parrela do Plínio e o Caldeirão de Oswald Barroso que falava sobre os acontecimentos que se passaram no Juazeiro do Norte na década de 30, 40.. por aí.

3- Aí quando você vai fazer o cordel, pensa no que, o que te inspira? O que representa pra você os temas que você escolhe?

Bem, eu estou sempre procurando temas. Eu gosto muito de fazer o cordel que alguém não tenha algo parecido ainda, o único cordel que alguém já tinha escrito algo foi o Criança, que bicho é esse? Duas pessoas já tinham escrito já, mas eu lia os cordéis e não gostava e achei por bem fazer o meu que é o Criança que bicho é esse? Eu sou muito de temas... é que, envolvido... que envolve o social, as grandes metrópoles. Entendeu? Acontecimentos tipo, em São Paulo, a paranóia da Praça da Sé, Assim nasceu Brasília, escrevi também o Raulseixismo, foi um pessoal que me apoiou muito logo que cheguei aqui. Me tornei amigo de Silvio Passos, de Zuleide Teixeira, de Carlos Bigode e passei a ser uma pessoa muito querida por eles e passei a participar dos eventos que ligava a Raul Seixas, passei a participar de Shows em homenagem a Raul, abrir show pra banda Trio de Rabandolo... passei a levar a literatura de Cordel pra dentro de uma escola, isso é maravilhoso! Os alunos estão ali... os professores pra te apoiar, a direção, a coordenação... Eu queria levar a literatura de cordel para lugares mais... onde tivesse a possibilidade maior de ela ser rejeitada. Eu levei pra show de rock, cheguei a abrir show de rock em São José dos Campos com literatura de cordel, sabe (risos). Uma coisa muito louca eu vi que não tinha cordel pra cidade de São Paulo, se tinha ninguém falava, sabe. Então eu escrevi Viaja com São Paulo, que foi uma das poesias que eu mais declamei. Eu declamo todo dia, tem dia que eu declamo três, quatro vezes...Passei a declamar nos comícios do PT, do Pcdob, passei a declamar nas associações de moradores, passei a declamar nos movimento culturais, nas periferias, nas escolas... Aquilo que eu estava te falando, eu achava que sempre poderia levar um cordel diferenciado, um cordel que eu viajo na história, que eu pego a história da pedra lascada ao século XVIII, depois eu vim pro lado do mistério e da magia, escrevi O lobisomem da avenida São João, depois foi transformado em romance. Então assim, eu fiz muita coisa e o cordel em São Paulo também não tinha, eu fui pra escolas não via cordel... a única pessoa que eu vi o nome citado foi o Franklin Machado. Engraçado que eu comecei a trabalhar com o Moreira Machado nas escolas aqui em São Paulo, em São Bernardo do Campo. Quando eu fui buscar minhas coisas que eu voltei, o

Moreira já estava trabalhando sozinho nas escolas entendeu. Muito legal. Depois dele veio Cacá Lopes que passou a trabalhar sozinho, lógico que não tinha muito conhecimento ainda... depois ele foi pro próprio show, ele foi fazendo os cordéis dele e hoje ele está bem melhor do que foi.

4- O autor que você está citando foi quem você recrutou para Caravana do Cordel? Como foi o surgimento, como foi o processo da Caravana do Cordel?

A Caravana do Cordel foi assim... ninguém sabia de nada, ninguém. Nós fomos lançando DVD, um DVD caseiro na casa do Júbilo, aí foi um sucesso, sucesso total. O nome do projeto era Ensaio Aberto. Eu fiquei tão emocionado com o momento que achei por bem procurar um espaço em qualquer lugar, não era obrigado a ser no centro... e criar um grupo, não tinha nome, o nome veio depois. Aí eu tinha trabalhado no filme Urubuzão humano do Diomedes Moraes, eu fui ator desse filme e lá eu conheci muita gente do cinema. Conheci o Diogo que era do Cineclube, aí numa reunião política na Assembleia Legislativa eu falei com Diogo. Vem cá, dá pra você arrumar um lugar pra gente na Augusta? Ele disse dá, você vai pagar uma quantia muito pequena, irrisória e pode utilizar lá. Aí o que eu fiz... entrei em contato com o Marco Aurélio... teve problema, porque eu queria... era eu Ornelo e Júbilo... a gente queria que todas as pessoas que tivesses no grupo menos Ornelo e Júbilo, fossem cordelistas mas o Pedro Monteiro ainda não era cordelista. Então, eu, Ornelo e Júbilo seguramos a onda até que o Pedro Monteiro escreveu seu primeiro cordel, aí quando ele escreveu disse vamos montar o grupo. Aí convidamos Cacá Lopes, Pedro Monteiro, Nando Poeta, Gomes de Sá, Moreira de Acopiara, Varnecki. Eram sete, Moreira nem estava. Aí eu falei com Cacá, falei com Marco Aurélio e nada deles se decidirem e cheguei até a brincar, eu citei uma frase do Raul Seixas porque tinha arranjado um espaço com muita facilidade que... "Foi tão fácil conseguir e agora eu me pergunto e daí...?" Até que conseguimos marcar uma reunião e a Caravana nasceu, quem trouxe esse título foi Marco Aurélio. O João Gomes de Sá tinha um projeto paralelo e aí pra dizer que esse projeto era da Caravana enxertaram ele dentro da Caravana, mas na realidade a Caravana não tinha nada a ver. O projeto nasceu na casa de Júbilo Jacobino, na rua Alfa, parece... ali perto do Sacomã. Aí começaram as reuniões, as divergências....

5- Como se organizava a caravana?

A Caravana se organizava uma vez ao mês na rua Augusta, mas tinha outras reuniões. A gente se encontrava no Centro Cultural São Paulo para discutir uma estratégia melhor para Caravana e depois passou a ter umas palestras sobre literatura de cordel... foi legal mas chegou a um ponto que chegou a ter as divergências, divergências ferradas. Tem coisa que não dá pra compreender... Tem gente que começou a convencer que não tem que ter música na Caravana, sabe. Era pra ter só cordel. Aí chegou uma votação pra ver se ficava duas músicas ou uma música só. Fomos pra votação e todo mundo votou contra as músicas.

Você diz os sete?

Os seis, porque eu não. Aí o Cacá Lopes que foi músico, quem deu dignidade ao Cacá Lopes foi a música. Tudo que o Cacá tem na vida da Caravana pra trás foi a música e ele votou contra a música. Aí foi uma decepção total e eu senti que não era a música, era eu talvez.

Você foi o primeiro a sair?

Então, o Marco Aurélio já tinha saído. Mas o Marco Aurélio, ele tinha influência lá fora. Eu perguntei pro Cacá depois e ele disse: não, eu não vou te contar. Até hoje não tem razão por que ele votou contra a música se a música é que é o lado forte dele sabe, eu senti que tinha algo errado e achei por bem sair pelo motivo, tinha a Ornela que é uma menina que eu conheci com sete anos de idade e ela queria cantar e naquele grupo que nasceu na casa dela e acabou-se e falei pra ela que ia fazer outro grupo. Conversei com próprio Diogo e ele arranhou mais um espaço pra mim e começamos o outro grupo. Aí chamei Pateu Barbosa, Luíz Wilson, Daniela Almeida que é uma jornalista e fundamos o Bodega do Brasil que está aí até hoje, essa é a história real.

6- Não lhe foi perguntado.

7-Tem uma das perguntas... se existe hoje outros grupos com o mesmo caráter da Caravana?

Não, a Caravana era muito forte, era... se não tivesse se destruído bestamente, era... Veja bem que por onde eu viajo tem gente que pergunta pela Caravana, eu tava em Juazeiro e tinha gente que perguntava pela Caravana, eu tava em Crateús e tinha gente que perguntava pela Caravana. Então ela criou um nome, criou uma legitimidade muito forte, mas...

8- E você acha que é importante que os cordelistas se organizem nesses coletivos como o Bodega, como a Caravana, a Companhia do cordel?

Sim, é preciso porque hoje muita coisa está acontecendo. As portas da cultura, da educação, elas se abre mais para os coletivos. Se você não for um bom profissional, você sozinho não conseguir muita coisa e até pra fortalecer... os coletivos criam força... mais que uma pessoa. E tô com a Bodega, dia 31 de outubro a gente completa oito anos de Bodega e você está convidada pro aniversário. Mas assim, mas não tem... as divergências de grupos sempre existem. Não tem raiva de ninguém, isso sempre acontece. Mas as divergências, as bobagens, acabaram com um grupo que hoje poderia está sendo muito forte, sabe. Então é isso.

Poeta Pedro Monteiro:

1 - Eu sou Pedro, poeta cordelista, me chamo Pedro Monteiro amassou barro da rima do boleiro, um campomaioense das terras piauiense do nordeste brasileiro.

Até 09/06 eu era funcionário público do poder judiciário, felizmente após 42 anos de contribuição, consegui minha aposentadoria o que agora me deixa mais tranquilo de fazer minhas atividades, escrever, participar dos eventos, fortalece.

2 – é importante isso demais, até 2008 não me passava pela cabeça escrever, muito menos escrever em poesia e foi fazendo uma pesquisa para o curso de direção de teatro que eu me dedicava como uma atividade secundária, eu fazia teatro, apresentava peças pela periferia e fazendo um curso de direção teatral, a orientadora do curso pediu que fizesse uma pesquisa sobre a linguagem cordel e eu fui me deparar com poetas cordelistas na feira do Anhembi, lá eu encontrei os poetas: Marco Aurélio, Varnecki e João gomes e foi daí que passamos a fornecer, principalmente Marco Aurélio, as informações que eu precisava para o curso, ficamos amigos e ai ninguém segurou mais, por que eu tinha um texto escrito em prosa e fui incentivado por Marco Aurélio pra fazer em verso, ai eu fiz, o próprio Marco Aurélio fez a capa e publicamos pela Luzeiro, tendo Varnecki como selecionador de texto, muito interessante. Isso foi em 2009, meu primeiro texto “Chico o menino das 100 mentiras”.

3 – Então o fato de ter uma boa, um bom conhecimento da cultura nordestina, eu cheguei em sp com 17 anos, toda uma vivência no agreste nordestino no estado do Piauí, e as músicas que minha irmã balançava nas redes e músicas do João do Valle, Luiz Gonzaga, Jackson do pandeiro, uma série de outros que já era difusa no rádio e eram músicas escritas, se não obedecendo à métrica do cordel, mas dialogando de uma forma muito próxima, e eu não sabia exatamente disso e só esse despertar comecei a associar todo esse universo, então toda vez que eu penso no cerrado na roça, toda vez que penso nos pássaros, na harmonia da floresta, isso acumulado as leitura que faço, meu hábito de leitura, meu gosto de leitura, é o manancial vamos dizer assim, fértil para minhas criações, eu faço bastante adaptações, apesar de, tenho textos também inteiramente criados, mas essa criação tem como base, este universo, da minha infância.

4 – logo que eu me aproximei desses poetas cordelistas, trazendo a militância que tinha no movimento social e encontrando outros que também tinham hábitos de organização no movimento social, no sindicato, em grupos de classes, de professores, no caso do Nando Poeta, por exemplo, que tinha toda uma ligação de sindicatos, encontramos aqui o poeta Costa Senna, que discutia toda uma relação com as periferias, fazendo um trabalho nas escolas, com casa de cultura nas periferias e isso juntando a João Gomes professor também, tinha esse perfil, Varnecki Nascimento baiano, em sp não tinha necessariamente uma ligação específica com os movimentos sindical, coisa desse gênero, mas uma pessoa muito ativa, muito ligada a um anseio por uma vida melhor, um mundo melhor, a gente te pensou juntos numa forma que pudesse haver uma troca entre essa diversidade que pudéssemos, além dos sete que criamos a caravana, em uma reunião na casa do Nando Poeta, nós pensamos em abrir possibilidades, identificar xilogravoristas, diagramadores , ilustradores, outros poetas, tocadores, cantadores, para integrar o

movimento da caravana, que lhe fosse não uma entidade com estatuto, com presidente, tesoureiro, mas um movimento, onde esse movimento tivesse inserção social, caravana teve, cumpriu bem esse perfil. Como todo movimento tem um objetivo a cumprir. Hoje nós trilhamos caminhos que foram sem sombra de dúvidas possibilitados pela caravana do cordel.

5 - Nós fazíamos uma reunião, um grande encontro uma vez por mês, a princípio num lugar fixo, que era o espaço Cineclubista da Rua Augusta, e depois nós passamos a fazer descentralizado em casas de cultura, em espaço de classe, nós fizemos na Apeoesp, na casa do professor alguns encontros e principalmente nós fizemos momentos de formação importante, trazendo pessoas, para expor temas relacionados a poesia popular, isso sem sombras de dúvidas ajudou bastante na qualificação, na formação de opinião, isso vale tanto para poetas como para os apologistas mais próximos, ter uma compreensão maior, muita gente passou a fazer tese de tcc, mestrado tendo como referência a poesia popular, foi muito gratificante.

Esses sete era as molas mestras do movimento, mas com o maior cuidado para aglutinar, para não excluir ninguém para que ninguém se sentisse fora, todo mundo era da caravana. Os sete que iniciaram tinham o papel principal de maior responsabilidade, mas isso não quer dizer que outras pessoas que não fossem desses sets não pudessem tomar iniciativa de organizar um sarau, organizar um encontro em algum lugar e incluir todo mundo.

6 – Não, eu cheguei em SP em 73 eu tenha 17 anos e eu não tinha a mínima noção que era fazer uma estrofe. Embora eu lesse Mariquinha e José de Souza leão, as bravuras de Apolinário, os clássicos como pavão misteriosa, Valdemar irene, cachorros dos mortos, muitos outros, por que na minha família tinha uma senhora que eu considerava minha vó, na verdade era companheira do meu avô, chamada Adélia e essa mulher tinha uma voz forte, ela cantava em tudo que você imaginasse, de reza a acompanhamento de corpos no cemitério, as ladainhas, os terços que eram feitos em homenagem a santos, como são Gonçalo, santo Antônio, outros santos da região e muita evocação a chuva, ela tinha uma voz muito bonita e cantava a chegada de lampião no céu, no inferno. Além de cantar muitas histórias, esse foi o universo que me criei e nunca imaginei que pudesse fazer o uso disso, com 53 anos de idade foi a primeira vez que utilizei pra valer Por que no teatro eu me aproximei da obra de ariano Suassuna eu comecei a pesquisar, a escrever a peça ‘o santo e a porca’ com o nome de Danação e até tive o consentimento do Ariano por que quando tive com ele, falei sobre isso, tanto que ele passou fazer dedicatória dizendo “à Pedro Monteiro que já foi meu Euricão” que é o personagem avarento de o Santo e a porca.

7 – Da forma como nós pensamos foi interessante por que continua dando frutos, como disse. Não é que a Caravana deixou de ter uma regularidade que a sua importância deixou de acontecer, a importância da caravana é resultado de toda esse manancial, essa troca que nós fizemos, ela é muito importante hoje. Para

qualquer classe eu sou favorável organizar. Tanto como o agrupamento muito grande, fica muito difícil conduzir para eventos fora de sp, a gente precisa de alguma coisa que coubesse em uma Kombi ou num carro de 5 pessoas e nós pensamos e criamos um subgrupo, esse tem tido vida longa, que é a companhia do cordel: Di carvalho, cantador, João gomes de Sá, poeta xilogravador, Varneci Nascimento com sua vasta obra e com seu senso de humor maravilhoso e eu que faço a minha parte falando sobre a poesia e declamando também.

8 – Sim, como este, não tem exatamente o mesmo caráter, mas já é resultado dela. E nós temos uma instituição que chama ‘bodega do brasil’ que mantém sarau regulares e lá estão cantadores, repentistas, declamadores e sempre com a vasta mesa de folhetos de cordel. Esse acontecimento é uma vez no mês, na rua general Jardim, 760 no espaço da ação educativa e temos uma produtora Telma Queiroz que faz constantes movimentos como semanas, meses de exposição no Sesc, move eventos diversificados e lugares também diferentes, casas de cultura e outras organizações não governamental. Eu estive por exemplo num projeto que chama “cala boca já morreu”, de repente eu me encontro com uma dupla de violeiro e todo clima da poesia popular, cordel. E além disso tem muita gente que beberam na fonte da caravana, participaram dos seminários, dos encontros regulares que foram com isso animadas a escrever mais, a fazer mais eventos relacionados a poesia popular, então isso avalio como bastante positivo o processo da caravana.

Poeta João Gomes de Sá: Entrevista realizada através de email, do tipo estruturada.

1-João Gomes de Sá – sou professor formado em letras pela universidade federal de Alagoas-UFAL e em Pedagogia pela UNIFAC – Botucatu/São Paulo.

2-Nem sabia se sabia escrever literatura de cordel. Costumava escrever, quando estudava na UFAL – poesia e texto cênico. Em São Paulo, já conhecia um pouco da técnica, autores e obras, e breve história do cordel – bateu saudade da terra natal, e escrevi o meu primeiro cordel: O Carcará Nordeste e o Dragão de São Paulo, em 1984.

3-Todos os meus temas brotam, na maioria das vezes, na sala de aula, na correria da cidade, na fala contente ou descontente das pessoas amigas, colegas ou anônimas – não os procuro, nem os resgato porque ninguém os sequestrou. A partir dessa “provocação” apresento em verso ou não o meu olhar, a minha opinião, o meu ponto de vista ou às vezes, sou porta-voz de pessoas anônimas ou não, carentes de voz, de grito, de denúncias, de amores e paixões, daí a importância do ato de construir texto é no mínimo verossimilhança da vida, e todo cuidado é pouco.

4- A Caravana do cordel era um movimento literário de poetas cordelistas e que a priori, tinha como objetivo aglutinar esses poetas, conhecer suas obras, seus

trabalhos, estudar e pesquisar a literatura rimada e metrificada, e apresentar ao público interessado ou não em um determinado local. A vontade surge a partir do I e II Salão da Literatura de Cordel em Guarulhos/SP. Presentes vários cordelistas, palestrantes e Oficineiros. Mais tarde, em São Paulo, na casa das rosas; naturalmente, os cordelistas de boa vontade se organizam e programa as atividades da bendita caravana.

5- Após, coleta de informações, de dados sobre cordelistas na capital – São Paulo – o movimento tinha uma coordenação e organizava encontros mensais, nesses encontros aconteciam saraus lítero musicais, lançamento de livros e uma pequena feira de livros, folhetos e xilogravuras.

6- Meu trabalho na UFAL estava mais ligado ao movimento estudantil – centro acadêmico de letras, depois no coral da universidade e grupo parafolclórico – bandinha “Esquentamuié”. Quando fui contemplado com uma bolsa de trabalho da universidade e fui trabalhar no museu de Antropologia e Folclore, passei a estudar com mais atenção a cultura popular e o folclore brasileiro. No Museu, conheço um dos maiores cordelistas e xilógrafos – Eneias Tavares dos Santos (seo Eneias) e depois o poeta Antônio Aurélio de Moraes (Tio Tonho). Com certeza; a partir desse momento adentrei no universo da literatura de cordel, apesar de antes já ser assíduo leitor desta manifestação literária. São Paulo é um mundão, e sou grato muito a SAMPA, aqui era menos dificultoso para publicar cordéis ou livros, se aqui não estivesse, talvez não teria encontrado algumas editoras para edição das minhas construções literárias – cordéis, livros e xilogravuras.

7- É muito importante, desde que; os poetas, além de expor, promover ou vender suas obras, estudem, pesquisem e oportunizem também os célebres clássicos, conheçam os grandes e primorosos autores do passado para que o novo leitor conhece a historicidade dessa manifestação literária tão nossa, tão brasileira.

8- Se existe, não tenho conhecimento. Há hoje, em SAMPA, muitos saraus e vez por outra, cordelistas apresentam seus textos, suas obras. PS/procure no you tube um vídeo – há uma entrevista comigo falando um pouco da caravana. Ortega (não lembro do primeiro nome/caravana do cordel – tese de pós-graduação puc)

ANEXO 5 - Entrevista Varneck Nascimento e Nando Poeta 2016

Entrevista conjunta com os dois poetas:

1- Varneck – surgiu da necessidade dos cordelista aqui de São Paulo de terem um grupo para se apresentarem e tornar mais forte essa presença dos cordelistas na cidade de São Paulo. Por que aconteceu a caravana? Por que nós vivamos indo para eventos, lançamentos de livros, saraus, mas a gente ia assim como convidados, como poetas, não como um grupo. Então nós resolvemos formar o grupo para ser uma coisa mais consistente, uma coisa mais forte, por que é como um feixe de lenha né: um pedaço só de madeira é fraco, você pode quebrá-lo, mas

junte dez, vinte. Então nós queríamos tornar esse grupo forte para enaltecer para levar o cordel, difundir o cordel aqui na cidade de São Paulo. Então como nós já estávamos envolvidos em atividades, voltada para a poesia, voltada para o cordel, aí resolvemos criar esse grupo chamado caravana do cordel, é assim que ele acontece.

Nando – e o grupo a partir dessa salto nessa organização, ele começou a organizar um evento que acontecia primeiro sábado de cada mês, aqui no cineclube Augusta, foi um momento muito importante, porque possibilitou reunir não só os cordelistas mas todo um público é amante da poesia do cordel que possibilitava inclusive esse grande encontro que acontecia todo mês e discutir sobre a literatura, sobre a música, a relação que o cordel tem com o teatro, com cinema, então foi muito importante e foi alargando esse movimento do cordel aqui em São Paulo.

2 – Varnecki - Nós já estávamos no cordel, a caravana surge como uma consequência do cordel, então é o cordel que gera a caravana e não a caravana do cordel, o movimento nasce justamente desse jeito. Como o cordel já estava presente, nós só juntamos, unimos forças de divulgar e difundir o cordel, a meta principal era essa, de modo que reunimos entre a gente era cantor, o foco principal era o cordel, começou a se aglutinar cantores, ilustradores, todas as pessoas que se sentissem à vontade para participar, para levar de algum modo, alguma poesia, então era sempre muito bem vindo. É verdade que no começo houve uma concepção, justamente Nando e eu e outros fomos muitos combatidos no sentido que era o grupo dos sete e era pra só a gente se apresentar toda vez e não era esse o foco, por que nós já éramos os anfitriões então, o grupo devia servir mais para os outros se apresentar por que já éramos nós, esses sete que começou a promover o encontro então não havia sentido por exemplo toda vez a gente está no palco mas de algum modo sempre a gente estava, porque chegou um tempo que no cineclube teve vezes que não cabia tanto de gente, teve vezes de tanta gente pra se apresentar, então foi um movimento que criou um rebu em São Paulo em relação ao cordel, falou-se em cordel até hoje no youtube se você for colocar no google aparece lá milhares de citações da caravana do cordel por que foi um grupo que marcou e o cordel ganhou na cidade de São Paulo, incrível, a partir da caravana de cordel.

Nando- E nas universidades, tiveram vários alunos que começaram a estudar essa experiência de 2009, 2010, 2011 aqui em São Paulo, inclusive já se tem teses produzidas sobre esse movimento criado em São Paulo. Então foi muito importante a caravana do cordel, hoje existe uma certa, o movimento enquanto organização da caravana do cordel dispersou um pouco.

Varnecki – Dispersou, não existe. Mas o foco, a semente do cordel, cresceu. E essas pessoas que estavam lá na caravana continuam também a seu modo espalhando essa mesma semente não mais como grupo, isso do grupo acabou é verdade. É uma pena que as vaidades e uma série de outras questões mataram o grupo, faz

parte inclusive da própria natureza humana, isso foi muito prejudicial ao grupo, no sentido de que houve muito ofuscação, vamos dizer, até melindroso tratar desse assunto, por que tem coisas que não dá nem para dizer publicamente de coisas que aconteceram internamente, mas qual é o grupo que não tem suas divergências? E nós fomos fracos no sentido de não conseguimos contornar isso, administrar para que o cordel prevalecesse mais que qualquer outra coisa, infelizmente não conseguimos, e aí esse coletivo como coletivo acabou. Mas eu ainda fico feliz que as pessoas também conseguiram desenvolver seus trabalhos e continuam mas para o cordel teria sido melhor se tivesse continuado um grupo forte como vinha porque aí a gente teria conquistado muito mais espaço na cidade de São Paulo e no Brasil por que a caravana tornou a ser referência em todo o Brasil, os poetas de outros estados olhavam para cá como uma luz: “em São Paulo está acontecendo um movimento interessante a gente precisa se espelhar.” E procuravam a gente, telefonavam: “to acompanhando, como agente faz para fazer aqui no nosso estado”, por que a caravana tomou uma proporção nacional.

Nando- impulsionou vários outros estados e outras cidades a organizarem movimento assim se espelhando a partir daí muito poetas começaram a se agregar, aglutinar forças para construir seus movimentos em suas cidades e levantar a bandeira do cordel. Isso foi muito importante ver isso acontecer em Belém, Pernambuco, Natal, Ceará que já vinha de um processo de atuação, mas também já tem essa relação com São Paulo então foi um movimento que se propagou o Brasil a fora, então foi muito importante, o movimento caravana.

3 – Varnecki – eu particularmente na Bahia, quando comecei, eu era novinho, tinha 18 anos mas publiquei meu primeiro cordel com 21 anos e eu comecei a atuar lá sozinho, uma andorinha sozinha, tentando fazer meu verão lá. Aí depois eu fui morar na Paraíba para estudar, lá na Paraíba em Guarabira que é um berço forte do cordel, por que o cordel é paraibano, os pais do cordel são todos paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Ataíde, Francisco da Chagas Batista e Silvino Pirauá, a gente considera esses quatro os pais do cordel, então em Guarabira, região do brejo paraibano nasceram importantes cordelistas como José Camelo Rezende, Manoel de Almeida Filho, entre outros e eu fui morar justamente na cidade que trouxe ao mundo o autor do cordel do pavão misterioso, então essa experiência na Paraíba foi muito interessante, muito enriquecedora pra mim quanto autor, escritor de cordel mas nunca atuei em nenhum grupo, essa concepção de grupo só venho aparecer aqui quando vir morar em São Paulo no ano de 2007, a concepção de um grupo assim começou a surgir em 2008 e em 2009 nós consolidamos como um grupo, começamos em Julho, o primeiro encontro foi em julho de 2009 aqui no espaço cineclubista da Augusta, a minha primeira vivência como grupo voltado para o cordel foi aqui em São Paulo e aí já começamos assim como um grupo mesmo.

Nando – Comecei escrevendo o cordel “Turbulência econômica”, em 2008 um pouco depois que cheguei em São Paulo. Foi um desafio! Falei pra Varnecki que estava escrevendo este cordel, aí ele disse: “traga aqui”, eu levei o cordel, com 32 estrofes,

rimando todos os versos: o primeiro com o terceiro e o quinto e o segundo com quarto e sexto, uma sextilha. Depois que mostrei para ele, ele fez as observações, as críticas. Eu como aprendiz, a gente tem que estar atento, com observações que as pessoas fazem né. E eu fiquei realmente bastante interessado em ouvi-lo e saber realmente os problemas que ele tinha e eu saí de lá com um desafio grande. Primeiro uma alívio em saber que não precisava rimar todos os versos, então eu já diminuía, em vez de rimar seis versos eu tinha que rimar só três então isso me aliviou bastante, mas aí teve outro desafio, para eu chegar a 32 estrofes eu ralei e ele orientou a escrever mais estrofes, a chegar 50 estrofes. Por que lá na Luzeiro eles trabalham com 52 estrofes, 16 páginas. Aí eu sair com esse desafio, fui ler mais sobre economia e a crise no mundo. Ai preparei novamente o texto, levei pro Varnecki, eles aprovaram lá, se interessaram em publicar, nós fizemos a publicação, depois tivemos a ideia de fazer os lançamentos, fizemos um lançamento em São Paulo do cordel, "Turbulência Econômica", deu em torno de umas 60 pessoas, foi um cordel que a gente vendeu e se esgotou em pouco tempo, então foi muito importante por que a partir desse cordel veio a ideia e o interesse da própria editora Luzeiro em publicar os outros títulos, inclusive formar em sequência, eu lancei esse em novembro de 2008, em 2009 eu lancei "Mulheres em luta" no período de 8 de março em seguida o do "1° de maio", a história dos trabalhadores também no próprio dia e só tivemos a partir da conversa nesse próprio período para fazer outro texto que agora sobre "Homossexualidade e luta" em parceria com Varnecki que lançamos aqui no Largo do Arouche, num bar gay que possibilitou a gente dialogar com o público que estava presente, era ideia nossa. Foi um texto que foi bastante badalado e debatido, inclusive teve um site que debateu muito, muitas críticas homofóbicas pelo fato da gente ter feito aquele trabalho. Foi a primeira vez que esse tema foi tratado no cordel com outro ângulo, por que geralmente se trata a homossexualidade na poesia do cordel no Brasil inteiro sempre se tratou de forma pejorativa e a nossa ideia era trazer no sentido de resgatar a história da luta contra a homofobia, então foi um texto muito importante que também já está pertinho de esgotar.

4 – Varnecki – No eu caso a ideia pode surgir numa brincadeira ou as vezes de uma sugestão de um amigo, por exemplo, eu tenho cordel que chama "Mulheres encahadas", foi uma prima que sugeriu, disse: "tem muita mulher encahada, faça aí um cordel sobre essa temática aí eu fui e fiz". Aí eu tenho lá um cordel sobre política, tem um lá "O perfil do político brasileiro" era quando eu morava na Paraíba em 2005, ele continua mais atual do que nunca, então foi vendo a situação, foi bem no auge do mensalão. A temática pode vir de qualquer momento ou às vezes a gente observando uma cena na rua ou um papo com amigos, por exemplo o de "Homossexualidade e Luta", foi Nando que sugeriu das ideias do PSTU que entra muito essas discussões e Nando me chamou para a gente fazer então foi a necessidade de ter mais um texto para se debater, foi a partir daí que escrevemos esse texto.

Nando – A grande influência para escrever tem a ver com a militância, já de três décadas de militância nos movimentos sociais e o trabalho na disciplina que eu exercia no ensino básico, ensino médio que era história e sociologia em seguida então comecei a ligar a temas muito sociais, isso veio com facilidade. O tema do Cangaço foi que no meio cordelista afirmavam que para ser cordelista, inclusive em Natal, tinha que ter trabalho sobre o cangaço e eu ficava sempre com aquela inquietação, até um decidir mergulhar um pouco sobre esse tema foi sempre um tema que sempre simpatizei, sempre acompanhei, mas não tinha nenhum estudo profundo. Então foi justamente pelo interesse em escrever o cordel sobre o tema que eu passei a estudar com mais seriedade. Comecei a estudar o tema sobre o cangaço, li dezenas de livro sobre o cangaço, é um tema que tem muitas histórias diversificadas para o mesmo fato e tem três, quatro história então não é uma coisa muito fácil da gente opinar sobre o tema mas ai eu passei a estudar e começou a surgir os cordéis que é “O Jesuíno Brilhante” um cangaceiro do século XIX; em seguida falar sobre o cangaço na época do Lampião, depois veio a ideia do “Corisco, vingador do Lampião”, depois veio o “Jararaca: um cangaceiro que virou santo” até hoje, dia 2 de Novembro dia de Finados é um dos túmulos mais visitados no cemitério de Mossoró e por último com parceria com Varnecki a gente aborda as “Mulheres no cangaço” um texto que aborda a sociedade patriarcal, a situação da mulher nessa sociedade, a opressão que ela vivia, a busca dela se libertar, o encontro dela no cangaço, a ideia dela contribuiu muito a superar as relações que tinham dentro do cangaço, eram relações muito machistas, com a presença delas começou a coibir muitas coisas que as mulheres vivenciaram no sertão.

5- Varnecki – De jeito nenhum, o cordel é um gênero literário e pode ser feito no Japão. Se obedecer ao que Leandro Gomes de Barros fez, será sempre um cordel, não precisa ter nada de elemento nordestino. E no cordel de Nando e meu tem por que somos nordestinos. Mas por exemplo no cordel de Cleusa Santos que é paulista você já não vai ter elementos nordestino e se tiver é por que ela quis inserir como dado e não como algo que esteja intrinsecamente dentro dela, então o cordel pra ser cordel precisa obedecer os ditames como foi concedido, ai sim como rima, métrica, oração, as coisas pertinentes ao cordel mas que tenha que ter que falar de Lampião, que tenha que falar da comida que se coma no nordeste ou que tenha o palavreado nordestino isso não tem nada a ver, muito embora erradamente e equivocadamente quem não conhece o gênero acha que pra escrever cordel precisa ter algum elemento de lá e não tem nada a ver.

Nando - Vai para o cinema, vai para os palcos, está no CD, dvd, isso é muito importante por que não se pode ficar preso simplesmente ao passado. Por que muita gente entende que o cordel deveria ser naquele folheto de 11 por 16, um papel de jornal barato, um “papelzinho”, né, sempre de péssima qualidade e hoje a gente vê livros de boa qualidade que tem o gênero literário cordel. Agora é verdade, que a gente vem dando uma batalha para levantar essa bandeira por que as universidades até hoje muitas ainda não abraçaram o estudo do cordel, é, as grandes

universidades do país que tem o curso de letras ainda não é parte do currículo o estudo do cordel, poucas universidades hoje têm professores que se interessam em incorporar o cordel como fonte de estudo e entenderem o cordel como gênero literário. Você abre um livro de literatura do Brasil que vai estudar a literatura, a grande maioria não incorpora o cordel como um gênero literário. Então esse é um problema que a gente sofre, que a gente vem dando uma batalha pra conquistar esse reconhecimento que o cordel é um gênero literário, essa é uma grande campanha que a gente desenvolve no Brasil, debatendo dentro das universidades para que, inclusive, mude essa concepção de encarar o cordel por que a gente encara o cordel não como uma coisa exótica que tem que tá por fora dos currículos dos cursos, queremos que seja parte do currículo e tenha o reconhecimento dos autores, dos escritores, que muitos deles estão esquecidos... tem textos clássicos mas não são lembrados quando se fala em literatura brasileira.

6 - Varnecki - Olhe, certamente que influencia por que por exemplo, nós Nando e eu, morando numa cidade como São Paulo a gente vai adquirindo elementos dessa cidade então certamente que se você pega hoje uma obra minha ou uma obra de Nando produzida aqui em São Paulo. Eu estou aqui há nove anos e Nando ficou aqui quanto? Sete? Em torno de sete, mas sempre todo ano três, quatro vezes aqui. Então certamente incorpora elementos da cidade grande na nossa produção e isso é natural por que o ser humano se adapta e vai adquirindo condições daquele local que ele está. Então isto é natural, agora, eu mantenho coisas assim... vamos dizer, coisas essenciais que estão no interior da minha formação desde lá de criança, aí a gente não tem como mudar isso então vão sempre aparecer aqui e lá, elementos que estão lá na nossa infância e que às vezes a gente deixa sem perceber dentro de uma obra, então isto é natural que aconteça por que como a gente tá numa cidade grande, a gente está numa metrópole como São Paulo, então naturalmente a gente vai escrevendo coisas que são próprias daqui dessa cidade ou incorporando nas obras, eu posso dar um exemplo, eu já fiz cordel só observando as cenas que eu vejo no transporte coletivo fiz um cordel intitulado "No ônibus cheio é assim", e fiz outro "A saga do nordestino em São Paulo", mostrando, se por um lado eu brinco com as cenas acontecidas no coletivo por outro lado eu choro como um coisas que vejo muitos conterrâneos meus passarem aqui nessa cidade, as vezes sendo humilhados, sendo xingados, sendo destratados por quem se acha, ou por que é da elite ou até gente que veio de lá e se acha o dono do mundo e chega aqui passou da condição de explorado à explorador, então acho que o essencial eu mantenho, Nando manteve, mas a gente coloca sim elementos na produção, acho que isso acontece e é natural que seja assim.

Nando - Numa cidade como São Paulo que sofre influência de várias culturas de muitos povos, muitos argumentos que passam a constituir e está presente numa cidade cosmopolita como São Paulo, não tem como não interferir no trabalho de qualquer escritor, ela invade. É importante que o escritor esteja aberto, aberto para abraçar esses novos elementos. É verdade que o fato da gente ser de outras

regiões... então tem muita coisa também que a gente faz questão de preservar, a gente não vai abandonar, pelo contrário, a gente vai empunhando conhecimento, incorpora um e não nega o outro. Nós somos autores de uma linha que busca preservar as nossas origens, não fechando, muito pelo contrário, incorporando, fazendo essa síntese e isso dá uma qualidade ao nosso trabalho. Dinamiza, você consegue dialogar incorporando elementos.

Varnecki - Quer ser universal descreve sua aldeia mas quer morrer negue sua aldeia. Quer morrer negue, eu não nego e não percebo isso em Nando, Ivan...

Nando- Por que a gente faz questão de estar sempre numa região em contato, viagens, alimentando, isso é muito importante para a produção de uma obra.

7- Nando - Esse retorno à cidade agora agregando... um tipo de trabalho que a gente não produzia lá, então a gente leva toda uma experiência. No que eu sinto com essa relação com o movimento de lá... o que eu sinto muitas vezes é que o movimento lá eles se fecham muito, eles se fecham para o que vem de fora. É aquela visão de preservação da aldeia, né. E a gente tem debatido muito que é importante que lá na região que se tenha uma visão de ampliar, de receber, de interagir... a gente não pode se fechar. No momento em que a gente se fecha, para que receba influência... a gente nessa tentativa de achar que está preservando e produzindo um trabalho... Como eu estava falando, esse retorno a gente tentou de todas as formas ajudar na organização do movimento produzindo várias atividades inclusive que a gente entendeu que estava muito fragilizado lá que era justamente o conhecimento sobre o gênero literário, a ideia de se apropriar mais do conhecimento. E a gente tentou fazer vários seminários, vários encontros. Levamos várias pessoas do Brasil inteiro que participaram lá, o próprio Varnecki foi, Aderaldo, Lucineide Vieira, o Machado Nordestino, Arievaldo Viana. Todos eles estiveram lá fruto desse processo em que a gente tem desenvolvido e para vocês terem uma ideia o próprio pessoal de lá fica questionando por que trazer esse povo? Para que? Se a gente daqui já sabe de tudo. Então tem muito esse sentimento assim que é bem provinciano, não se abre, não quer interagir com pessoas de outras partes, acham que as pessoas vão roubar o espaço deles. Isso aí é uma coisa de pensar pequeno, não pensa como uma visão de mundo, isso é muito ruim, isso tem a ver com que a maioria do movimento poético lá é de... fugiu e ficou preso ali, não está aberto a conhecer, né, outras regiões. Então isso é uma coisa muito ruim que tem dentro do movimento.

8 - Varnecki - Eu, aconteceu da seguinte forma. Eu conhecia São Paulo desde muito criança, eu vim aqui em São Paulo acho que tinha oito anos de idade, mas nunca quis morar, até me convidaram... escola, não sei o que, para vir para morar, mas eu nunca quis. Mas quando eu lancei o primeiro cordel no ano de 2001 eu vim lançar aqui na universidade e foi onde eu tive maior receptividade. Mas que na minha cidade, na minha cidade graças a deus nunca compraram nenhum livro meu [risos]. Mas aqui eu senti uma possibilidade de até viver como uma profissão, trabalhar com

essa literatura que era uma coisa impensada até então. Então, eu vim em 2001 e fiz esse lançamento depois voltei em 2005 e fiz uma outra série de palestras por aqui e aí agora quando terminei a faculdade, por que eu continuava escrevendo e publicando na Paraíba, aí foi que eu decidi mesmo por causa do cordel, de vir pra São Paulo e vi a possibilidade de viver dessa literatura, então eu terminei a faculdade no ano de dezembro de 2006 e em fevereiro de 2007 eu vim pra São Paulo pra tentar viver exclusivamente dessa literatura porque era coisa que eu sabia fazer ou estava aprendendo...

9 - Varnecki - História, mas nunca... dei aula dois anos e foi o suficiente para saber que não era isso que eu queria. Mas o cordel sempre me agrada muito trabalhar com essa literatura então foi a partir dele, pelo cordel, que eu vim morar em São Paulo. E aí, as dificuldades foram as mesmas de todo trabalhador. Eu tive... não sei, assim... Eu vejo o quanto gente do Nordeste sofre né, já escutei assim, até mesmo quando indo dar palestra quando abre a boca, por conta do sotaque, escutar uma risadinha sem graça, mas eu respondi sempre muito a altura. Uma vez eu abri a boca e começaram a sorrir do meu sotaque e aí eu disse: interessante, você sorri do meu sotaque, mas eu não sorri quando você está na faculdade e diz a “gente vamos” assassinando a língua portuguesa. Ninguém mais deu um pio, então eu sempre respondi muito a altura, o suficiente para a pessoa saber com quem estava mexendo. Aí, fora disso, nunca sofri aquele preconceito... não. Assim, não posso dizer.

Nando - A gente sofreu foi de frio aqui...

10 - Varnecki - Não, entre os cordelistas uma relação muito boa. Aqui e lá, uma situação em que as vezes um tomado de alguma vaidade, pode ser que a gente desagrade ou não sei o que..., mas uma relação legal. Nunca foi assim prejudicada pelo meu jeito de ser e pelo fato... o que acontece e aí é em todo meio, não é só entre cordelistas. É entre cordelistas, é entre músicos, é entre os padres, é entre os políticos, é entre os pastores... o que tem muito é ciúme né. Se um vê que você está se destacando um pouquinho aí você já começa a provocar um frisson assim... mas aí é da pessoa, não é problema meu não. É problema dela lá que tem problema de personalidade, problema com vaidade. Eu não tenho dessas coisas, no geral sempre me dei bem com todos e sempre aqui em São Paulo somamos. A nossa história foi sempre de somar, nunca tive... não vim para dividir, vim para somar e o cordel foi sempre esse instrumento de soma, de falar daquilo que acredita. Uma pessoa me pergunta assim: como você é? Eu digo quer me conhecer leia minha poesia que você vai saber um pouco de mim. Então é assim, tem sido essa a trajetória.

Nando – A minha relação com São Paulo é bastante antigo, sempre participei dos movimentos estudantis e eu tive oportunidade de vir num congresso em Santa Catarina e antes de vir para Florianópolis em 85 eu passei dois dias em São Paulo ai eu adorei, fiquei sempre na cabeça de retornar, em 87 eu vim pra outro encontro

aqui no estado de São Paulo, foi em Campinas mas passei por São Paulo, daí veio dois encontros nacionais do PT, em 88 e 89, e de lá pra cá não tenho condições de contar quantas vezes eu vim pra cá. Teve durante 10 anos que eu vinha de dois em dois meses pra São Paulo e depois decidir minha vinda pra São Paulo em 2007, se discutiu a possibilidade de vir para cá, ajudar na militância, nos movimentos sociais, foi quando eu vir atuar na zona sul, vim com toda a família e me instalei na cidade e fiquei até 2013 quando retornei para Natal. Eu não tive dificuldade de me relacionar com as pessoas até mesmo por que a maior cidade nordestina é São Paulo. Eu fui trabalhar, entrei dentro de uma escola, fui trabalhar com sociologia, trabalhei bastante com o tema de migração e a dificuldade que eu tive no primeiro momento, principalmente no início dos anos letivos, alguns alunos achavam engraçado meu sotaque e começaram a rir e brincar mas a gente com conteúdo, se impondo, debatendo, ia quebrando barreiras e visões que se tinham da participação do nordestino na cidade, onde a gente trabalhava o tema da migração e a gente pergunta a origem de cada um e quando a gente ia olha de fato a origem de cada um, todos tinham um pesinho na migração. Teve uma aluna, eu me lembro muito bem, na escola da Zona Sul que disse: “não, eu sou neta de espanhol”, eu disse: “é os espanhóis também vieram para cá que sofreram muito na Europa, não tinham terra, estavam desempregados, morreram muitos de fome e uma saída para escapar foi vir para o Brasil”. Então todos estão no mesmo barco. Mas era uma coisa que a gente levava e debatia, inclusive levava que as pessoas reconhecessem o fato de terem origem nordestina por que muitos negavam essa origem, muitos diziam: “eu sou paulista”, inclusive o que eu fazia quando falava da origem de cada um, a grande maioria absoluta dizia que era paulista. Se um chinês que nasceu em São Paulo, ele muda as feições? Eu perguntava aos meninos e todo mundo sabe que não, isso não quebra a origem, a origem se mantém é preservada e a gente olhava para cara de cada um, a gente via a cara de um baiano, de cearense, de pernambuco, não tinha como negar essa presença nordestina na origem de cada um, mas foi tudo legal, muito bom, tanto é que até hoje muitos dos meus alunos, estão no meu facebook, de vez em quando manda uma mensagem e a gente vai trocando ideias.

Recado final

Nando - Esses estudos acadêmicos, muitas vezes é muito importante por que sistematiza um pouco o estudo sobre algum tema, mas é importante não ficar só dentro dessas teses não, que se alarde, que as universidades derrubem os muros e leve todas essas produções ao público maior que é o povo.

ANEXO 6 - Entrevista com Nando Poeta

Sou cordelista e educador. Meu nome é Nando poeta.

1 e 2- A Estação do Cordel é uma associação cultural que se desenvolveu a partir de um grupo de cordelistas aqui de Natal/RN. Que em 2016 organizou o Ciclo Natalense do Cordel, que foi justamente num momento em que se debateu e se discutiu o cordel no Brasil e as experiências de organização no país e no nosso estado. Foi um momento em que aglutinou vários cordelistas do país inteiro, veio gente de São Paulo, veio gente do Rio, veio gente de Aracajú, veio gente de várias cidades do interior do Rio Grande do Norte... e partir dos temas debatidos se discutiu também a organização dos cordelistas, inclusive no nosso estado. A Estação do Cordel é a evolução desse debate surgido em novembro de 2016. Quando chegou 2017, no dia 14 de março, que é o dia nacional da poesia nós abrimos o espaço Estação do Cordel.

3- A produção hoje ainda é a parte que precisa avançar mais, nós temos várias ideias, estamos selecionando alguns textos pra que a gente possa até o final do ano começar a publicar cordéis de pessoas que estão ao redor da Estação do Cordel, pra que a gente possa publicar esses textos. É verdade que vamos passar por uma triagem, vamos organizar melhor os textos pra que possam ser publicados. Tem o projeto de iniciar isso ainda esse ano.

4- Aqui nós criamos uma associação cultural, tem uma diretoria, a presidente nossa é a Tonha Mota, que a gente fez questão de ser uma mulher, cordelista, que estivesse a frente, que é justamente pra quebrar aquela muralha que se criou no meio cordeliano que só os homens é que estão a frente, e nós achamos que era importante ter uma mulher, cordelista, a frente da associação. Os cordelistas aqui participam da associação, muitos deles são colaboradores que contribuem financeiramente com Estação do Cordel e se envolvem nos eventos que nós realizamos. De março desse ano [2017] até o momento nós já realizamos várias atividades: estudos, debates, feira, sarau... aqui a gente tem interagido com vários outros tipos de arte... organizando e agregando, tem violeiros, tem os considerados poemas livres interagindo com cordel. A gente vem fazendo um trabalho que vem fortalecendo o cordel dentro dessa embarcação de arte poética que existe em nosso país.

5- Particpei de alguns... quando iniciei meu trabalho de cordelista, a desenvolver esse trabalho nosso... eu particpei de um movimento em São Paulo que ficou conhecido como o movimento Caravana do Cordel. Foi lá onde dei meus primeiros passos nesse mundo cordeliano, foi lá que conheci a maior parte dos cordelistas, foi lá que conheci a história do cordel, foi a partir do engajamento em movimento cordeliano Caravana do Cordel que me fortaleceu pra que pudesse, inclusive, entender esse mundo do cordel. A partir do meu retorno à Natal eu também me envolvi na Casa do Cordel, que é outra associação que já dura dez anos que se constituíram. Lá tive uma participação na construção da associação, particpei junto com outros cordelista e desenvolvemos outros tipo trabalho como: seminários, eventos... e agora, estou junto com esse outro grupo de cordelistas desenvolvendo a Estação do Cordel.

6- Algumas diferenças têm. Por exemplo, a Caravana do Cordel não é uma associação... a gente funcionava como um movimento, um coletivo que atuava nos

espaços da cidade de São Paulo desenvolvendo estudos, pesquisas, palestras, debates, oficinas e produção. Lá a gente tinha uma produção bastante acentuada até pelo fato que a Luzeiro, que é uma das maiores editoras e mais antigas do país, dava um suporte pra produzir todos os trabalhos que a gente fazia. É diferente daqui de Natal que nós não temos uma editora de suporte em que toda produção nossa seja... produzida. Então a gente tem dificuldade nessa questão da produção, é uma coisa que a partir da Estação do Cordel é que a gente está iniciando essa conversa pra superar essa debilidade nossa em produzir. Há uma diferença nesse sentido. Lá era uma movimento e do outro lado tinha um suporte pra editar os cordéis, aqui a gente já transformou esse movimento em associação, que é algo mais orgânico mas por outro lado a gente não tem esse suporte de produção, essa é a diferença.

7- É muito importante, porque a gente entende que o trabalho coletivo, a construção coletiva é um diferencial. Existem muitos cordelistas espalhados pelo Brasil afora e tem inclusive, que fazer seus trabalhos de forma individual, é um direito que eles têm. Mas a gente entende que quando se agregam cordelistas em um grupo, seja qual for o grupo, coletivo, associação, movimento... isso dá um suporte muito grande e fortalece. Faz com que todo esse trabalho dê um salto no seu desenvolvimento. Então o trabalho em coletivo é muito importante.

8- Existe. A própria Associação Casa do Cordel, como também existe a Associação Norte Riograndense dos Cordelistas, a Academia dos Cordelistas que também é uma agremiação que aglutina vários cordelistas que também desenvolvem suas atividades, inclusive algumas em parcerias conosco como o ciclo natalense do cordel, que desde o ano passado eles participam e esse ano também estão incorporados desde o início na edição de 2017. Como também a Sociedade dos Poetas Vivos em que lá reúne não só cordelistas, mas os poetas de forma geral, que participam mas também tem o entendimento que tem que estar apoiando e dando o suporte às iniciativas que a Estação do Cordel e outros movimentos de poetas tenham na cidade. Então eles estão envolvidos e ajudando esse projeto nosso que é o ciclo natalense do cordel.

9- É importante que todos esses trabalhos acadêmicos que são desenvolvidos não fiquem só dentro das pastas, em birô, que não termine em uma tese guardada... que esses trabalhos sejam socializados, disponível...todo esse trabalho de pesquisa que tem dinheiro público investido... que possam ser socializado pro conjunto do movimento que está dentro do cordel como também da academia. Então é muito importante. a gente já fez participação em vários trabalhos acadêmicos mas muitos deles morrem quando recebem a nota do trabalho final e a gente acha que as universidades estão se abrindo pra essa discussão, pra esse debate e é importante que dê continuidade com toda essa produção que é feita pelos estudantes e professores envolvidos na produção desses estudos.